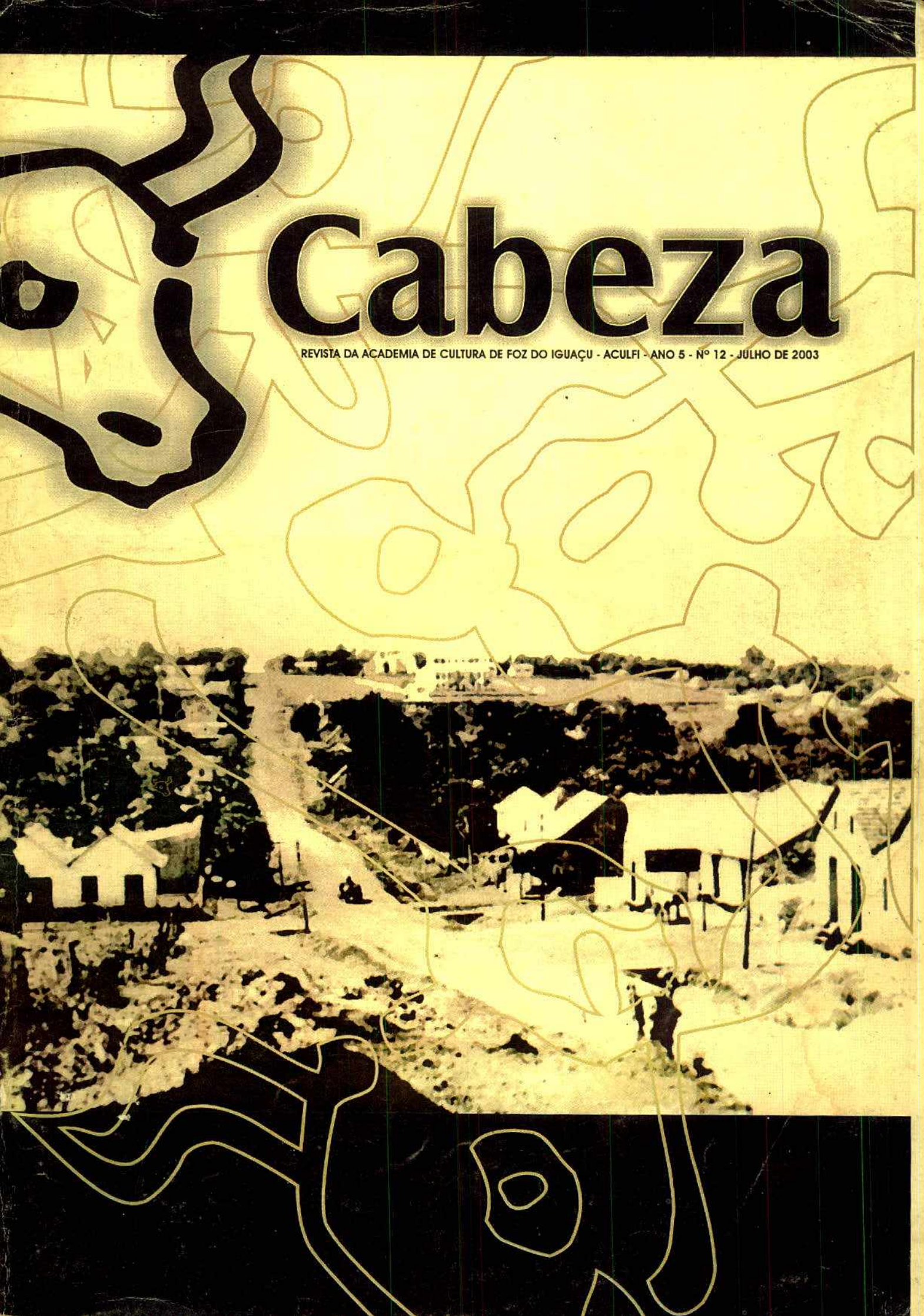
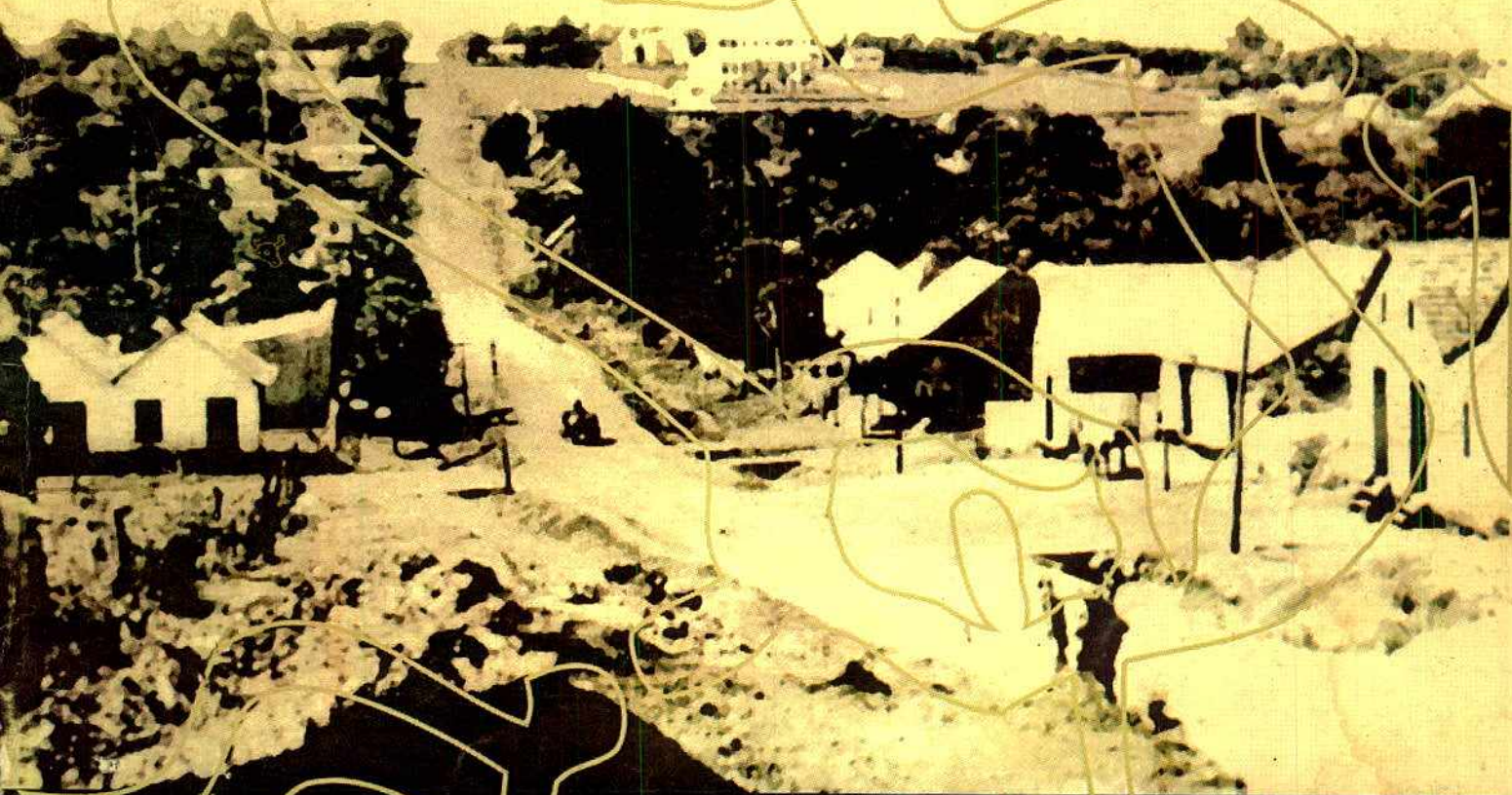




# Cabeza

REVISTA DA ACADEMIA DE CULTURA DE FOZ DO IGUAÇU - ACULFI - ANO 5 - Nº 12 - JULHO DE 2003







**Fragmentos de um apanhado de escritos sobre a cultura, a indústria cultural, suas potencialidades e Foz do Iguaçu**

 **Cabeza**

## **Cabezas de Vacas**

Por Ernesto Kramer



CENTRO DE  
**DIREITOS HUMANOS  
e  
MEMÓRIA POPULAR**  
DE FOZ DO IGUAÇU

### **Cultura é desenvolvimento**

Atualmente a atividade cultural é percebida como veio de desenvolvimento. Ficam ultrapassadas as idéias que relegavam o setor cultural a um lugar alcançado somente após a satisfação das necessidades básicas;

A capacidade empregadora e geradora de ocupações da cultura é simplesmente inesgotável. Alguns poucos estados e municípios brasileiros reconhecem este fato e estão implementando diversas ações concretas para incentivar o desenvolvimento do setor;

Cultura tem a ver com qualidade de vida. Investimento no setor cultural contribui no atendimento às necessidades básicas do artista, tanto como as de todos os envolvidos no processo que leva o produto cultural ao consumidor final;

A indústria cultural pode ser criadora de um amplo movimento para beneficiar não somente os artistas, mas a sociedade toda. Ao crescer, cria um mercado próprio que se consolida como parte da estrutura do turismo e da indústria cultural do país.

### **Financiamento da cultura**

O Estado e a iniciativa privada destacam-se como principais interessados no patrocínio cultural. O Estado deve encontrar e viabilizar fórmulas que facilitem a participação dos diferentes segmentos sociais, numa grande parceria de apoio ao desenvolvimento cultural, especialmente dos grupos sociais historicamente mais marginalizados da dinâmica cultural da cidade;

Os motivos do Estado são políticos. Cabe a ele incentivar e fomentar a produção cultural, ensejando condições para o desenvolvimento das artes. Trata-se de um dever do Estado, um compromisso com as aspirações da sociedade. Existem produções que se sustentam, enquanto outras não o conseguem. Cabe ao Estado zelar para que essas manifestações não desapareçam por falta de apoio;

A iniciativa privada investe na potencialidade mercadológica que atende aos objetivos da empresa. A parceria entre as fontes de financiamento é a que produz a participação do produtor cultural no faturamento do produto.

### **Investir em cultura é uma tendência mundial**

A cultura é um componente essencial ao desenvolvimento da Nação. Através dela, os grupos que formam a sociedade participam e contribuem para o bem coletivo. Junto aos fatores econômico e social, ela forma o tripé sobre o que se apóia a cidadania de um povo;

Os incentivos que o governo dá a empresas que investem na produção cultural vêm confirmar, entre nós, uma forte tendência internacional do mundo dos negócios: a crescente opção pelo *marketing* cultural;

A identidade que as manifestações culturais criam com seus públicos e, por extensão, com as empresas que as patrocinam, traz ótimos resultados em termos de promoção institucional, um retorno mais que compensador;

Neste início de século, o mundo passou a valorizar mais a cultura. Na aldeia global, a demanda pelos bens culturais acompanha o ritmo inédito do turismo internacional e não há paralelo para os lucros que obtêm hoje os entretenimentos culturais e o *show business*;

Turismo, cultura e lazer integram-se aos planos de negócios de uma poderosa indústria, da qual Foz do Iguaçu não pode abrir mão. A integração econômica internacional revitaliza as culturas nacionais, regionais e locais, oferecendo novos canais de comunicação para o que é diferenciado e autêntico, estimulando a expressão individual.

### **Foz tem potencial**

Num mundo sem barreiras, a cultura de um povo é o patrimônio simbólico mais importante de uma Nação. Em sua dimensão internacional, Foz do Iguaçu acolhe a mais diferenciada composição folclórica e étnico-racial. Ao berço índio, português e negro, somam-se tantas etnias e nacionalidades, na convivência interativa de crenças, costumes e artes, a conformar um patrimônio simbólico expressivo e original;

O pouco ou quase nenhum estímulo dado até hoje a esse grande potencial de expressão e criação, deixa Foz à margem de um imenso mercado que tem alcance internacional. A implementação definitiva da Lei Municipal de Incentivo à Cultura significaria uma poderosa injeção de efeito multiplicador na economia local.

**O pouco ou quase nenhum estímulo dado até hoje a esse grande potencial de expressão e criação, deixa Foz à margem de um imenso mercado que tem alcance internacional**

**Turismo, cultura e lazer integram-se aos planos de negócios de uma poderosa indústria, da qual Foz do Iguaçu não pode abrir mão**





|                                                                                  |    | ÍNDICE |
|----------------------------------------------------------------------------------|----|--------|
| Cabezas de Vacas ERNESTO KRAMER                                                  | 3  |        |
| De la abundancia a la crisis MARCELO ROQUE RIOS                                  | 5  |        |
| Uma avenida histórica ELAINE RODINSKI MOTA MELLO                                 | 6  |        |
| Lavagem: de protagonista a figurante ALEXANDRE PALMAR                            | 10 |        |
| Cabeza de Vaca - vale o resgate MONTEZUMA CRUZ                                   | 12 |        |
| Consenso estreito ROGÉRIO ROMANO BONATO                                          | 14 |        |
| Histórias do porão ALUIZIO PALMAR                                                | 16 |        |
| O homem que acreditava em discos voadores ZÉ BETO MACIEL                         | 20 |        |
| Com as Cataratas gravadas no peito ADRIANA ALENCAR                               | 23 |        |
| Futebol de veteranos: exemplo nacional MITO LUIZ MACHADO NUNES                   | 26 |        |
| RF admite fracasso na integração aduaneira ZÉ BETO MACIEL                        | 35 |        |
| Em busca da história de Foz do Iguaçu JACKSON LIMA                               | 36 |        |
| SUPLEMENTO COLT 45                                                               |    |        |
| Comunidades nativas en Argentina y en Paraguay MARCELO ROQUE RIOS                | 39 |        |
| Underground: rostos na multidão RONILDO PIMENTEL                                 | 40 |        |
| Big Brother avança sobre a triplíce fronteira ZÉ BETO MACIEL                     | 44 |        |
| El "Eje del Mal" en la Triple Frontera CLAUDIA KÖROL                             | 48 |        |
| Percalços do Nosso Tempo ANTÔNIO VANDERLI MOREIRA                                | 50 |        |
| Vôo a um passado não muito distante CHICO DE ALENCAR                             | 52 |        |
| Policial federal liga corrupção a inquérito policial ZÉ BETO MACIEL              | 56 |        |
| Pólo Iguazú pode atrair Parlamento do Mercosul ZÉ BETO MACIEL                    | 59 |        |
| A implantação do Mercosul JUPY NORONHA                                           | 62 |        |
| Quem tem medo de poesia? CARLOS LUZ                                              | 63 |        |
| Mercosul: Espaço de Política Ativa MARCO AURÉLIO GARCIA                          | 66 |        |
| Los migrantes brasileños y paraguayos en Argentina MARCELO ROQUE RIOS            | 68 |        |
| A sociedade iguaçuense e as drogas JOSÉ ELIAS AIEIX NETO                         | 70 |        |
| Visita de Hariri reuniu sentimento comum na Fronteira Trinacional ZÉ BETO MACIEL | 72 |        |
| Hoje, só no Brasil, somos mais de nove milhões FOUAD FAKIH                       | 74 |        |



Cabeza é uma revista da Aculfi (Academia de Cultura de Foz do Iguaçu) Ano 5 - nº 12 - julho de 2003

PRESIDENTE: José Elias Aieix Neto - SECRETÁRIO-GERAL: Paulo Ferreira - COMUNICAÇÃO SOCIAL: Nelson Figueira Sobrinho - TESOURARIA E PATRIMÔNIO: Zé Beto Maciel - REPRESENTANTE NA ARGENTINA: Clara Cruz - REPRESENTANTE NO PARAGUAI: Victor Manuel Britez - CONSELHO FISCAL: Rosicler Hauagge do Prado, Nanci Rafagnin Andreola, Claimar Granzotto - CONSELHO EDITORIAL: Degmar Francisco dos Anjos, Francisco Heitor Fernandez, Nelson Figueira Sobrinho, Zé Beto Maciel, Ronildo Pimentel, Jefferson Menzen, Marcelo Zini, Joyce Fernandes - EDIÇÃO: Zé Beto Maciel - FOTOGRAFIAS: Sílvio Vera, Leonir Araújo, Roger Meireles, Robson Meireles, Ronildo Pimentel, Juliano Pimentel, Juca Pozzo, Joel Petroski, arquivos pessoais - REVISÃO: Eliana Coimbra - PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Jefferson Menzen - ARTE-FINAL: Adilson Borges Lago

Endereço: Av. Jk, 469, 4º andar, sala 402 - Fone: 3028 3676 - Foz do Iguaçu/PR - E-mail: aculfi@raiox.com.br



# De la abundancia a la crisis

Por Marcelo Roque Rios

Con la construcción del Puente de la Amistad uni-  
endo a Foz del Iguazú con Ciudad del Este y la aproba-  
ción del proyecto de construcción de la represa de  
Itaipú, las condiciones económicas de la región se  
revaloraron de manera significativa. La ciudad de  
Foz se convirtió en un centro febril donde el trabajo  
no faltaba, el dinero corría rápido, abundante y las  
ganancias se multiplicaban casi mágicamente.

Fue un periodo donde se amasaron enormes for-  
tunas, se construyeron nuevos barrios y los edificios  
de altura crecieron con una rapidez jamás vista. Si a  
ésto se agrega la ocupación plena que obtuvieron los  
labriegos brasilenos en las tierras paraguayas graci-  
as a un convenio con el gobierno de dichos país, se  
puede llegar a la conclusión que en ese periodo nadie  
podía pensar en que tal situación se modificaría de  
manera tan radical.

Lamentablemente la dirigencia empresarial no  
vislumbró el final negativo que fatalmente se aveci-  
naba. Esta falencia costó mucho al sector y a la soci-  
edad en general. Acostumbrados a una entrada de  
divisas y de dinero del País y de los países vecinos,  
los empresarios dedicaron sus esfuerzos y lucros a la  
construcción de obras monumentales, especialmen-  
te en el área de hotelería, dotando a Foz de un par-  
que de alta calificación y pensando - con relativa ra-  
zón- que dichas obras significarían una capitalizaci-  
ón segura para el futuro.

Construcciones que en la época superaban el ava-  
lúo del millón de dólares, certificaban dichas ideas.  
Fue la industria de la construcción la que más dinero  
e inversión movió. Poco y nada se pensó en el sector  
industrial, en el hortícola industrial o en la generaci-  
ón de un polo informático, como una forma de conso-  
lidar la economía con bases sólidas y duraderas.

En esos tiempos la Prefeitura de Foz manejó im-  
portantísimas sumas de dinero y con ellas consiguió  
crear un padrón de vida muy superior al de otras re-  
giones del Estado, pues a la par de lo generado por  
Itaipú, acompañó el crecimiento el turismo generado  
por las Cataratas, con gran afluencia de extranjeros  
adinerados y también por el flujo de brasilenos lle-  
gando de todos los confines para efectuar compras  
en la antigua ciudad de Puerto Stroessner, un merca-  
do libre donde se encontraba manufacturas de cual-  
quier parte del mundo a un precio bajísimo. Dicha  
ciudad era la tercera en el movimiento comercial,  
después de Hong-Kong y Miami.

Consecuencia directa de una verba suficiente y  
de realizaciones sociales llevadas a cabo por los pre-  
feitos de Foz de Iguazú, la ciudadanía y los sectores  
políticos se acostumbraron a ver concretizadas sus  
aspiraciones y - paradójicamente- actuaron y pen-  
saron de la misma manera que el sector empresarial,

dejando a un lado los pronósticos pesimistas.

Para desgracia del Brasil y en especial para Foz y  
la comarca, las condiciones socio-políticas y econó-  
micas comenzaron a empeorar, dejando atrás el ca-  
mino fácil, para entrar en una trilla abrupta, plagada  
de dificultades, tanto en el País como en las naciones  
vecinas: Paraguay y Argentina.

En el primero, el sector agrario, debido a las po-  
líticas implantadas por el gobierno del presidente  
Wasmosy, millares de campesinos y empresarios agra-  
rios brasilenos fueron retornando al país de origen,  
pensando asentarse en Foz, el lugar más cercano e  
importante en la frontera.

En el caso de Argentina, con su política de férreo  
control aduanero, la mayoría de las veces injusta y  
arbitraria, influenció en gran parte a perjudicar el  
comercio no solo de Foz, sino también al de Puerto  
Iguazú. Al mismo tiempo, un Itaipú finalizado, signi-  
ficó un verdadero ejército de desempleados, muchos  
de los cuales ya se habían afincado en la ciudad.

Acompañando esos hechos, la próspera Ciudad  
del Este fue decayendo debido a la crisis creada por  
la globalización neo-liberal y las presiones de los Es-  
tados Unidos de América con sus pretensiones hege-  
mónicas en lo financiero y con la histeria del terro-  
rismo, basado más que nada, en un racismo mal di-  
simulado.

Todo ese cúmulo de negatividades llevó apareja-  
do el agravamiento de la Prefeitura de Foz en sus  
deseos de poder cumplir con los programas sociales  
ya implantados históricamente y, como ya se dijo  
anteriormente, hechos carne en la población.

Es de preguntarse si hoy, en el año 2003, la Pre-  
feitura de Foz de Iguazú podría desempeñarse como  
en el pasado, cuando los presupuestos eran holgados  
y las arcas municipales se llenaban con facilidad y  
rapidez.

Los problemas actuales son graves y requieren  
de mucha capacidad técnica y solvencia moral para  
ser resueltos por parte de la Prefeitura, mas sin olvi-  
dar que también en esa gestión debe intervenir la  
ciudadanía a través de sus organizaciones de base,  
las comisiones barriales, las corporaciones de traba-  
jadores y de empresarios, aunando esfuerzos e ima-  
ginación para vencer a la crisis que la aflige.

Mas sin duda alguna, la lucha mancomunada de  
todos los sectores políticos y sociales de Foz de Igu-  
azú logrará sus propósitos, ya que el triunfo incluirá  
no solo a la administración municipal, sino a la soci-  
edad en su conjunto, coronando un futuro promisor  
que tanto merece Foz de Iguazú.

**En el caso de Argentina, con su política de férreo controle aduanero, la mayoría de las veces injusta y arbitraria, influenció en gran parte a perjudicar el comercio no solo de Foz, sino también al de Puerto Iguazú**

**Es de preguntarse si hoy, en el año 2003, la prefeitura de Foz podría desempeñarse como en el pasado, cuando los presupuestos eran holgados y las arcas municipales se llenaban con facilidad y rapidez**

Marcelo Roque Rios, argentino, é jornalista e escritor



A Avenida Brasil, no centro da cidade, sempre foi um local de muitos acontecimentos; até mesmo o então Presidente da República em exercício, Café Filho, fez parte de sua história

# Uma avenida histórica

Por Elaine Rodinski Mota Mello



R

elatos do 2º Sargento do Exército José Maria de Brito, em sua publicação "Descoberta e Fundação da Colônia Militar", de 1937, informam que uma expedição nomeada para fundar a Colônia Militar nesta região tinha a missão de se instalar onde atualmente encontra-se o Colégio Agrícola, na Avenida General Meira.

A Comissão Estratégica do Paraná, chefiada pelo Engenheiro Militar Capitão Belarmino de Mendonça Lobo deu as coordenadas para que a colônia fosse fundada no local previsto. A expedição, chefiada pelo Tenente Engenheiro Militar José Joaquim Firmino e que tinha como auxiliar o Sargento José Maria de Brito, chegou à região em 22 de novembro de 1889, procedente de Guarapuava. Inicialmente, seguiu as determinações para o local de instalação, mas a falta de água, aliada a problemas de saúde, ocasionaram uma mudança temporária de local, para as redondezas do

Rio M'Boicy, no atual bairro de mesmo nome. Só que os comandantes e seus comandados acabaram não retornando mais ao local anteriormente indicado. Com isso, o núcleo populacional que foi se sucedendo ao longo dos anos, foi se estabelecendo nas proximidades do Rio M'Boicy e do Arroio Monjolo. Este último, cortava a cidade desde o atual Parque do Monjolo, passando por baixo da Avenida Brasil, onde encontra-se canalizado. É por esse motivo que o centro da cidade está estabelecido no local atual e a Avenida Brasil acabou se tornando a artéria principal da cidade.



## A Avenida Brasil

Contar a história de Foz do Iguaçu e não citar a Avenida Brasil, é praticamente impossível. Inúmeros são os fatos a respeito dessa via mais importante da cidade. A avenida presenciou os primeiros namoros, os primeiros casamentos, e ainda, todas as formas de entretenimento existentes nos primórdios da localidade.

A vida cultural acontecia nos estabelecimentos localizados na avenida. Lojas comerciais foram surgindo ao longo dessa via, que passou por inúmeras mudanças. Inicialmente, era uma via de mão única, passou a mão dupla e voltou a ter mão única novamente. Recebeu sua primeira camada de asfalto na década de 60, no governo de Ozires Santos. Mas antes disso, o barro imperava, principalmente no trecho entre as ruas Jorge Sanways e Bartolomeu de Gusmão, conhecida como "a subida do bota-fogo", porque segundo os moradores da época, tinha de se colocar fogo nas pernas para poder vencer o lamaçal.

Uma das famílias mais tradicionais a se instalar na Avenida Brasil foi a Basso. Irineu Basso, filho de Pedro e Assunta Maria Basso, é um dos ilustres personagens da história de Foz do Iguaçu que guarda muitas lembranças da avenida. Seus pais, italianos, vieram ao Brasil para trabalhar na plantação de café em 1920 e em Foz chegaram em 1934. A atividade inicial de Pedro Basso foi uma pensão, que recebia principalmente turistas argentinos. Depois, a família abriu um estabelecimento comercial que vendia de tudo, tecidos, secos e molhados e armarinhos. Depois veio o cinema, o Cine Star, em 1951, funcionando até 1980. Sua localização era onde atualmente se encontra o Calce Pague, em frente à Travessa Oscar Muxfeldt.

Irineu Basso tem a lembrança do primeiro filme exibido no cinema. Era "A Rainha do Nilo". E ressaltava que o Cine Star, apesar de antigo, não foi o primeiro cinema da cidade. O primeiro foi do sr. Paulo Schwartz, também na Avenida Brasil, no prédio do Hotel Progresso, conhecido como "Balança mas não cai". O cinema acabou sendo

fechado e Pedro Basso então abriu o Cine Star. Segundo Irineu, toda a população de Foz praticamente cabia dentro do cinema. Inclusive uma cadeira era reservada para D. Otília Schimmelpfeng, que não perdia nenhum filme. Os filmes vinham de ônibus. Se chovia, não chegavam e por esse motivo, havia muito filme reprisado, até que chegassem outros.

A divulgação dos filmes se dava por meio do serviço de alto-falante, sistema que existia no "Balança mas não cai". E também eram colocados cartazes no Batalhão do Exército e na Avenida Jorge Schimmelpfeng. As sessões aconteciam todos os dias e nas quartas e sábados à tarde, eram reservadas aos militares. O cinema lotava quase sempre.

## Sistema de som

O primeiro meio de comunicação da cidade foi instalado na Avenida Brasil. Era um sistema de som que funcionava no "Balança". "Era uma torre de madeira, de 15, 20 metros de altura, com alto-falantes e o locutor na rua falando com microfone", lembra Irineu. Os locutores eram Alexandre Lemanski, Augusto Araújo e Bruno Fischt, que não recebiam nada pelo trabalho. Todos os dias, a partir das 18 horas, o sistema de som era colocado em funcionamento. Começava tocando a Ave Maria, depois vinha uma programação musical, propagandas de casas comerciais, a programação do cinema, homenagens a aniversariantes, além de notícias da comunidade. Isso tudo na década de 50.

## Outras diversões e casas comerciais

O bar do sr. Palma era muito freqüentado, localizado onde hoje está a Justiça do Trabalho. Além da casa comercial da família Basso, tinha o Armazém Secos e Molhados, Padaria e Açougue de Pedro Rodinski, além do comércio do sr. Lau Singer, que funcionava em frente. Irineu Basso lembra ainda de Dona Tita Bernardes, também nas proximidades, da família Ridsen, onde hoje encontra-se a Galeria Wadipel. Depois da subida

**Contar a história de Foz e não citar a Avenida Brasil, é praticamente impossível. Inúmeros são os fatos a respeito dessa via mais importante da cidade**





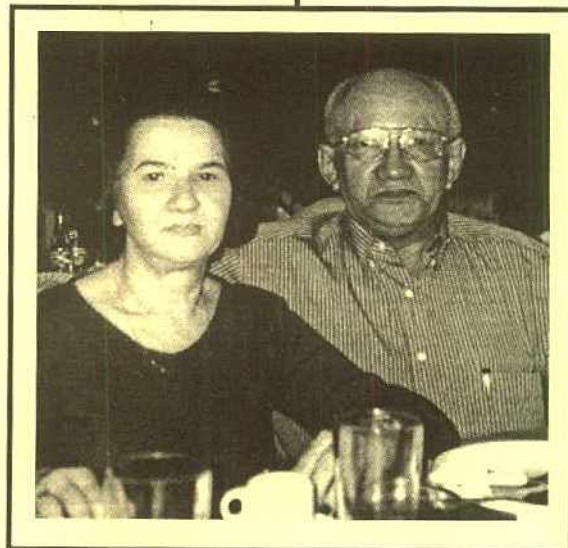
do "bota-fogo", havia a loja do sr. Lázaro, que vendia calçados e roupas. Na Avenida Brasil, esquina com a Rua Rio Branco, morava ainda Bonifácio Palma, conhecido como "Pica-Pau", enfermeiro, que aplicava injeção em toda a população da cidade.

Uma das diversões anuais nas proximidades era a festa junina da Igreja Matriz, que movimentava toda a comunidade. A festa era à tarde e famílias inteiras participavam das brincadeiras. Outra festa junina que surgiu foi a do Batalhão, onde na década de 50, tudo era gratuito: quentão, pinhão, batata doce, milho verde. Tinha muita música e o destaque era uma fogueira gigante.

O primeiro hotel da cidade, o "Brasil", também localizava-se na Avenida Brasil. Era de propriedade de Frederico Engel e o local é onde atualmente se encontra o HSBC e é o mesmo local que posteriormente funcionou o Hotel Progresso.

Segundo Irineu Basso, a primeira camada de asfalto que a Avenida Brasil recebeu foi no trecho entre a Av. Jorge Schimmelpfeng e a Rua Rio Branco, nos anos 60. Naquela época, a Avenida Brasil possuía alguns trechos muito estreitos. Irineu lembra que a propriedade de Ignácio Batista vinha no meio da rua, na esquina com a atual Travessa Oscar Muxfeldt. Anos depois é que a Prefeitura fez o alargamento.

**O primeiro meio de comunicação da cidade foi instalado na Avenida Brasil. Era um sistema de som que funcionava no "Balança mas não cai"**



*O casal Ana Rodinski Mota e Francisco Ferreira Mota (o Motinha)*

### **Pedro Rodinski**

Ana Rodinski Mota guarda lembranças de seu pai, outro pioneiro da Avenida Brasil, Pedro Rodinski, que veio a Foz trazendo gado de Laranjeiras, com Otávio Vaz, no início da década de 30. Estabeleceu-se aqui e montou o Armazém Secos e Molhados, em sociedade com Gregório Dotto, inicialmente onde hoje se encontra a loja Ponto Frio. Posteriormente, o estabelecimento se transferiu para a esquina da Brasil com a Jorge Sanways, ampliando o negócio para padaria e açougue. Conheceu Felícia Martins, que trabalhava no Hotel Progresso e se casaram em 1937.

No comércio estabelecido na avenida, especificamente no caso da padaria, a massa era feita com cilindros manuais e a produção de pães era artesanal. O trigo vinha de Ponta Grossa e da Argentina. O estabelecimento vendia desde produtos alimentícios até querosene em litro, graxa para carro, soda cáustica, armarinhos, sapatos, roupas, acessórios como capas e chapéus. As mercadorias vinham de Ponta Grossa de caminhão do sr. Fardoski, encomendadas a caixeiros viajantes. Ana Mota, que atendia no armazém, lembra que como ali se vendia de tudo, era comum vender querosene, por exemplo, e ter de ir correndo lavar as mãos para vender pão logo em seguida.

O senhor Pedrinho, como era conhecido, atendia os moradores da região e das localidades - 2º

Distrito, próximo onde atualmente encontra-se a Igreja São José Operário e Arroio do Tigre - região das proximidades do Rio Tamanduá. Também se fornecia para a Polícia Civil e Departamento de Estradas e Rodagens (DER).

Segundo Ana Mota, nas proximidades do Armazém havia alguns bares, como o do sr. José Bernardi e Pensão da Dona Tita, que recebeu os primeiros fuzileiros navais e militares do então 1º Batalhão de Fronteira, além de viajantes em geral. Havia também o Bar Café com Leite. Onde hoje está a loja Magazine Luiza, existia o Bar da Dona Filomena Villordo. Ana Mota lembra que na avenida, em 1946, circulavam apenas dois carros, o da família Schinke, um carro Chrysler 38 e o da Mate Laranjeiras, um carro inglês. Havia ainda a carroça do Dadá, que fazia frete.

Os meios de transporte mais comuns eram as carroças e cavalos. As carroças, aliás, sempre acabavam protagonizando muitos sustos, uma vez que disparavam morro abaixo, chegando muitas vezes a tombar. Outro estabelecimento comercial da avenida era a padaria da Dona Olga, que funcionava onde atualmente encontra-se a loja Sadi Magasin, em frente a alfaiataria de Francisco Ferreira Mota, com quem Ana se casou em 1955. Motinha, como é conhecido, chegou a Foz em 1948, vindo de Igreja Nova,



# A Brasil de hoje

A atual Avenida Brasil tornou-se um emaranhado de veículos e pedestres. O barro deu lugar ao asfalto, as casas de madeira deram lugar a prédios imensos. Muitos hotéis e uma variedade de estabelecimentos comerciais se instalaram nessa via.

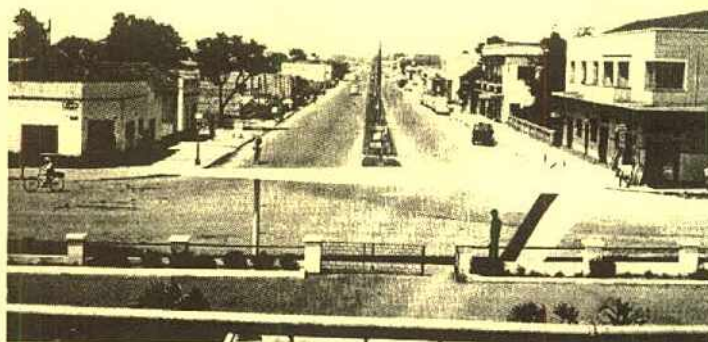
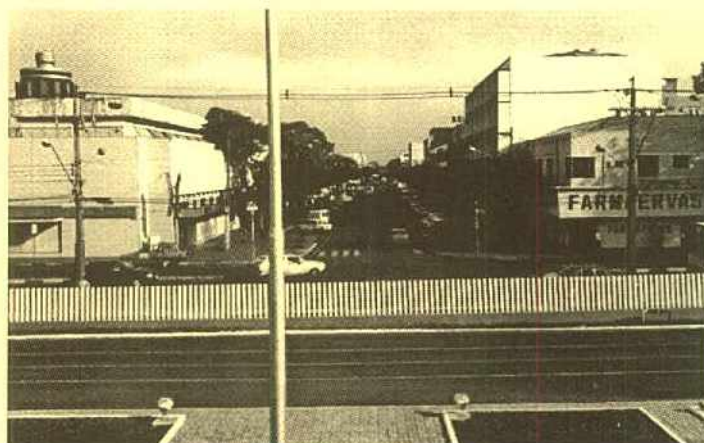
Muita coisa mudou nesses longos anos de história. E essa mudança deve continuar. Um projeto de revitalização, coordenado pela Secretaria Municipal de Planejamento e que deve estar definido e colocado em prática nos próximos meses, dará uma nova roupagem à avenida. Segundo o secretário de Planejamento Rodiney Alami, a intenção é fazer com que a Avenida Brasil se torne um *shopping* horizontal, que os cidadãos iguaçuenses e os turistas, principalmente os estrangeiros, usufruam de um local agradável e com muitas opções de compras, com segurança e conforto.

Mesmo com tantas modificações, aquela avenida de barro ficará guardada na memória dos pioneiros de uma Foz do Iguaçu precária nas suas condições, mas atenta para o progresso. E que sua história seja contada e preservada sempre, para que as gerações futuras possam conhecê-la e valorizá-la.

Alagoas. Sobrinho de José Vicente Ferreira, aqui se estabeleceu trabalhando inicialmente na alfaiataria de Idalino Favassa, na esquina da Avenida Brasil com a Rua Quintino Bocaiúva. Em 1954 montou sua própria loja de confecção, na avenida, no prédio onde funcionou o açougue de Pedro Rodinski.

Em 1957, passou a trabalhar com caminhão e depois com táxi. Em 1976, foi criada a Associação dos Condutores Autônomos de Foz do Iguaçu, transformada em Sindicato em 1978. Sua sede funcionou por muitos anos também na avenida, no piso superior da então Farmácia Universal, hoje Farmácia União.

Um dos momentos mais marcantes da história da Avenida Brasil ocorreu em 1951 e é lembrado por Motinha. O então presidente em exercício Café Filho, em visita oficial, ao passar pela Avenida Brasil em direção ao aeroporto, localizado onde hoje está o Clube Gresfi, teve o veículo que o conduzia atolado na "subida do bota-fogo". O veículo, uma caminhonete Chevrolet, da Marinha, foi empurrado por populares e soldados do Exército, até que conseguiram vencer o lamaçal. Chovia há dias na cidade, inclusive tendo ocasionado a permanência forçada do presidente, que ficou hospedado no antigo Hotel Cassino.



**Elaine Rodinski Mota Mello** é turismóloga e estudante de jornalismo da UDC



# Lavagem: de protagonista a figurante

Por Alexandre Palmar



**O** frenesi surgido no primeiro semestre deste ano em torno do envio de US\$ 30 bilhões para o exterior pelo Banestado tem revelado peças importantes dessa "investigação nacional". Uma das mais relevantes é a mudança de estratégia para identificar os verdadeiros beneficiados, os "peixes grandes", do esquema operado de 1996 a 1999 por diferentes agências bancárias do antigo Banco do Estado do Paraná.

O passo fundamental dessa perseguição para identificar o destino da dinheirama foi dado pelo Ministério Público Federal de Foz do Iguaçu, com esforço essencial de dois jovens procuradores da República. Sempre no anonimato, sem buscar holofotes, a dupla enfrentou e convenceu colegas de outras praças que os inquéritos de lavagem de dinheiro não deveriam tramitar na cidade.

A justificativa aparente é simples. O andamento dos mais de 700 inquéritos chegara a um estágio no qual era possível condenar os laran-

jas, de diferentes lugares do Brasil. Em pouco tempo teríamos milhares de "lambaris" lotando ainda mais as cadeias brasileiras. Optou-se, então, por outro viés: transferir a papelada para Curitiba, centro onde é possível identificar os bagres da rede criminosa.

A remoção (declínio de competência) vai facilitar o trabalho dos procuradores curitibanos na vara especializada em crimes contra o Sistema Financeiro Nacional, criada em junho. As outras duas capitais do Sul, Florianópolis e Porto Alegre, também ganharam o reforço. A medida parece ser simples, mas demorou quase um ano para ser concretizada.

Com a mudança, Foz passa de protagonista para figurante na investigação. Segundo os procuradores, os anos de inquérito na tríplice fronteira possibilitaram identificar e interrogar donos de casas de câmbio, doleiros de médio porte e gerentes de bancos, além dos milhares de la-



ranjas. Ficou claro que, no complexo caminho do dinheiro até aos paraísos, eles faziam papel de pequenos intermediários.

O objetivo, agora, é dispensar as demoradas cartas precatórias e ouvir diretamente quem de fato comandava o Banestado à época do envio das remessas (96 a 99). Figuram na lista ex-presidentes do banco, ex-secretários da Fazenda e ex-governadores. Somam-se à lista os diretores do Banco Central, em Curitiba, e os bancos que operavam com contas de não-residentes, as CC-5.

Graças a circular 2.677, assinada pelo ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco em 1996, as agências iguaçuenses do Banestado, do Banco Araucária, Banco do Brasil, Bemge e Banco Real fizeram transações internacionais acima de R\$ 10 mil sem notificar ao BC. O MPF quer saber quais interesses teriam levado Brasília, responsável pela brecha, a não acompanhar os reflexos da circular.

Sabe-se que os US\$ 30 bilhões passaram por 137 contas, controladas por 12 doleiros, de uma modesta agência do Banestado em Nova Iorque. Cabeça apurou que somente cinco contas receberam metade dessa grana. Seriam essas as usadas pelos chefes do esquema, entre eles supostamente um senador e um ex-candidato a presidente da República.

Conforme o delegado da PF, José Francisco de Castilho Neto, afastado do caso em junho em virtude de suas declarações à imprensa, a revelação dos nomes dos autores das remessas ilegais, "políticos e grandes empresários", pode chocar muito mais o País do que o *impeachment* do presidente Collor.

Pela lógica, é possível supor que mandantes de Brasília também sejam convidados a depor pelo Ministério Público Federal. Quando a investigação chegar a esse estágio (caso o crime não prescreva), daí sim se saberá a verdadeira origem do dinheiro, seu elo com corrupção, desvio de verba pública, narcotráfico, contrabando e outras atividades ilícitas.

O Congresso esboça uma tentativa de apuração paralela através de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Mesmo abalada por interesses políticos, a chamada de CPI do Banestado deve ajudar, se conduzida com independência pelos três poderes. No entanto, é público que os procuradores estão anos-luz à frente da investigação. Somente um inquérito aberto em Foz tem mais de 40 volumes e mil anexos. A dúvida recai sobre o comportamento do Planalto quanto à revelação de nomes envolvidos no esquema.

Porém muita água rolou da recente "descoberta" de que Foz era um instrumento técnico da lavagem ao tempo das primeiras denúncias feitas pelo então procurador de Cascavel, Celso An-



tônio Três, em 1997. Muitas informações sobre o tema foram publicadas desde a primeira matéria sobre o assunto (da qual o jornalista Chico de Alencar se orgulha de ser o autor, ao lado de seu colega Gustavo de Aquino).

Criou-se uma cultura negativa em torno da fronteira. É difícil encontrar um grande jornal de expressão internacional, um jornal de abrangência nacional ou estadual que não tenha colocado "iguassu" como reduto de criminosos ou "ânus do mundo", conforme o escritor Jeffrey Robinson em *A Globalização do Crime* (Ediouro). Recentemente, um jornal gaúcho denominou a área trilateral de "País bandido" por causa das atividades ilícitas.

Seria ingênuo negar a existência dos problemas fronteiriços (agravados pelo grande e fácil movimento de pessoas, estrutura precária dos órgãos de segurança e omissão de agentes públicos). Mas daí a ser uma lavanderia sem fronteiras existe uma larga escala. Mudado o foco das investigações, os autos judiciais revelam que os braços dos milionários parecem estar no centro político do País.

É possível arriscar a afirmação de que os grandes não residam em Foz, embora a cidade sempre tenha sido acusada de ser uma lavanderia por ser o coração da triplíce fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina. Do contrário, estas terras abrigam alguns milionários, quem sabe bilionários. Encontrá-los seria um verdadeiro furo jornalístico.

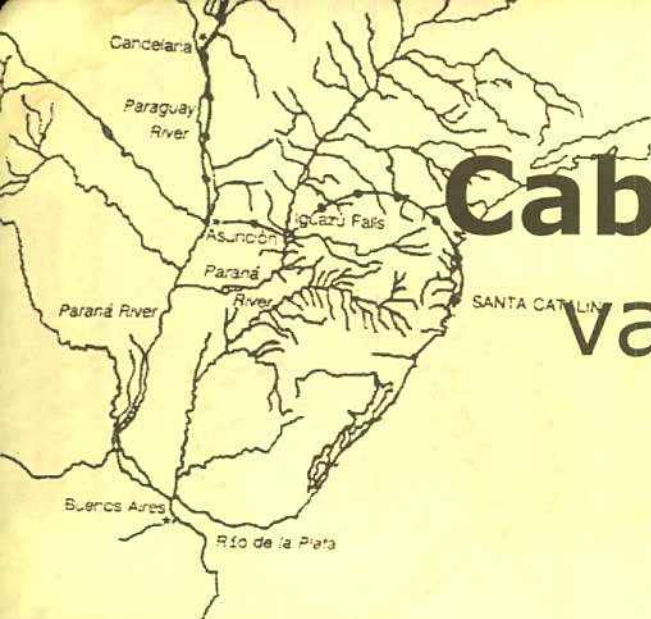
Ou, numa hipotética divisão justa do bolo — que contrastaria com a miséria de dezenas de milhares de iguaçuenses —, a realidade revelaria 270 mil moradores com US\$ 111 milhões no bolso cada um. Alguns deles devem ter um pouco mais, porque nada vi dessa dinheirama.

**Mesmo abalada por interesses políticos, a chamada de CPI do Banestado deve ajudar, se conduzida com independência pelos três poderes**

**Porém muita água rolou da recente "descoberta" de que Foz era um instrumento técnico da lavagem ao tempo das primeiras denúncias feitas pelo então procurador de Cascavel, Celso Antônio Três, em 1997**

**Alexandre Palmar** é jornalista, repórter da Folha de Londrina e delegado do Sindicato dos Jornalistas do Paraná





# Cabeza de Vaca vale o resgate

Por Montezuma Cruz



Álvar Nuñez Cabeza de Vaca está nas apostilas escolares e livros de navegação, mas ainda merece uma investigação mais aprofundada por historiadores brasileiros. Sua participação na conquista da fronteira não está pronta. Quem sabe, possa um dia ser reescrita, a partir da Espanha, de onde ele saiu.

A perspectiva de se "garimpar" documentos e depoimentos naquele país demonstrará que a história não pode ser mera reprodução do passado, nem sucumbir, estática. Exige revisão, como forma de contribuição para se entender o presente.

O comandante dos 400 homens que desembarcaram no litoral catarinense 40 anos após o Descobrimento do Brasil não foi o primeiro conquistador a descobrir as Cataratas do Iguaçu, e sim, o primeiro europeu a contemplá-las e dela se aproximar. A revelação surpreende e inspira qualquer historiador a procurar os demais desbravadores.

Há sete anos, para atrair turistas espanhóis, autoridades de Foz do Iguaçu projetaram uma

homenagem a Cabeza de Vaca: um busto no Parque Nacional. Até então, o único a ter semelhante reconhecimento fora o pioneiro da aviação, Alberto Santos Dumont, que se hospedou na cidade em 1916. Há um ano, Rogério Bonato registrou no livro *Ara'puka, conflitos e labirintos do paraíso*, a importância da passagem do espanhol pela região. O livro reúne preciosas passagens da vida desse expedicionário.

Que influência Cabeza de Vaca causou no processo de colonização, uma vez que a história do Brasil praticamente o desprezou? — desafia Bonato. "Para compreendê-lo seria necessário conhecer o ímpeto daqueles aventureiros, para depois comemorar a sorte, qual nos impôs o destino, por ter sido ele a primeira autoridade credenciada a explorar o sul do continente", acrescenta.

Balboa descobriu o Pacífico, o *Mar del Sur*, lembra Bonato num diálogo sobre grandes vultos, com o dono da pensão onde morou, Antônio Cabral de Mendonça, seu Cabral. E foi Cabeza de Vaca quem concluiu que a América era um continente.



# Ele sonhava além do horizonte.

## E não inventou as Cachoeiras de Santa Maria

Somente na primeira metade do século XX, os historiadores e pesquisadores Morris Bishop, Henry Miller e Fernández de Oviedo buscaram registros concretos a respeito dos feitos de Cabeza de Vaca. *Ara'puka* revela: "A menor margem de erro para definir o nascimento dele está entre março e junho de 1492, em Jerez de la Frontera e não em Sevilha, como defendem alguns estudiosos. Deve-se a Hipólito Sancho de Sopranis, por meio de laboriosas pesquisas no território de Andaluzia, a quase exatidão do nascimento de Álvar, um dos seis filhos de Francisco de Vera e Teresa Cabeza de Vaca, o sobrenome mais nobre. Seu avô paterno, Pedro de Vera, conquistou as Ilhas Canárias e foi um dos heróis da libertação de Granada. (...) Desde cedo os jovens ansiavam a aventura, uns esperando a riqueza, outros o conhecimento. Álvar também sonhava além do horizonte".

Bonato corrige crendices, mentiras e qualquer quantidade de palavras que puseram na boca de Cabeza de Vaca, sobretudo a respeito das Cataratas, as quais não batizou de **Saltos de Santa Maria**, ou rogou-lhes as bênçãos de beleza e admiração, conforme profetizam alguns livros escolares e materiais publicitários.

O expedicionário nada mencionou sobre aquilo que lhe surgiu, como um sofrido obstáculo a transpassar e nada mais.

"É de imaginar as dificuldades que encontrou

com sua gente até superar as imensas cachoeiras". O livro reprisa a existência de remotos vestígios de aldeamentos nômades no interior do Parque Nacional, uma característica comum do povo guarani. "Álvar e seus homens teriam adquirido canoas na altura de Capanema, portanto, próximos das Cataratas. É possível imaginar o sofrimento daqueles cristãos, com a obrigação de carregar as embarcações em terreno tão inóspito, de vegetação úmida e em áreas cujo piso é tão irregular, que é difícil caminhar com as mãos livres. A tarefa de transpor uma tropa carregada de mantimentos, animais e artefatos de primeira necessidade sobre aqueles precipícios escorregadios deve ter causado ódio, de modo a não restar suspiros de contemplação. Diante desta razão, é possível que o escriba Pero Hernández tenha tratado tão friamente aquilo que hoje veneramos como um dos monumentos naturais mais formosos".

E adverte que, em nenhum lugar se registrou que o conquistador tenha se encantado com as quedas, a ponto de batizá-las como **Cachoeiras de Santa Maria**. Ou comentado que eram "divinamente infernais; um privilégio vê-las, uma temeridade enfrentá-las".

---

**Montezuma Cruz** é jornalista em Brasília e trabalhou em Foz do Iguaçu entre 1991 e 1996

---

Em 1996, autoridades e representantes do turismo paranaense visitaram Jerez de la Frontera, na Espanha, a terra do conquistador, Sevilha, Barcelona e Madri. Tentava-se reconquistar visitantes espanhóis, cujo fluxo de viagens a Foz havia diminuído. Naquele período, atrás da Alemanha, a Espanha classificava-se em segundo lugar entre os principais parceiros turísticos de Foz. Na Biblioteca Especializada em Turismo Frederico Engel, é possível conhecer relatos que explicam a aventura de Cabeza de Vaca pelo continente, até Assunção, no Paraguai. Consta que, ao chegar na capital paraguaia, ele soube do insucesso dos estabelecimentos espanhóis no Prata. Em 18 de outubro de 1541, o conquistador carregou o que pôde de ferro em barra para fabricar machados, facas e outros objetos que presenteou às populações indígenas.

A caravana chegou às margens do Rio Iguaçu em 14 de janeiro de 1542. Os índios, primeiros bons guias de turismo na época, só não teriam alertado o batalhão espanhol sobre o perigo das

Cataratas, só percebidas pelos viajantes, por causa das nuvens de neblina e pelo estrondo da água. Diversos autores mencionam o som das águas.

No que se sustentava a história de quase 500 anos numa época em que se sonhava com a construção de um Museu Histórico em Foz, para reunir o acervo disperso numa vasta faixa dos rios Paraná e Iguaçu? Em depoimentos de aproximadamente 40 pioneiros, reunidos pela Fundação Cultural de Foz, nos 80 anos da cidade, dentro do Projeto Memória. O Museu do Parque Nacional aguardava recuperação. Por sua vez, o Ecomuseu da Itaipu Binacional colecionava peças de cerâmica com mais de cinco mil anos, resgatadas entre Foz e Guaíra. O único referencial sobre as etnias fronteiriças ainda é encontrado no Museu Fortín M'Bororé, em Puerto Iguazú (Misiones), na Argentina.

De lá para cá, qual a novidade que soubemos a respeito do passado do conquistador? O que mais pudemos acrescentar à sua histórica vinda para esta região?

**O único referencial sobre as etnias fronteiriças ainda é encontrado no Museu Fortín M'Bororé, em Puerto Iguazú (Misiones), na Argentina**

**Há sete anos, para atrair turistas espanhóis, autoridades de Foz do Iguaçu projetaram uma homenagem a Cabeza de Vaca: um busto no Parque Nacional**



# Consenso estreito

Por Rogério Romano Bonato



O

Poucos obedecem à ótica, de que a região foi durante séculos, um paraíso perdido, fonte de toda a vida, assim reconhecida pelas tribos nômades que a protegiam, vilipendiada diante de suas riquezas e hoje o entroncamento de culturas latinas

maior dentre os pecados sobre a manutenção da nossa história é o descaso. Cometem-se erros de todos os gêneros, desde a falta de atenção para com as fontes documentais, até incoerências, que lamentavelmente assumem a forma da verdade com o passar dos anos.

Tenho alguns exemplos: Álvar Nuñez Cabeza de Vaca nunca relatou haver batizado as Cataratas do Iguaçu como Saltos de Santa Maria. Se não o fez em seus diários de bordo, mais precisamente na obra "Commentarios", relatada por Pero Hernandez, dificilmente documentaria o feito de uma outra maneira.

A desinformação provoca graves anomalias e pode-se constatar isso, ao acessar os sites oficiais, não apenas do município, como os do governo do Estado do Paraná, onde atribuem-se frases ao desbravador, que nunca foram formalmente relatadas. História é isso, é fonte documental.

O maior trabalho já escrito sobre a vida e obra de Cabeza de Vaca, foi o elaborado por Enrique Pupo-Walquer, diretor do Centro de Estudios Latinoamericanos e Ibéricos de la Universidad de Vanderbilt (EUA). Ele escreveu *La vocación literaria del pensamiento histórico en América* e também a célebre *Historia, creación y profecía en los textos del Inca Garcilaso de la Vega*.

Foi ele quem fez brotar à luz pública, o volume *Los Naufrágios*, de Álvar. O autor me foi apresentado pelo livreiro Claimar Erni Granzotto, que

possui algumas preciosas edições originais, ao longo do tempo que ocupei para escrever *Ara'puka, Conflictos e Labirintos do Paraíso*.

O conjunto de evidências e a justa coerência nos escritos de Pupo-Walquer, fizeram-me contactá-lo, de modo a abraçar essa aliança a favor de Cabeza de Vaca e levar mais a sério uma espécie de convenção de tratamento a seu respeito, por exemplo: Álvar Nuñez nunca foi "explorador" e seria uma heresia tratá-lo como "aventureiro", mais ainda "conquistador".

Ele foi um homem a frente de seu tempo, para com os deveres humanitários, senso adquirido após oito anos na condição de escravo na América do Norte e que não foi simplesmente "enviado" por Carlos V, mas dispôs-se à árdua missão de quebrar o cerco de Assunção, onde estavam os cristãos, seus patrícios.

A trajetória de Álvar, em terras sul-americanas, põe-se para a história, mais a favor dos povos nativos, do que para o Império e, essa sorte devemos ao destino, que não nos trouxe figuras como Cortêz e Pizarro, impiedosos e truculentos.

Mais adiante, devemos igualmente corrigir, ou em tese, melhor delinear, os eventos decorrentes da Revolução de 24, que desencadearam as chamadas "colunas". Foram tantos episódios e de atuação bélica tal, a flexibilizarem alguns equívocos; ao sufocar-se a rebelião, a coluna Prestes prosseguiu na chamada "guerra de movimento",



nas não há fontes que assegurem sua estada em Foz do Iguaçu. Luiz Carlos Prestes, acompanhado de um ajudante de ordens, esteve no povoado para o desmonte da frente revolucionária de operações e nada mais, de acordo com a posição de vários historiadores, entre eles Romário Vidal. Neste caso precisamente, eu recomendo a leitura da melhor obra contemporânea sobre a colonização, que é *Obrageros, Mensus e Colonos*, assinada pelo professor Ruy Christovam Wachowicz.

Desanuviar esse muro de incertezas tem sido a obstinação de várias pessoas, eu mesmo resolvi escrever um livro na tentativa de provocar discussões, pois corrigir as deformações, em nada prejudicará a imagem de Cabeza de Vaca, Prestes e outros personagens da nossa história, que muitos, acreditem, julgavam vaga e de verossímeis vagos.

Argumento que precisamos desvendar essa escuridão de 250 anos, lacuna entre os primórdios da colonização e períodos que antecedem a guerra do Paraguai e fixar detalhadamente os períodos modernos. Denota-se que a região de Foz do Iguaçu tenha se mostrado apenas como rota de bandeiras, destruidoras dos povos das missões, esconderijo de escravos e desertores, mais adiante, paraíso da exploração clandestina da erva-mate, madeira; nos anos 60 abrigo de nazistas e nos dias de hoje, filial da Al Qaeda.

Poucos obedecem à ótica, de que a região foi durante séculos, um paraíso perdido, fonte de toda a vida, assim reconhecida pelas tribos nômades que a protegiam, vilipendiada diante de suas riquezas e hoje o entroncamento das culturas latinas. Num repentino salto de 500 anos, ainda nos deparamos com a cruel dúvida: estamos de costas para o Brasil, ou o Brasil ainda não nos entendeu?

Creio que as próximas gerações decifrarão a parábola.

Cabe-me relatar a preocupação com o sentido da existência e a manutenção das raízes da sociedade e venho lutando a favor disso desde que coloquei os pés na região. Me lembro como fossem minutos antes, eu e o Zé Beto Maciel

documentando edifícios antigos, muitos hoje inexistentes. Um trabalho voluntário, encarado com narizes tortos pela maioria.

Hoje, nosso arquivo fotográfico revela a insensatez do literal tombamento, mais pelo desenvolvimento e ganância no setor da construção civil, época em que o valor do metro quadrado equiparava-se ao de Ipanema, do que pela razão histórica de nossos edifícios. Aí observa-se a ausência da política cultural, que não fez força no sentido de proteção de tais monumentos e se eles fossem mantidos, a exemplo de alguns raros, hoje estariam abandonados ou caindo aos pedaços.

O modo com que se utilizou a modernidade,

ou o que se fez em nome dela, não justifica o desprezo com a história, pois também fomos alvos de aventureiros ou pior, que ganharam apoio oficial displicentemente. Lembro-me de um tal Saulo Brasil, que surgiu para confecção de uma revista chamada Memória de Foz, que reuniu centenas, quicá um milhar de fotografias das famílias pioneiras e desapareceu com o material. O suplemento nos surgiu sofrível e nada além disso.

Não vamos longe, nos dias de hoje um grupo de empresários propõe a efetivação de uma rua temática, a Santos Dumont, uma iniciativa plausível, que não esconde o cunho comercial, no entanto, não conseguiríamos voluntários para recuperar o único trecho original da Estrada Velha das Cataratas, por onde passou o pai da aviação e outros vultos e que se confunde com a história da cidade.

Foz precisa discutir a memória, história e as suas raízes, com força de um projeto profissional, com verbas para a pesquisa e metodologia eficiente, que não estacione ou mude de rumo cada vez que se substitua o presidente de uma Fundação Cultural. A cidade precisa de um conselho deliberativo para o segmento, que encontre formas, seja por força de orçamento ou leis de incentivo, para a contratação de historiadores, arqueólogos, museólogos e gente que descubra os vestígios que o tempo vai apagando.

Um outro exemplo mais próximo: Dezenas de estudantes, advogados e por alguma razão interessados, procuram quase que diariamente os arquivos do jornal A Gazeta do Iguaçu. Lá atendemos aos pedidos por força de compromisso com a informação, mas o arquivo que é mantido pela empresa jornalística não é público. Lembro-me de que quando iniciamos o jornal, cedemos duas cortesias de assinatura para a Fundação Cultural e faz pouco tempo, surpreendi-me com a informação de que o arquivo foi, anos atrás, entregue para um coletor de papéis velhos. O mesmo pode haver ocorrido com outros jornais, prospectos, revistas e informativos.

As correções que procuramos fazer, são ínfimas diante da riqueza de nossa história e isso poderá se tornar um forte elemento para fortalecer o turismo, já que é ele a atividade que gera mais divisas. Precisamos encubar a necessidade de uma redescoberta do nosso passado e fazer disso um legado.

**Foz precisa discutir a memória, a história e as suas raízes, com força de um projeto profissional, com verbas para a pesquisa e metodologia eficiente, que não estacione ou mude de rumo cada vez que se substitua o presidente de uma Fundação Cultural**

---

**Rogério Bonato** é jornalista, publicitário e escritor. Fundou os jornais Diário da Cidade, Primeirahora e Gazeta do Iguaçu, matutino que dirige atualmente, além de escrever para jornais de grande circulação, como O Pasquim. Seu primeiro livro *Ara'puka* vendeu 8 mil exemplares no circuito nacional e foi lançado na Bienal Internacional do Livro (RJ). O segundo título do autor, *Encontro de Terroristas*, será apresentado ainda este ano

---



São histórias de prisões, de resistências, de dedos-duros, biltres e lambe-botas.  
Por enquanto vou relatar alguns casos de prisões pitorescas e de resistências

# Histórias do porão

Por Aluizio Palmar



**U**m mês após a abertura dos arquivos da Polícia Federal, relativos à época do regime militar, eu fui credenciado pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos, do Ministério da Justiça, para pesquisar a papelada existente na Delegacia de Foz do Iguaçu.

Durante quase 90 dias vasculhei os mandados de prisão, informes, radiogramas, ofícios recebidos e expedidos, dossiês, relatórios e outros tipos de documentos produzidos pela burocracia policial. Reconheço que esta busca é tardia, pois no Brasil, ao contrário do Chile, Argentina e até do Paraguai, os arquivos da repressão estão sendo abertos fora do tempo apropriado. Isso se explica porque a nossa lei da Anistia, além de ter permitido a devolução dos direitos civis e políticos aos perseguidos pela ditadura, serviu também ao propósito do esquecimento do passado. Assim, as vítimas precisam remexer nos arquivos para que histórias sejam reconstruídas, os algozes e seus cúmplices fazem de tudo para que o passado permaneça intacto podendo, desse modo, terminar em paz os seus dias. Estão normalmente dispostos a pagar a intocabilidade do passado, com o seu próprio esquecimento pela História.

O filme alemão "Cidade sem passado", coloca muito bem esse mecanismo. Nele as pessoas que foram ou colaboraram com os nazistas desejam que o passado continue intocado, e para isso dificultam o trabalho de uma estudante que recebeu a tarefa de escrever uma redação sobre sua cidade durante a Segunda Guerra. Diante do silêncio de seus conterrâneos, a jovem recorreu ao arquivo público da cidade e descobriu como foi o comportamento das pessoas durante o regime nazista.

Durante minha experiência de pesquisa no arquivo da Delegacia da Polícia Federal de Foz do Iguaçu me senti como a personagem desse clássico do cinema *cult*. Ao esmiuçar os quase 20 mil documentos, buscando pistas que indicassem as circunstâncias das mortes dos desaparecidos políticos e a localização dos seus restos mortais, eu tive acesso

a um conjunto de documentos que traçam a história do oeste e sudoeste do Paraná e em particular de Foz do Iguaçu nos últimos 30 anos. São reclamações, investigações e inquéritos sobre as "guerras camponesas" de defesa contra os despejos, executados por jagunços a soldo de latifundiários. Além dos documentos acerca das organizações de esquerda e dos conflitos pela terra, o arquivo da Polícia Federal é farto em documentos sobre questões locais. Estas vão desde as fofocas políticas até uma ou outra articulação do movimento estudantil. Descobri também um fato acontecido em outubro de 1975 e abafado pela cúpula da Itaipu. Trata-se de uma greve de fome ocorrida no canteiro de obras e que só terminou depois da demissão de 35 operários. São histórias de prisões, de resistências, de dedos-duros, biltres e lambe-botas. Por enquanto



vou relatar alguns casos de prisões pitorescas e de resistências. O resto fica pra depois.

**Greve de fome na Itaipu** - Durante 21 anos, o regime militar implantado no Brasil em 1964, prendeu, torturou, exilou e assassinou àqueles que ousaram se opor à ditadura.

O Estado Policial chegou ao seu mais alto grau de terror na década de 70, quando todo o País foi entregue à sanha dos caçadores de bruxas. Era comum haver agentes policiais infiltrados nas escolas, nos ambientes de trabalho e, sobretudo, nos órgãos de comunicação, que, por serem formadores de opinião, sofriam uma vigilância redobrada. Não faltaram também, como instrumentos de incentivo à delação, os IPMs (Inquéritos Policiais-Militares) e as CGIs (Comissões Gerais de Inquérito). Estas foram instaladas em todos os órgãos de governo, inquirindo um a um os servidores e forçando-os a comprometer os demais.

Naquela época qualquer tipo de protesto era considerado um ato subversivo e ainda mais dentro do resguardado Canteiro de Obras da futura maior hidrelétrica do mundo. A Coordenação de Informações e Segurança da empresa binacional, comandada por militares reformados, possuía uma radiografia completa de cada funcionário e trabalhava em conjunto com o Centro de Informações do Exército, especificamente com a 2ª Seção (Serviço Secreto) do 1º Batalhão de Fronteira, hoje 34º BIMtz; com o Serviço de Informações das polícias Federal e Militar; com o Centro de Informações da Marinha - Cenimar; com o Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica - Cisa e Serviço Nacional de Informações - SNI.

As fichas preenchidas pelos candidatos a emprego eram enviadas pela Itaipu para análise de todos esses órgãos que compunham o sistema de repressão da ditadura. No decorrer do meu trabalho no arquivo da PF me deparei com diversos casos de pessoas que tiveram seus pedidos de emprego negados por terem tido alguma atividade no movimento sindical ou estudantil.

Apesar de todas essas cuidados e do clima de terror implantado pelos beleguins do general Costa Cavalcanti, no dia 28 de outubro de 1975, um grupo de operários iniciou uma greve de fome no Canteiro de Obras de Itaipu, em protesto "contra a péssima alimentação" que era servida. O movimento foi reprimido e 35 operários foram demitidos para "servir como exemplo e impedir novas demonstrações de rebeldia".

A greve de fome durou três dias e começou entre os operários da subempreiteira Vila Rica, que por sua vez prestava serviços a empreiteira Adolpho Lindemberg. Foi um movimento espontâneo e pegou todo a direção de surpresa. Roberto Helbling, um militar reformado, escolhido a dedo para dirigir o setor de segurança da obra, ficou sem ação e pediu ajuda ao SNI. De Brasília veio a ordem de chamar o

general Adalberto Massa, delegado Regional do Trabalho. A presidência da República tinha receio que os grevistas fossem reprimidos no cacete e a imprensa tomasse conhecimento do que estava acontecendo "entre os muros" da construção da grande usina.

O general Massa baixou em Foz no segundo dia de greve e foi do aeroporto diretamente para o Hotel Bourbon, onde já se encontravam reunidos para avaliar a situação o general Costa Cavalcanti, Helbling e Junot. Nessa reunião, o general Costa Cavalcanti sugeriu que a greve fosse reprimida de forma exemplar "para acabar definitivamente com os focos comunistas" dentro de "sua obra". Momentos antes, Helbling havia informado que recebera radiogramas dos órgãos de informações comunicando que nenhum dos grevistas era fichado por atividade política ou sindical.

Por fim foi acolhida a proposta do general Massa, que consistia na demissão sumária e exemplar de todos os líderes do movimento a começar por Miguel Alcanis Gimenez, que havia se apresentado como porta-voz dos grevistas. O principal argumento do Delegado Regional do Trabalho foi de que uma repressão física, com prisões dos grevistas, poderia vazar para a imprensa internacional e desabonar a imagem que a empresa binacional estava construindo no exterior.

No dia 30 de outubro de 1975, três após o início da greve de fome, 35 operários da construtora Vila Rica foram sumariamente demitidos e enviados às suas cidades de origem e a greve virou tabu dentro da obra.

**A prisão do topógrafo** - Paulo José Dias era topógrafo e trabalhava para a Planta Engenharia S/A, consorciada da Matrix Engenharia S/A, empresa designada para fazer o cadastro de implantação do Canteiro de Obras da barragem de Itaipu.

Em 12 de dezembro de 1973, ele, esposa e filha mudaram-se de Muriaé, Minas Gerais, para Foz do Iguaçu. Como não conseguiram casa para alugar foram morar no Hotel da Porota, que era localizado na Rua Rio Branco.

Dois meses após terem chegado a Foz, a esposa resolveu voltar para Muriaé. Ela estava entrando no nono mês de gravidez e achou melhor ter a criança ao lado de seus pais, em sua cidade natal.

No dia 14 de fevereiro, logo depois do meio-dia, acompanhada pela filha, ela pegou uma Kombi e foi para o aeroporto.

Chovia muito naquele começo de tarde, o que tornava impraticável o trabalho de topografia. E já que estava parado, o topógrafo pediu à chefia autorização para ir ao aeroporto se despedir de sua filha e da esposa. Disse pro chefe que quando saiu, de madrugada, como todos os dias, a menina ainda estava dormindo. Apesar de seus argumentos e da chuva que não parava de cair, seu pedido foi negado. Inconformado com a intolerância da chefia ele passou o resto da tarde no alojamento com os cole-

**"Edição do Jornal Binacional, que circulou em 18 de setembro de 1974, dedicou seis de suas dez páginas à situação dos colonos que tiveram suas terras desapropriadas na localidade de Santo Alberto"**



**"Vale ainda registrar uma reportagem publicada pelo jornal *Hoje Rondon*, que era dirigido pelo jornalista Sefrin Filho, e que movimentou a 2ª Seção do 1º Batalhão de Fronteira"**

gas, pois o tempo chuvoso não era propício ao trabalho de campo. No final do expediente, ainda revolto, Paulo José foi tomar uns tragos no Bar Garfo de Ouro. Lá pelas tantas, deitou falação contra o militarismo e disse que era um absurdo em pleno século XX a humanidade resolver seus problemas na base da guerra. Um soldado do Batalhão não gostou e disse para o topógrafo que ele estava ofendendo o Exército Brasileiro.

O militar tentou ainda prendê-lo, mas ele deu um safanão e conseguiu se safar. Levantou-se de ressaca no dia seguinte e foi até o bar mais próximo para rebater o porre da véspera. Bebeu uma dose de rum e retornou ao hotel para tomar um banho. Ao chegar, um policial, que já o esperava, levou-o para a delegacia de polícia onde foi rigorosamente interrogado. Queriam que ele confessasse que era comunista e membro de organização subversiva infiltrada na obra de Itaipu. O topógrafo contou sua história. Falou da mulher grávida, da filha e da frustração por não ter ido ao aeroporto para se despedir delas. Da Civil foi conduzido para a Delegacia da Polícia Federal, onde dormiu, depois de nova qualificação e interrogatório.

No dia seguinte foi levado para o Batalhão onde ficou três semanas no xadrez. Durante esse período novos interrogatórios e ameaças de tortura. Naquela época ainda havia no Batalhão um cubículo com diversos aparelhos de tortura. Os últimos presos supliciados na "sala de terror" foram os professores Luiz e Izabel Fávero. Ela estava grávida e abortou depois de uma sessão de choques elétricos. Os militares estavam convencidos de que Paulo José era um perigoso subversivo, membro de alguma célula comunista existente no Canteiro de Obras. Para tanto, eles se escoravam em informações fornecidas pelo Centro de Informações do Exército- CIE, que davam conta que um colega do topógrafo na Usiminas havia sido preso como subversivo em 1964. Outro fato também considerado importante pelos militares, era de que uma tia de Paulo José era casada com o tio do padre Geraldo da Cruz, preso em 1967 por ser membro de uma congregação religiosa "suspeita de subversão". Apesar de não terem nenhum motivo para manter o topógrafo preso, os militares o mantiveram no xadrez durante 22 dias. Por último foi fichado como subversivo e demitido da Planta Engenharia S.A.

## O cerco aos jornais e a jornalistas

1. **Jornal fechado e diretor mandado embora de Foz** - Em 18 de setembro de 1974 surgiu em Foz do Iguaçu um jornal tamanho *standard* e impresso no sistema *offset*. Dirigido por Waldomiro de Deus Pereira, que tinha como sócios Norival de Souza e Mário Teixeira, o Jornal Binacional, levava estampado embaixo do título a frase: "Veículo da região de Itaipu para o Brasil e Paraguai". A redação do novo órgão de imprensa da cidade era na Rua Edmundo de Barros e a impressão da primeira e única edição foi na Editora Lítero Técnica, localizada na Rua Alferes Poli, 299, em Curitiba.

Nessa mesma época circulava na cidade o Mini Informativo, de Ignez Sanches de Cristo e a revista Paineis, de José Vicente Tezza, que até hoje resiste bravamente.

A edição do Jornal Binacional, que circulou em 18 de setembro de 1974, dedicou seis de suas dez páginas à situação dos colonos que tiveram suas terras desapropriadas na localidade de Santo Alberto, situada nas proximidades do Parque Nacional do Iguaçu.

"Expropriados pedem sindicância federal", foi a manchete de capa acompanhada de um texto em que a direção do jornal fez questão de dizer que a pretensão da matéria "não era de contestar a ação do governo em desapropriar a área da antiga Gleba Silva Jardim, nem tampouco criticar ou fazer restrições, já que a confiança no Governo da Revolução é irrestrita".

Depois dessa alisada no governo dos generais, o

jornal criticou a forma como estava sendo feita a desapropriação dos pequenos proprietários pelo Incra. Esses colonos, quase todos pioneiros de Foz do Iguaçu, estavam sendo tirados de suas propriedades e transferidos para o Projeto Integrado de Colonização, PIC-OCOI, em São Miguel do Iguaçu. Enquanto as benfeitorias eram pagas por um terço do seu valor e as terras com títulos da dívida pública, as novas propriedades no PIC-OCOI, eram vendidas aos colonos com financiamento a juro de mercado.

As seis páginas do Binacional dedicadas ao caso dos despejados de Santo Alberto, mostram, por meio de depoimentos e fotografias, a situação de miséria das famílias dos agricultores e o clima de medo que dominava a região. Não deu outra, a matéria não agradou aos militares e Waldomiro foi intimado a comparecer ao Batalhão. Lá, ele foi severamente interrogado. Queriam saber se o movimento de resistência dos colonos era orientado por organizações subversivas. Depois de ficharem o jornalista, mandaram que ele juntasse seus pertences e fosse embora da cidade. Os órgãos de informações continuaram controlando os passos do jornalista e a última anotação sobre ele no arquivo da PF data de 24 de fevereiro de 1975 e diz que Waldomiro estava trabalhando naquela ocasião na Tribuna de Cianorte.

2. **Paulo Martins aborta manifesto democrático** - Numa tentativa de conter uma previsível vitória oposicionista nas eleições do ano seguinte, o gene-



ral Ernesto Geisel apertou o cerco e em 1977 e após fechar o Congresso por duas semanas, introduziu uma série de medidas conhecidas como o "pacote de abril", alterando as regras eleitorais com intuito de beneficiar o partido do governo (Arena).

Inconformado com essas medidas, Beliamino Júlio Miotto, diretor da Rádio Colméia, de Cascavel, mandou divulgar uma nota escrita pelo jornalista Leopoldo Sefrin Filho, que por meio de metáforas repudiava as novas medidas ditadas pelo ditador.

Ao tomar conhecimento de que o texto seria lido pelos locutores da Colméia durante a programação, o então gerente da emissora Paulo Martins, ativo informante dos órgãos de repressão, foi até o estúdio e recolheu o documento, levando-o para o chefe da 2ª Seção, do Grupamento do Exército em Cascavel.

Este fato está registrado entre os milhares de documentos que fazem parte do acervo do arquivo da Polícia Federal de Foz do Iguaçu. Anexado à papelada que trata do caso, está o texto que teve sua leitura abortada: "Acaba de falecer esta manhã a respeitável senhora democracia, vítima de mal ainda desconhecido, após recesso parlamentar. Segundo fontes oficiais, a senhora democracia foi acometida possivelmente de um vírus denominado fechamento de questão em torno do caso.

A defunta está sendo velada no lado de fora do salão do Congresso Nacional, após o Presidente da República ter levado um "pacote" de velas ao santuário judicial esta manhã."

**3. Texto de Rui Pires foi parar nas mãos de delegado** - Outro caso envolvendo jornalistas, aconteceu com Rui Pires, que, em 1975, trabalhava na Rádio Matelândia. Num certo dia de outubro, indignado com a situação do País, ele escreveu uma nota que lhe rendeu muitos aborrecimentos. O texto escrito numa máquina Remington da redação era um protesto contra a supressão de eleições nas capitais e municípios localizados nas áreas consideradas de segurança nacional. "O atual regime se diz democrático. Por que então a supressão de autonomia das capitais e dos municípios da fronteira, quando o artigo 1º da Constituição afirma que "todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido?", escreveu Pires. Pois bem, o jornalista esqueceu sobre sua mesa a folha de papel datilografada e ela foi parar nas mãos do delegado de polícia, 2º sargento PM, Benedito Camargo, que fez questão de a entregar pessoalmente ao major responsável pela 2ª Seção do Batalhão.

Rui Pires foi intimado para depor, demitido da Rádio Matelândia e durante anos seus passos foram controlados pelos agentes dos serviços de informações. Mais tarde ele foi para Marechal Cândido Rondon, onde se destacou trabalhando na imprensa local e ocupando cargos relevantes na prefeitura local.

**4. Baixo meretrício e comunismo internacional** - Os arquivos da repressão estão repletos de



*Em tempos de ditadura, elegeram Quati como prefeito de Foz*

casos semelhantes aos narrados acima. Vale ainda registrar uma reportagem publicada pelo jornal Hoje Rondon, que era dirigido pelo jornalista Sefrin Filho, e que movimentou a 2ª Seção do 1º Batalhão de Fronteira e deu origem a extensos relatórios.

A matéria que deixou os militares arrepiados foi sobre as condições de vida das mulheres que viviam na Zona de Baixo Meretrício de Rondon. Algumas mulheres foram entrevistadas e revelaram para a reportagem os caminhos que percorreram até chegar a prostituição.

Apesar de a matéria registrar um problema social, real e contemporâneo, os militares redigiram o Encaminhamento nº 9S2-78, de 26 de abril de 1978. De acordo com o documento que faz parte do acervo da PF, "A reportagem do Hoje Rondon - Este jornal foi pra Zona de Meretrício - causou uma reação de revolta e muitas críticas por parte da população do município, tendo em vista o seu teor desagregador da família e em acordo com o esquema subversivo elaborado e preconizado pelo Movimento Comunista Internacional."

Outro veículo de imprensa, a revista Painei, decana da imprensa iguaçuense, também foi investigada pelos órgãos de repressão. Os olhos e ouvidos dos arapongas estiveram voltados para a revista de José Vicente Tezza por conta dos incisivos e corajosos artigos do advogado Antônio Vanderli Moreira, então presidente do Diretório Municipal do MDB.

Devido as suas vigorosas críticas ao regime discricionário e também pela sua militância social, como foi a heróica defesa dos colonos desapropriados de Santo Alberto, Antônio possui polpudos prontuários nos órgãos de repressão política de Foz do Iguaçu.

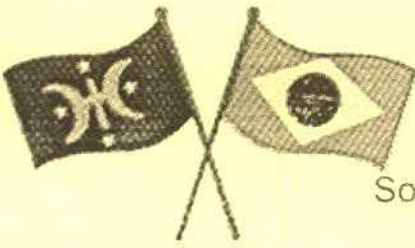
**A matéria que deixou os militares arrepiados foi sobre as condições de vida das mulheres que viviam na Zona de Baixo Meretrício de Rondon. Algumas foram entrevistadas e revelaram os caminhos que percorreram até chegar a prostituição**



Ladislau Teodoro Lyst não morreu como foi noticiado em notas de colunas pela imprensa de Foz – Ladislau Lyst, na verdade, foi abduzido por extraterrestres que ele tanto conhecia

## O homem que acreditava em discos voadores

Por Zé Beto Maciel



Simulação dos Et's

Futuro Parque Temático

O.V.N.I.



Sou autor deste projeto

**DISCOPORTO**

**P/ VEREADOR**  
**LADISLAU**  
UFOLOGISTA  
**PMN**  
**Nº 33.123**  
Fone: 9977-6569



Juntos seremos uma forte corrente pela vida. A Política quem faz é o **ELEITOR**. Seu voto faz a criança e o idoso sorrir.

**E**staria brincando com o senhor, afirmando que os ETs estão apoiando sua campanha? Foi essa a pergunta que fiz em 2000 para o aposentado Ladislau Teodoro Lyst, ufólogo e candidato a vereador pelo PMN, que tinha a construção de um discoporto como principal proposta de campanha.

A resposta de Lyst: "Não é exatamente. Eles estariam apoiando, mas o problema é o seguinte: eu estou sentindo que estou tendo uma missão aqui na Terra. É uma energia muito forte, possivelmente de Deus, porque isso já é de conhecimento de muitas entidades. Por exemplo, os espíritos estão recebendo mensagens até em outros países. Aqui em Foz do Iguaçu, vai surgir agora neste final de ano, um Sirinao. O Sirinao é uma pessoa que vai receber muitos poderes, inclusive vai fazer curas. Essa pessoa está no meio de nós e não se sabe quem é. Ele se instalou aqui em Foz,

para ver se surge uma crença desses aí que estão aparecendo".

"Eu estou notando que estou recebendo um apoio, que nunca imaginava, para a minha campanha. Por exemplo, aqui estou em primeiro lugar na preferência dos eleitores, aqui da minha vila e a cidade também se interessou. Nós temos 20% de Foz do Iguaçu, que gosta de ufologia, isso é a média de 30 mil pessoas e eu vou contar com esses votos, nem que não seja tudo, mas uma boa parte desses votos".

**Discoporto** - Lyst fez poucos votos e não conseguiu uma das 21 cadeiras da Câmara de Vereadores. Da mesma forma, continuou seu périplo por órgãos públicos, Câmara e quem discutisse. Seu projeto era sério: a construção de um parque temático nas áreas abertas da Vila A.



O parque temático projetado por Lyst tinha uma pista de pouso para os *ovnis* (objetos voadores não-identificados), restaurantes, lojas de esoterismo, portal de entrada, e espaços para contatos e meditação. "É realmente o discoporto. A réplica vai ser uma pirâmide e o *ovni* vai ter uma altura mais ou menos de 40 metros", projetava Lyst.

O senhor acredita mesmo em disco voador?, perguntei e Lyst respondeu: "Eu acredito porque vi mais de 40 de perto. O que me impressionou mais foi aquela primeira vez que eu vi, era mais ou menos a 20 metros de distância. Inclusive, dentro da aeronave espacial. Então, tem como acreditar e confirmar como realmente eles são. Eu sei tudo perfeitamente, os modelos também".

Na mesma entrevista publicada na extinta Folha do Iguaçu, emendei a terceira pergunta: Em Foz do Iguaçu aparece muito disco voador? "Aparece bastante. Eles aparecem mais em dezembro. De outubro até janeiro, fevereiro, eles cruzam sempre na posição das (estrelas) Três Marias. Naquela posição eles cruzam mais e a gente observa mais. Depois entra o inverno, com chuva não se observa muito. Mas os avistamentos são mais em janeiro. No dia 6 de janeiro passaram aqui alguns milhares deles. Inclusive liguei para os aeroportos e eles viram também milhares, milhares".

**Coragem e fama** - Lyst era corajoso em sua

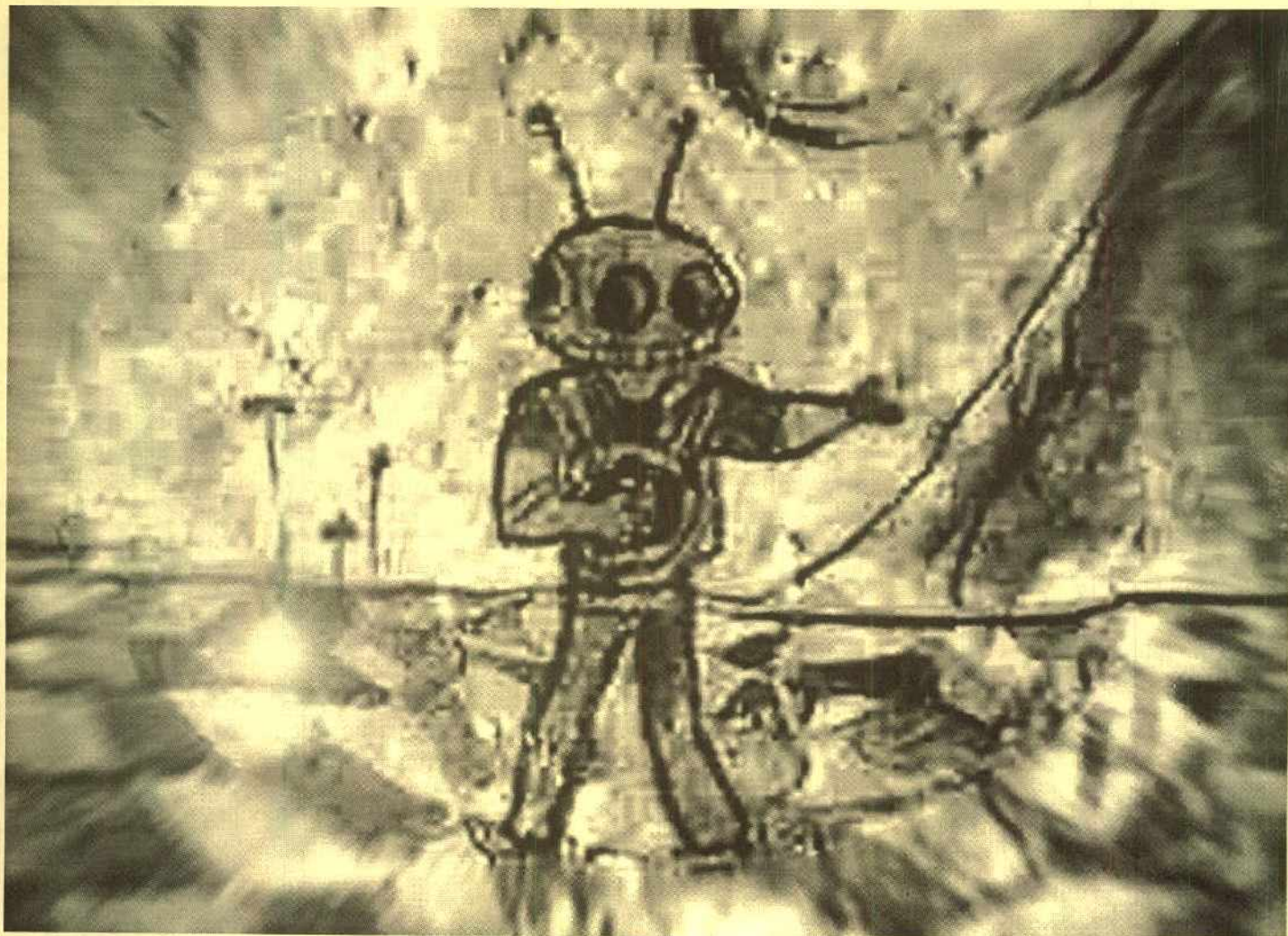
crença. O aposentado que trabalhou na Itaipu e morava na Vila C apareceu certo dia na também extinta Tribuna de Foz em 1995 e foi atendido pelo Chico de Alencar, editor do jornal, que o encaminhou à redação.

Mauro Welter acabava de chegar do Rio Grande do Sul e fez uma matéria mais do que interessante. Do tipo: discos voadores são avistados sobre a Itaipu. A matéria com Lyst repercutiu e não é por nada, o Chico Alencar recebeu uma dúzia de telefonemas, de amigos distintos como ele sempre frisa, que também avistaram os *ovnis*.

Não era brincadeira ou piada, mas a coragem para assumir que avistou um disco voador só podia partir de Lyst. Hoje em dia, é muito fácil para as Tiazinhas, Xuxas e outros pretensos avistar qualquer coisa e encontrar os duendes da vida.

"Eu acho o seguinte: numa ocasião eles ficaram mais ou menos umas quatro horas em cima da Itaipu, desde a barragem da terra até o rio. Demorou mais ou menos quatro horas. Inclusive quando eles estavam no meio da barragem, mais ou menos. Uma vizinha perguntou para mim o que era. Eu falei deve ser um reflexo, uma coisa assim. Aí eles se moveram, um foi para um lado e outro para o outro lado. Dois *ovnis* parados perto naquele dia. Depois continuaram e saíram no final da barragem. Chegaram lá às 10h até às 14h, chegaram ao final da barragem".

**"O senhor acredita mesmo em disco voador?, perguntei e Lyst respondeu: Eu acredito porque vi mais de 40 de perto"**







**"Eu recebi várias mensagens de que eles vão invadir a Terra"**

Trechos da última entrevista de Ladislau Lyst.

**O senhor já teve contato com extraterrestre?**

**Ladislau Lyst** - Eu recebi várias mensagens de que eles vão invadir a Terra para ensinar a gente e também eliminar armas, drogas, cigarros e outras armas. Também vão ensinar a nós a origem nossa, de onde nós surgimos, porque que nós surgimos e como é que a gente tem de observar o tempo. Porque na Bíblia conta que o tempo como se fosse o tempo do Dinossauros, tempo do Jesus Cristo, então agora vai vir o tempo dos *ovnis*.

**O senhor já viajou em discos, já aconteceu alguma experiência desse tipo?**

**Ladislau** - Sim aconteceu, mas isso foi quando eu era um menino com 14 anos. A gente não sabia o que se passava e naquele tempo não tinha informação do que eram os *ovnis* e também não conhecia nada. Minhas irmãs encontraram um *ovni* estacionado do lado da estrada e os extraterrestres estavam do lado, pertinho. Então elas cruzaram o caminho, os extraterrestres se aproximaram e daí elas correram.

Depois que eles vieram até aqui a gente descobriu que naquela época eu fui abduzido. Eu fiquei um mês fora e de repente apareci no mesmo lugar, com a mente totalmente apagada. Então foi que a gente começou ligar os fatos e descobriu que eram eles. Eu não senti medo, era como se eu já tivesse encontrado eles, já tivesse conhecido, fossem pessoas conhecidas.

**Se eles são tão poderosos assim, por que fariam uma invasão pacífica e não vêm tomar conta de tudo?**

**Ladislau** - Não, eles não têm interesse, eles dominam milhões de planetas. Por isso eles não vêm atacar. Eles têm mandado muita informação para nós. A gente não percebe, mas essas tecnologias que nós avançamos é tudo passada por eles.

**O senhor agora está candidato a vereador. O senhor quer levar essa questão ovni para dentro da Câmara para debater também?**

**Ladislau** - Não exatamente. Não porque é o seguinte: a ufologia é difícil se passar para um outra pessoa. As pessoas têm de acompanhar, assistir a muitas palestras sobre a ufologia e ler muitos livros e ter um princípio para entender, porque no início a pessoa se assusta por isso. Eu não quero levar. Só que em janeiro eu sou candidato, vou me eleger e possivelmente vou ser um dos vereadores mais votados de Foz. Isso pela aceitação da minha candidatura, a gente está notando isso. Quando eu retomar a posse vou iniciar exatamente a construção da réplica do *ovni*.

**Essa proposta de construir uma réplica do ovni e também a construção de um discoporto?**

**Ladislau** - É realmente o discoporto. Ele vai ser em outro local. Nós vamos fazer num local distante da cidade que ainda não está escolhido. A réplica vai ser no centro, vai ser uma pirâmide e o *OVNI* vai ter uma altura mais ou menos de 40 metros.

**Como é que vai ser esse discoporto, o que ele tem?**

**Ladislau** - Bem, lá nós vamos construir bastante coisa, vamos construir a casa dos ETs, vamos construir também uma pirâmide, e depois a gente vai acrescentar mais alguns monumentos, para engrandecer.

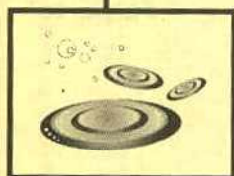
**E esse local vai poder receber ovnis mesmo?**

**Ladislau** - Vai, vai sim. No momento que a gente inicia uma obra assim, ligada a eles, eles já sabem disso aí. Eles acompanham todos os movimentos das cidades, de muito alto eles observam qualquer movimento, o que a gente faz. Aconteceu onde está sendo construído o espaço das Américas, os ETs sobrevoaram o Rio Paraná várias vezes.

**Existe muito preconceito, as pessoas acham que o senhor está maluco. Como o senhor lida com esse preconceito e como passa a sua mensagem para as pessoas?**

**Ladislau** - Isso aí é o seguinte: agora já está se tornando mais popular, porque o Vaticano está divulgando muito. Já tem uma base de experiências, acho que nos EUA. O governo da França também fez uma pesquisa secreta de três anos para descobrir. Agora a aeronáutica já está procurando os ufologistas, pra colher informações. Eu tenho uma revista que trouxe o monsenhor, uma autoridade do Vaticano, declarando publicamente que os extraterrestres existem.

**Zé Beto Maciel** é jornalista



**"O parque temático projetado por Lyst tinha uma pista de pouso para os ovnis, restaurantes, lojas de esoterismo, portal de entrada e espaços para contatos e meditação"**



Uma das mais antigas pioneiras da cidade fala sobre a aventura de ter as Cataratas como "propriedade de seu pai", o primeiro administrador do Parque Nacional do Iguaçu

# Com as Cataratas gravadas no peito

Adriana Alencar



*Ana Alda de Menezes e a irmã Maria Alice visitaram recentemente o lugar que por muitos anos foi o quintal da família Canto*

Esta história contada através das lembranças de Ana Alda de Menezes, senhora alegre e simpática de 80 anos, que viveu o Brasil da Segunda Guerra, da volta dos expedicionários, que encarou a mudança da cidade grande para o interior selvagem com espírito aventureiro, que trabalhou fora para ser independente e que, acima de tudo, foi grande companheira do pai, Mário Câmara Canto, primeiro diretor do Parque Nacional do Iguaçu, e do marido, Francisco Guaraná de Menezes, auditor da Receita Federal e mais tarde, prefeito da cidade de Foz do Iguaçu.

**Mário Câmara Canto** - O primeiro diretor do Parque Nacional do Iguaçu, Mario Câmara Canto, era gaúcho de Uruguiana e filho de pais estancieiros (como eram chamados os fazendeiros no Rio Grande do Sul).

Câmara Canto formou-se em agronomia com especialização em veterinária na Faculdade Luiz

Queiroz, em São Paulo, para aprender na escola a administrar o que seria seu um dia. Foi durante o período da faculdade que conheceu Sebastiana Luiza, que veio tornar-se sua esposa em novembro de 1921.

O jovem casal então voltou para a cidade natal de Câmara Canto, mas as dificuldades da cidade pequena, aliadas à perda da primeira filha, fizeram a esposa, uma jovem criada por governanta francesa e pouco acostumada a dificuldades, desejar a volta para São Paulo, para perto de sua família e de mais recursos. De volta à capital, o estudioso Câmara Canto foi aprender cafeicultura, já que todas as atenções da agricultura nacional estavam voltadas ao café, naquela época. Algum tempo depois, Canto já era convidado a ocupar um importante cargo no Instituto Nacional do Café. A família viveu em São Paulo muitos anos, até que as mudanças políticas lhes trouxeram novos planos.



**Foz, a decisão** - Em 1942, depois da extinção do então Instituto Nacional do Café, diversas vagas foram disponibilizadas para seus técnicos em diferentes estados do Brasil, como Bahia, Mato Grosso e, entre eles Paraná, como a vaga para administração do Parque Nacional do Iguaçu.

A proximidade com os outros amigos, antigos colegas de faculdade e com o estado de São Paulo, determinou a decisão da família, que começou a organizar a mudança para a nova vida. E mais um desafio, pôs à frente do técnico e estudioso Câmara Canto, que acumulava conhecimentos e precisava agora aprender sobre manejo florestal e a reserva da Floresta subtropical unida.

**O caminho** - Ainda em 1942, pegaram um trem em São Paulo até Presidente Prudente, depois uma espécie de bondinho até Porto Epitácio, para embarcar no Capitão Heitor, barco que os levaria, depois de sete dias, até Guaíra, pelo Rio Paraná.

Em Guaíra o barco era trocado pelo navio argentino Cruz de Malta, que descia pelo Paraná até encontrar o Iguaçu e em breve aportar na margem brasileira. Dona Maria Alice, irmã de Ana Alda lembra que não havia nem sinal de porto na época e a família desembarcou na barranca do rio.

**Maiores dificuldades** - A família ficou morando um mês num hotel no centro da cidade, até ficar pronta a atual sede no Parque, a primeira construção a ser finalizada e que abriga atualmente o museu e a administração.

Logo em seguida, durante a administração de Câmara Canto, foram construídas as casas menores, destinadas à moradia de administradores e demais funcionários.

Com 19 anos na época e um espírito aventureiro herdado do pai, Ana Alda trabalhou de caixa na construtora Dolabella, responsável pelas obras do Parque, inclusive o Hotel das Cataratas. "Tudo parecia um sonho" para a jovem Alda, filha mais velha e companheira de aventuras, junto com a irmã Maria Alice, já que a irmã Edda tinha a personalidade mais parecida com a da mãe. É neste momento que ela cita as Cataratas, com um brilho especial nos olhos: "Cada vez que a gente olhava, ela era mais linda". Sendo assim, muito embora faltasse tudo, "Papai vivia as constantes dificuldades da falta de recursos", poucos problemas afligiam a família e, certamente, um deles era a alimentação. Na Foz do Iguaçu da metade do século XX não havia nada além de mandioca e batata, não havia verduras e demais legumes. Todo o tipo de variedades tinha de atravessar o Paraná para chegar a Foz. Com o tempo, a solução foi o cultivo do próprio alimento em hortas ao redor da casa.

**Os méritos** - Segundo a filha, os maiores méritos do pai estavam no ato de ser um curioso, um estudioso e um homem muito humano, que queria dividir seus conhecimentos. Enquanto diretor do Parque Nacional, ensinou técnicas agrícolas para dezenas de imigrantes que chegavam à região. Em 1943, estava pronta a escola que atenderia os filhos de funcionários do Parque Nacional do Iguaçu.

Ainda em São Paulo, Câmara Canto colaborava freqüentemente com diversas publicações especializadas e adquiriu, ao longo da vida, uma vasta coleção de publicações científicas, que sonhava em deixar para um sucessor. Um sobrinho de Paranaguá foi o premiado ao formar-se em agronomia.

Como pai, foi sempre um grande companheiro, daqueles que levava as filhas a festas, mas que também chamava para uma conversa séria quando se fizesse necessário, lembra a filha.

Para Foz do Iguaçu, entre outros feitos, ficaram o calçamento do Parque até a cidade, o primeiro aeroporto (atrás do batalhão), onde aterrissavam apenas aviões de pequeno porte e o correio aéreo, a finalização de todas as obras do Parque Nacional do Iguaçu e do conhecimento e do bom convívio com seus demais.

Em 1951, depois de nove anos vivendo em Foz e com graves problemas de saúde, Mário Câmara Canto transfere residência definitivamente para Curitiba, em busca de cuidados médicos, onde já moravam as filhas mais novas, levadas pelos estudos. Lecionou agronomia na Universidade Federal até antes de adoecer e faleceu em 1968.

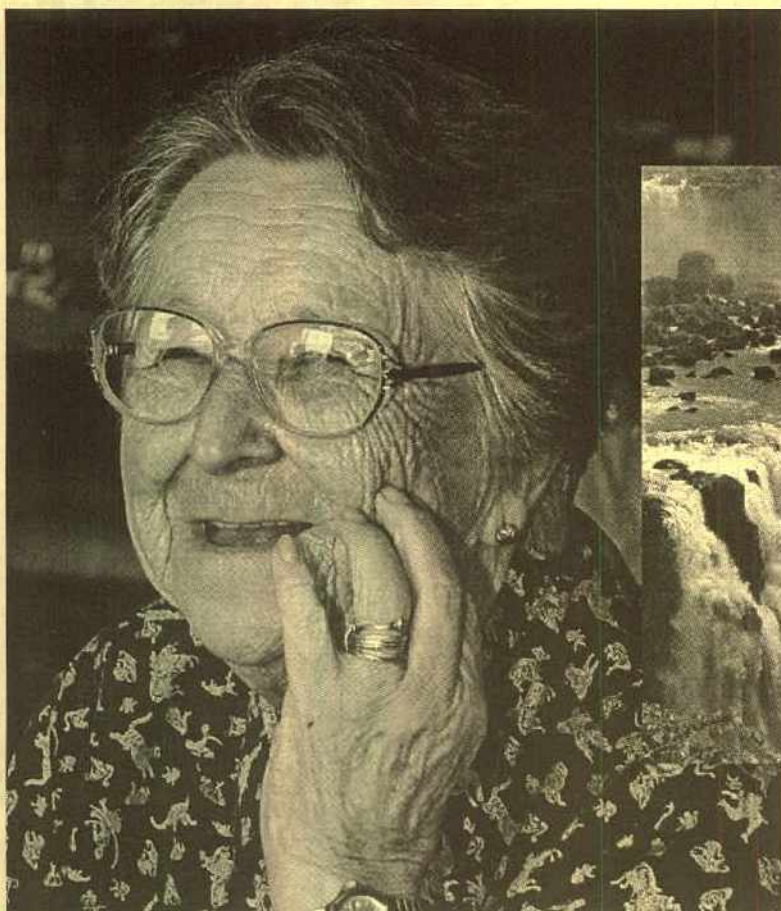
**Guaraná de Menezes** - Quando Dona Alda fala do pai e do marido, em vários momentos nos parece tratar-se da mesma pessoa. Em dado momento da conversa, Alda confirma: "Eles eram muito parecidos em vários aspectos", segundo ela, Guaraná era muito humano e muito bem relacionado, "um integrador", comenta.

Foi aos 23 anos, em 1946, que Dona Alda ganhou o sobrenome "de Menezes" e deu início a um casamento de 24 anos que, segundo nos conta, foi uma parceria muito bem sucedida. Trabalhou mais alguns anos na construtora, período em que aproveitou para viajar com o marido e conhecer várias cidades da região. Logo depois veio o primeiro filho e Dona Alda passou a dedicar-se à família.

**Guaraná, articulador** - Com a chácara cheia de amigos (Guaraná tinha paixão por chácaras e cavalos de corrida), as lembranças do casamento são as mais ricas e cheias de amizades. Quando Alda encontra velhos amigos, costumava ouvir "bons tempos aqueles na casa do Tio Guaraná e da tia Alda". Cartorários, auditores, personali-

**"Com 19 anos na época e um espírito aventureiro herdado do pai, Ana Alda trabalhou de caixa na construtora Dolabella, responsável pelas obras do Parque, inclusive o Hotel das Cataratas"**





*Ana Alda e a emoção  
no reencontro com as  
Cataratas do Iguaçu*

dades da cidade e da região reuniram-se em torno de churrascos e falavam sobre política, desenvolvimento e dificuldades do oeste paranaense. Sobrenomes tradicionais como Rocha Loures, Delcanalle, Schimmelpfeng, Aguirre, entre outros, eram presenças freqüentes na residência do casal.

Mas a lista de visitas ilustres não se restringia à cidade e nomes importantes do cenário nacional, em visita a Foz, eram recebidos por Guaraná e Alda, que deixa escapar detalhes interessantes sobre suas personalidades: Getúlio Vargas ("muito humano"), Jango ("amigo íntimo"), Café Filho (simples, acessível"), Juscelino ("cheio de pose"), Perón, Evita, entre outros.

Entre um sorriso e outro, enfatiza que só não recebiam visitas dos militares, embora afirme que o relacionamento do pai "Diretor do Parque" e do marido "Auditor da Receita", sempre foi muito bom com as autoridades e o Exército local.

**A chegada do telefone** - Foi em 1949, numa situação muito delicada, que o telefone foi instalado na residência do casal. Com o hábito de morar em chácaras, o casal tinha freqüentemente a casa vigiada por contrabandistas que guardavam os passos do fiscal.

Ao contrário de Câmara Canto, que sempre teve armas em casa, Guaraná passou a ter, a partir do episódio que assustou a esposa e a família: um assalto seguido de morte de uma senhora, que clamava pelo socorro de Guaraná aos berros

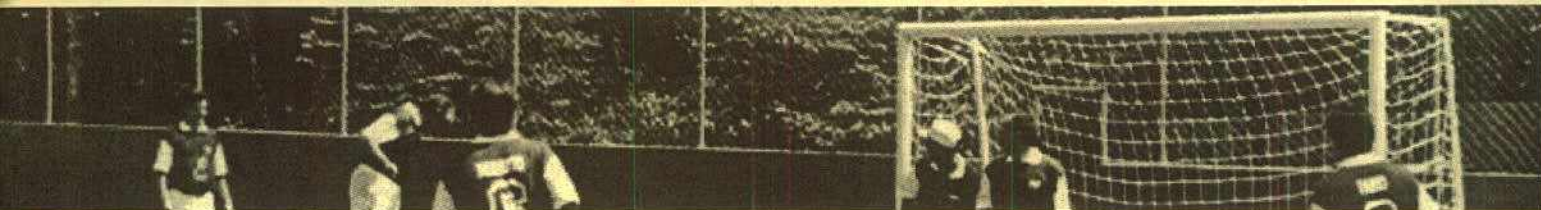
antes de ser executada com vários tiros. Em seguida foi instalado o telefone na residência da família, para segurança da esposa e dos filhos.

**A política inevitável** - Ao contrário do que deve parecer, Francisco Guaraná de Menezes nunca teve nenhuma aspiração política. Dona Alda garante que os "culpados" foram os amigos, que passaram a fomentar a idéia de Guaraná prefeito da idade. E foi o que aconteceu, em 1951. Mas profissionalmente, para Dona Alda, a maior herança do marido e amigo Guaraná de Menezes para a cidade de Foz, além da implantação do curso "Normal", como era chamado na época o ginásio, foi a própria conduta do marido enquanto auditor da Receita. "Guaraná sempre se preocupou mais com os grandes. Nunca deu muita bola para os 'formiguinhas' que atravessavam a ponte ganhando o dia-a-dia. Foi sempre um profissional muito independente e não tinha compromisso com ninguém", termina.

Dessa forma, a filha, esposa e primeira-dama Ana Alda de Menezes escolheu Foz do Iguaçu como sua cidade por 20 anos de sua vida. Fez muitos amigos, tem um amor especial pela cidade, que visitou freqüentemente até três anos atrás, e uma paixão eterna pelas Cataratas, que durante um tempo de sua vida fizeram parte do "quintal de casa", e que ela faz questão de guardar consigo a imagem.

**"Francisco Guaraná de Menezes nunca teve nenhuma aspiração política. Dona Alda garante que os 'culpados' foram os amigos, que passaram a fomentar a idéia"**





# Futebol de veteranos: exemplo nacional

Por Hamilton Mito Luiz Machado Nunes



*Flagrante do primeiro jogo realizado no sensacional gramado do campo do Caldeirão, disputado entre os sócios fundadores do clube; na foto um dos lances da partida*

O futebol de veteranos, também conhecido como "futebol masters", é a categoria do chamado "esporte bretão", praticado por aficionados que já passaram da idade (e alguns do peso ideal), mas que jamais deixaram de gostar desse esporte, que é considerado a paixão nacional dos brasileiros. Em Foz, essa modalidade sempre foi praticada, porém sem qualquer tipo de organização. As partidas estão mais para uma "pelada" de fim de semana de alguns "teimosos", do que qualquer outra coisa mais séria.

Essa prática deixou de ser uma atividade ocasional e desorganizada, quando um pequeno grupo de ex-jogadores do futebol amador, muitos deles com passagem pelo profissional, resolveu se reunir para fundar o "Coroas Clube". Como não poderia deixar de ser, é por aí que vamos começar a história dessa categoria do futebol, que na verdade é a essência do amadorismo no esporte. É praticada e vivenciada por àqueles que

realmente amam o futebol como atividade esportiva, assim é o nosso futebol de veteranos.

Em meados de 1971, um grupo de amigos, entre eles, Romeu Togni, Roberto Simões, João Portinho, Adão do Copo Gelado, Antenor Carneiro de Mello, Hector (Papi), Saucedo, Dilermando Jenzura, entre outros, fundaram o "Coroas Clube". A intenção era convidar para a equipe, ex-jogadores das principais equipes do futebol amador iguaçuense, dessa forma, eliminando as discussões apaixonadas e a rivalidade que existia entre eles.

Criado para melhorar o relacionamento dos integrantes, o Coroas jogava regularmente em amistosos com equipes de outras cidades e regiões. Essa prática se tornou um marco para a categoria de veteranos, que além de representar Foz, foi a primeira experiência organizada desse esporte. O desportista Antenor Carneiro de Mello foi o primeiro presidente.



O time do Coroas teve, em sua primeira fase, craques como Romeu Togni, Papi, Roberto Simões, Biguá, Nenê, Roberto Chirun, Zico, Lucio, Claudio Giovenardi, Breda, Barcelona, Chuss, Irineu Basso, Djalma Pires (Buru), Newton dos Santos (Bilinho), Gardelon, Raul Quadros, Francisco Xavier (Chico Cachorro), Amauri Rodinski, Lóris, Pedro Porco entre outros. Na segunda fase apareceram nomes como os de Santo Rafagnin, Jorge Portinho, Itacy Nieradka, André Ciriaco, Nelson (o Ligeirinho), Almir Flor (Maneco), etc.

Das grandes jornadas dos Coroas, além dos sensacionais embates em Santo Alberto (um antigo distrito rural de Foz do Iguaçu, dentro do Parque Nacional do Iguaçu), temos de destacar a memorável partida com os Milionários, equipe de veteranos do futebol profissional brasileiro, que tinha em suas fileiras nomes como: Garrincha, Bellini, Djalma Santos, Ramos Delgado, Tupãzinho, etc.

A partida foi realizada em 1973, quando a cidade tinha em torno de 30 mil habitantes. O espetáculo, no Estádio Menezes da Rocha (campo do Guairacá), atraiu cerca de cinco mil torcedores. No final, o placar apontava 4 x 1 para os Milionários. O gol de honra dos Coroas foi anotado por Romeu Togni.

Um detalhe do encontro dos veteranos de Foz e os veteranos craques do futebol brasileiro, que entrou para o folclore esportivo de nossa cidade, aconteceu mais ou menos assim: o endiabrado Garrincha estava sendo marcado pelo então lateral Raul Quadros. O iguaçuense, após levar uma série de dribles, encostou em Garrincha e disse no pé do ouvido: "Hei, Garrincha, pare com essas firulas!! Se você pensa que vai fazer teu nome em cima de mim, está muito enganado!!". A turma da época jura que é verdade.

A história dos confrontos do Coroas não ficou restrito ao embate contra os Milionários. A equipe também teve atuações expressivas, como a partida contra os veteranos do Santos Futebol Clube. O time santista atuou praticamente completo em Foz, exceto Pelé e o goleiro Gilmar. Na época, a lista de estrelas do Santos era formada por craques como Coutinho, Dorval, Mengalvio, Pepe, Zito, Joel, etc. O jogo, em Porto Alegre, contra os veteranos do Grêmio também merece destaque nessa análise. A partida contou com atletas como Airton, Tesourinha, etc, e foi uma preliminar do Campeonato Gaúcho.

Na fase final da equipe, os Coroas participaram ainda de um torneio de futebol de veteranos, realizado durante três anos seguidos entre o final dos anos 70 e começo dos anos 80. A competição teve participação das equipes do Banco do Brasil, Polícia Federal e Guairacá. O primeiro time de veteranos de Foz sagrou-se tricampeão do certame. Após isso, os líderes do grupo resolveram "dar um tempo" e a equipe dos Coroas aca-

bou naturalmente. Boa parte dos componentes recriou o Vasco.

## Campeonatos

Após essa bem sucedida iniciativa, outros adeptos do futebol iniciaram uma movimentação para organizar uma competição dessa categoria. Naquela época, em 1979, os desportistas Aparecido Plácido dos Santos, Hector Roberto Saucedo (Papi), o tenente da PM José Silveira (hoje Tenente Coronel), Firmino Benitez e Tenente da PM Joaquim Silva (hoje Coronel da reserva), organizaram o 1º Campeonato de Veteranos do Município, que estabelecia idade mínima de 29 anos para os participantes.

Esse grupo comandou a organização da categoria até meados de 1981, quando a Liga Iguaçuense de Futebol, através do presidente Sady Buzanello, assumiu a organização e o comando da competição, realizando os certames de 1982 e de 1983. Em 1984, por solicitação dos clubes participantes, um novo grupo formado por Jaime Marquesi, Pedro Argemiro dos Santos (Pedro Carcará) e Firmino Benitez, com apoio do então Secretário Municipal de Esportes, Homero Girelli e o diretor Técnico, Joel de Locco, retiraram a competição da Liga e criaram uma nova comissão.

Após uma discussão entre os interessados, foi criado então o primeiro regulamento de um Campeonato de Veteranos, mantido até 1994, quando passou a ser novamente coordenado pela Liga Iguaçuense de Futebol (LIF). Nesse período foi fundamental a colaboração e a participação de desportistas como Zanin, Otto, Jorge Portinho, Sargento Sarmento, Brites, Arnaldo Gamba, Sérgio Bavaresco. Esse grupo de atletas garantiu a formação e a manutenção da Comissão de Veteranos.

A qualidade do futebol praticado pelos veteranos, aliada à excelente organização dos certames, especialmente na década de 1990, quando mereceu o apoio e a presença de uma considerável torcida, despertou a atenção da mídia esportiva nacional, que chegou a citar o campeonato, como exemplo a ser seguido, dada a excelência do verdadeiro futebol amador. Um aspecto interessante e que chama a atenção na história dos campeonatos da categoria, é a evolução da idade mínima, que era inicialmente 29 anos e chegou nos dias de hoje a 45 anos.

Esse fato originou duas versões de campeonatos de veteranos numa mesma temporada (uma de verão e outra de inverno), uma com a idade mínima de 30 anos e a outra de 35; depois 37, 39, 40 até chegar nos 45 anos de hoje. Isso permitiu que os jogadores precursores do 1º Campeonato continuassem disputando, dentro de uma faixa etária que lhes proporcionasse igualdade de condições com os demais atletas.

**Após uma discussão entre os interessados, foi criado então o primeiro regulamento de um Campeonato de Veteranos, mantido até 1994, quando passou a ser novamente coordenado pela Liga Iguaçuense de Futebol (LIF)**



## Quadro demonstrativo dos campeonatos veteranos

| ANO  | CATEGORIA | EQUIPES | EQUIPE CAMPEÃ | ARTILHEIRO            |
|------|-----------|---------|---------------|-----------------------|
| 1984 | 30 anos   | 08      | FLAMENGO      | José Carlos           |
| 1984 | 35 anos   | 08      | ZANIN         | Vilson Henrique       |
| 1985 | 30 anos   | 04      | FLAMENGO      | Lauro Boaro           |
| 1985 | 35 anos   | 08      | ZANIN         | Vilson Henrique       |
| 1986 | 30 anos   | 04      | TRIANGULO     | Valdomiro             |
| 1986 | 35 anos   | 08      | VASCO         | Lauro Boaro           |
| 1987 | 30 anos   | 09      | ASSERPI       | Lauro Boaro           |
| 1987 | 35 anos   | 09      | VASCO         | Nelson Domareski      |
| 1988 | 30 anos   | 12      | TRIANGULO     | Vilson Henrique       |
| 1988 | 35 anos   | 09      | CALDEIRAO     | Vilson Henrique       |
| 1989 | 30 anos   | 13      | GAUCHO        | Vargas                |
| 1990 | 30 anos   | 14      | FLAMENGO      | Luiz Mário            |
| 1990 | 35 anos   | 12      | GAUCHO        | Vilson Henrique       |
| 1991 | 33 anos   | 09      | NACIONAL      | Vilson Henrique       |
| 1991 | 37 anos   | 08      | CALDEIRAO     | Lauro Boaro           |
| 1991 | 40 anos   | 04      | VASCO         | Lauro Boaro           |
| 1992 | 33 anos   | 16      | VASCO         | Serafim Quintana      |
| 1992 | 37 anos   | 10      | FLAMENGO      | Roberto Domachoski    |
| 1993 | 33 anos   | 17      | ALIADOS       | Paulinho Cascavel     |
| 1993 | 37 anos   | 09      | ALIADOS       | Roberto Domachoski    |
| 1994 | 33 anos   | 12      | ALIADOS       | Paulinho Cascavel     |
| 1994 | 37 anos   | 10      | ALIADOS       | Roberto Domachoski    |
| 1995 | 33 anos   | 12      | CALDEIRAO     | Roberto Domachoski    |
| 1995 | 35 anos   | 12      | ALIADOS       | Paulinho Cascavel     |
| 1996 | 35 anos   | 13      | FLA MASTERS   | Vilson Henrique       |
| 1996 | 39 anos   | 10      | ALIADOS       | Paulinho Cascavel     |
| 1997 | 35 anos   | 13      | FLA MASTERS   | #                     |
| 1997 | 39 anos   | 12      | ALIADOS       | Roberto Domachoski    |
| 1998 | 35 anos   | 11      | FLA MASTERS   | #                     |
| 1998 | 39 anos   | 10      | ALIADOS       | Paulinho Cascavel     |
| 1999 | 35 anos   | 11      | FLAMENGO      | #                     |
| 1999 | 39 anos   | 12      | CALDEIRÃO     | Jorginho              |
| 2000 | 35 anos   | 14      | ABC           | #                     |
| 2000 | 39 anos   | 11      | FLA MASTERS   | José Antonio da Silva |
| 2001 | 39 anos   | 15      | FLAMENGO      | Ozi Cardoso           |
| 2002 | 35 anos   | 20      | #             | #                     |
| 2002 | 39 anos   | 17      | ABC           | #                     |

Fonte dos dados: De 1979 a 1983 - Não foi possível levantar as informações. De 1984 a 1995 - Anotações de Jaime Markezzi. De 1996 a 1997 - Anotações de Ademir Flôr. De 1998 a 2002 - Anotações da L.I.F.

# - Informações não disponíveis



Equipe de jogadores veteranos dos anos 70, da esquerda para a direita: em pé Raul Quadros, Negão, Benito Abadie, Irineu Basso, Motta, Edgar Fialla (Orestes), Vitório Basso, Francisco (Dr. Chiquinho) Freire, Diógenes; abaixados: Catcho, Biguá, Bilinho, Tibiriçá, Carlinhos Samways, Bley e Tito Martinez



Equipe do Coroa's Clube (da esquerda p/a direita): em pé Antenor, Luiz Carlos, Polaco, Barcelona, Nestor, Amaury, Roberto Simões, Satélite, Chuss, Raul Quadros, Biguá e Lúcio. Abaixados: Zico, Papi, Breda, Nenê, Romeu, Roberto Chirú, Cláudio, Bley e Negão



## Destaque

O artilheiro dos artilheiros, na competição, é o atleta Roberto Domachowski, com 37 gols marcados na temporada de 1992, versão 37 anos. Além dos clubes tradicionais, como ABC Futebol Clube, Flamengo Esporte Clube, Gresfi e Vasco, na categoria tiveram participação grandes equipes montadas especialmente para esse fim, por associações de bairros (Três Lagoas, Vila Yolanda, Porto Meira, São Francisco, Porto Belo, etc), por clubes e/ou associações (Clube dos 14, Floresta, Ipê, Asserpi, Mônaco, etc), por grupos específicos (Flamengo Master, Gaúcho, Triângulo, União, etc), por empresas (Unicon, Itaipu, Zanin, Cascavel Toldos, Cidão, etc).

Desta lista, destaco apenas dois nomes, as equipes do Caldeirão e do Aliados Futebol Clube, sobre as quais vamos contar um pouco de sua história a seguir.

### Caldeirão

Fundado em 1982 por um grupo de amigos que se conheciam desde a infância, mas que, apesar de se encontrarem regularmente para jogar futebol suíço e confraternizações como jantares e bailes, eram rivais no futebol de campo. Parte deles jogava nos veteranos do ABC e outra no Flamengo. Esse fato era motivo de discussões homéricas diante da tradicional rivalidade dessas equipes.

Para por fim a essas discussões que traziam constrangimentos, eles resolveram se juntar e fundaram assim o Clube Caldeirão, que recebeu esse nome por ser muito mais que uma simples "panelinha". Para equilibrar as cores dos clubes de origem: ABC (vermelho e branco) e Flamengo (vermelho e preto), foi adotado um uniforme nas cores vermelho, branco e azul.

Na primeira participação em um campeonato de veteranos, o tricolor conquistou a 3ª colocação. No campeonato seguinte sagrou-se campeão. Desde a fundação, até quando disputou o campeonato com sua tradicional equipe, formada basicamente pelos sócios fundadores, raramente o Caldeirão deixou de participar da decisão dos certames, tendo nesse período colecionado vários títulos de campeão, vice e ou 3º colocado. Na maioria das vezes, o Caldeirão fez ainda o artilheiro e/ou o goleiro menos vazado, tornando-se um ícone do nosso futebol de veteranos.

Além das atividades esportivas de Foz, o Caldeirão se caracterizou como anfitrião e embaixador da cidade. A equipe recebeu diversas delegações que vieram jogar e conhecer os atrativos turísticos locais. O Caldeirão também realizou diversas excursões esportivas, algumas internacionais (Assunção e Caribe), sempre divulgando as

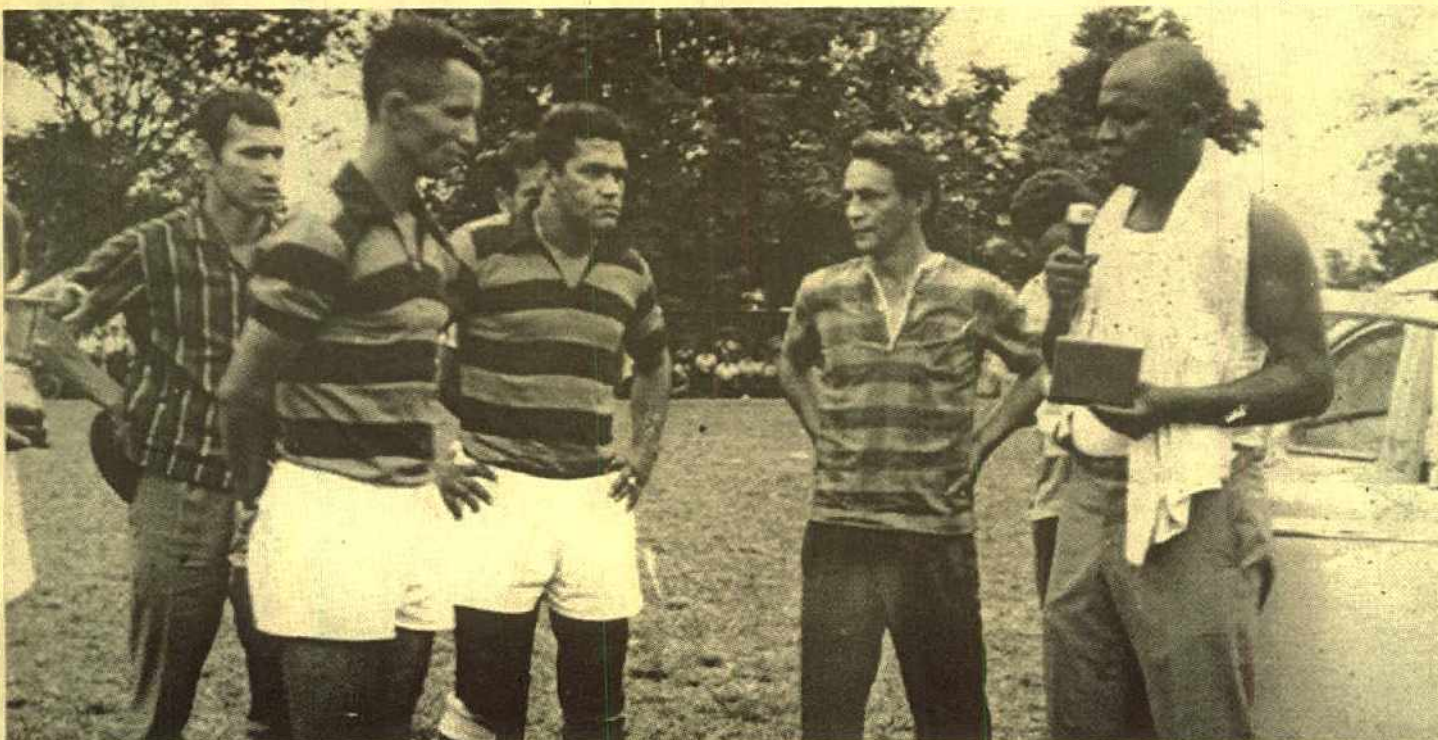


Flash do jogo Coroas x Milionários, da esquerda p/a direita: Raul Quadros, Grignet, Bellini (capitão da Seleção Brasileira bicampeã do Mundo em 1964) e Breda



Flash da chegada da equipe "Milionários" a Foz; da esquerda p/ a direita: Tavico, Djalma Santos (Seleção Brasileira de 58 e de 64, bicampeã do Mundo), Papi e Raul Quadros





*Jogo do Flamengo de Foz, em que Mané Garrincha atuou; no flash recebendo uma homenagem de Kid Chocolate, ladeado por Noronha e por Raul Quadros*

maravilhas da tríplice fronteira por onde passou. Além do pessoal dos Falcões de Curitiba (formado por ex-jogadores do Coritiba e do Atlético), que freqüentemente vem à cidade, vale destacar a vinda da Seleção Brasileira de Masters, que trouxe craques como: Dario, Edu, Chicão, Rondinelli, entre outros. É importante ressaltar que apesar de ter sua origem no esporte - futebol de campo e futebol suíço - o grande elo de manutenção do Clube Caldeirão, que comemorou no ano de 2002, 20 anos de salutar convivência entre seus membros, é a sincera e desinteressada amizade que une associados e familiares.

Um reflexo dessa união é a relação criada entre os filhos dos sócios fundadores. A história do Caldeirão demonstra que ele não é apenas um time de futebol, mas sim um grupo de pessoas, onde a

amizade e o conagraçamento comunitário são o maior objetivo. O clube se destacou ainda em diversas atividades, tais como blocos carnavalescos, sendo um dos mais premiados nos tempos áureos do Carnaval do Country Clube e pela tradicional festa caipira, realizada anualmente em junho ou julho.

Apesar de uma pequena rachadura ocorrida no final dos anos 90, quando houve o afastamento de dois dos sócios fundadores do clube. Mas como se diz no popular, em "tribo de caciques" é sempre normal divergências, especialmente por falta de espaço para o exercício de liderança e implantação de idéias. Dessa cisão nasceu os Aliados que foi uma incontestada prova de competência e que muito contribuiu para a maturidade de todos.

Superado esse episódio foi feita a reintegração total dos afastados, que nunca deixaram de ser membros do Caldeirão, apenas se afastaram futebolisticamente. Ainda hoje, como já faz há mais de 20 anos, os membros do clube se reúnem todas às terças e quintas na sede própria (Avenida General Meira). O local é dotado de modernas instalações e é apropriado para a prática de esportes e confraternização dos membros, e aí se inclui os fundadores e um grupo de aproximadamente 35 participantes efetivos. Criticado por alguns, elogiado por poucos, místico para outros, copiado por tantos e invejado por muitos, este é o Caldeirão, que tem na simplicidade e na sinceridade de propósitos o segredo de sua profícua e contínua existência como parte integrante da comunidade iguaçuense.

#### **Aliados Futebol Clube**

Por entenderem que tinham seu espaço futebolístico tolhido dentro do Clube Caldeirão, inicial-



*Reunião de confraternização dos fundadores do Caldeirão, da esquerda p/a direita e em pé (atrás): Névio, Neuso, Gaúcho, Pulli, Carlos (Xará) Mendonça, Fernando, Adelar (Chico) Salvatti e sentados: Ademir, Paulão, Cláudio Rorato, Amauri, Roberto, Hamilton (Mito) e Farid Damen*



mente quatro de seus sócios fundadores, Neuso Rafagnin, Ademir Flôr, Roberto Domachowski e Hamilton Mito Nunes, resolveram afastar-se e fundar uma outra equipe de futebol para disputar a categoria de veteranos.

Após tentativas de reconciliação, somente dois (Neuso e Ademir) dos associados dissidentes, mantiveram a sua posição inicial e juntamente com outros desportistas, especialmente os de origem paraguaia, com destaque para Salvador, Tito, Raul, Cata, Peralta, etc, fundaram em 1991, o Aliados Futebol Clube, que com as cores preta e branca, e seu escudo ostentando um míssil (face à guerra do Golfo que se desenrolava naquele tempo) e uma bola, nascia uma equipe que iria marcar época.

O embate entre as equipes do Aliados e do Caldeirão, como não poderia deixar de ser, se tornou um dos grandes clássicos do futebol de veteranos, tendo na primeira partida entre si, o Aliados saído vencedor pelo escore 1 x 0, gol marcado pelo atleta Cigano. Como curiosidade à história dos confrontos entre essas duas equipes mostra um interessante equilíbrio com 14 vitórias para cada lado.

Com um time modesto, mas com muita organização e aplicação, já no seu primeiro campeonato o Aliados conseguia uma honrosa 3ª colocação. Numa 2ª etapa, já com Ademir Flor deixando de jogar para tornar-se um vitorioso treinador, o Aliados viveu sua grande fase, tendo, no período de 1991 a 1999, ganhado oito títulos de



*Uma das primeiras formações do Caldeirão: em pé Mito, Dirceu, Cláudio, Paulão, Gaúcho e Vilmarzinho; agachados: Adílio (Seco) Mendonça, Roberto Domachoski, Hélio Maurício, Neuso e Luizinho*

campeão, três vice-campeonatos e três terceiros lugares, com diversos troféus de artilharia e de goleiro menos vazado. Tinha sua sede no Rafain Palace Hotel, onde ainda hoje estão seus troféus e demais bens, e teve como destaque, além de seus criadores Neuso Rafagnin e Ademir Flor, os jogadores: Vilson Henrique (grande artilheiro que jogou no futebol profissional do sudoeste paranaense - Pato Branco e Francisco Beltrão - e no oeste catarinense - Chapecó), Paulinho Cascavel



*Equipe completa do Caldeirão de 1990. Atrás: Farid, Neuso, Giba e Névio; em pé: Ademir, Neto, Lirant, Roberto, Cláudio, Amauri, Dirceu, Mito, Martim e Gaúcho; agachados: Fernando, Paulão, Xará, Jorginho, Chico, Dázinho e Lanzoninho*





*Flash de jogo realizado em Curitiba, entre Caldeirão e Falcões, com destaque para os ex-profissionais Alfredo Mostarda (Atlético PR) e Hiran, Paulinho e Renatinho (Coritiba FC), entre outros*

(artilheiro do Cascavel FC, do Joinville e com passagem no futebol português - Sporting e Porto), Roberto Costa (goleiro da Seleção Brasileira, do Vasco, do Fluminense e do Internacional), Ramirez (lateral direito da seleção uruguaia - aquele que correu atrás do Rivelino, na homérica briga Brasil x Uruguai), Manoel (Cascavel FC, atualmente técnico nos Emirados Árabes), Peralta (Campeão mundial de futebol de salão pelo Paraguai), entre outros. A exemplo do Clube Caldeirão, o Aliados mantinha outras atividades entre seus membros, além da prática do futebol de campo, pois se reuniam regularmente em jantares com as famílias, especialmente para comemorar datas especiais, como Natal, Páscoa, aniversários, e em eventos

de época - festa junina, primando pelo conagraamento entre seus participantes. Em 1999, por considerarem ter alcançado os objetivos propostos quando da criação do Aliados, reuniram seus associados e decidiram pela extinção do time, encerrando suas atividades, tendo a grande maioria de seus participantes, inclusive seus fundadores, ingressado no ABC Futebol Clube.

#### **Veteranos - Vetor de integração Itaipu x Cidade**

A participação de atletas e times vinculados a Itaipu Binacional, foi extremamente importante



*Nova geração do Caldeirão: (da esquerda p/a direita): Hamilton Nunes Jr., Giovanni e Thiago Rafagnin, Merched Damen, Fabiano Nunes, Farid Damen e (no centro) José Cláudio Rorato Filho, todos filhos de fundadores do clube*



*Flash do Carnaval do Country Clube, anos 90  
Bloco do Caldeirão*





*Festa caipira do Caldeirão, em pé: Farid, Cláudio Rorato, Mito, Fernando, Lyrant, Ademir, Névio e Osmar; agachados: Adílio (Seco), Acyr Bueno, Gaúcho e Dirceuzinho; sentados: Amaral, Roberto e Carlos (Xará) Mendonça*

para o sucesso da categoria e se deu sempre com muita galhardia e competência pelos atletas da usina, que através dos clubes Floresta e Ipê e/ou através de empreiteiras (Unicon), ou ainda através de equipes montadas especialmente para disputar a categoria (Unidos da Vila, Tocaí, Beloflame, Petrodólares, etc), sempre deram um brilho especial às competições que participaram.

E, sem sombra de dúvidas, esse relacionamento aproximou em muito, a comunidade iguaçuense ao chamado "pessoal da Vila", propiciando grandes amizades e acabando com todo e qualquer estigma, que porventura houvesse entre esses grupos, que, anteriormente, mantinham uma certa distância entre si. A aproximação foi natural. Aliás, essa é uma das grandes virtudes do esporte - aproximar as pessoas e acabar com as desigualdades - porque dentro de um campo de futebol, os indivíduos se tornam iguais, não importando sua classe financeira e/ou intelectual. Daí a grande colaboração social do Campeonato de Veteranos, na integração entre as comunidades de Itaipu e da cidade.

Atualmente, o nosso futebol de veteranos tem deixado a desejar, apesar dos esforços da LIF e de alguns aficionados, pois a baixa qualidade, por incompetência e por má fé de algumas arbitragens, somadas à falta de esportividade e de escrúpulos de alguns dirigentes de clubes, que tentam ganhar o campeonato a qualquer custo, "comprando" ar-

bitragens, pagando jogadores e, por mais absurdo que pareça, estimulando e facilitando para que torcedores truculentos e embriagados invadam o campo de jogo e agredam árbitros e jogadores adversários. Esses lamentáveis fatos vêm maculando a linda e exemplar história do futebol de veteranos e esperamos que este relato possa contribuir para dar fim a esse absurdo estado de coisas, pois os últimos acontecimentos (na decisão dos últimos campeonatos) têm envergonhado quem aprecia o futebol de veteranos.

Acreditamos no bom senso e na esportividade dos atuais dirigentes dos clubes participantes dos "veteranos" e torcemos para que eles procedam a um saneamento em seus quadros, afastando aqueles que são nocivos ao esporte e voltando à prática salutar e fraterna dos bons tempos das disputas entre veteranos. Da mesma forma é preciso que a LIF, através de seu setor competente faça uma "limpeza" no quadro de árbitros, para que voltemos a ter arbitragens imparciais e competentes, trazendo de volta o espírito e a prática do futebol de veteranos, que um dia foi considerado exemplo nacional.

#### Finalmentes

Para encerrar este relato preciso agradecer aos amigos colaboradores, sem os quais não teria sido possível chegar até aqui, pois foi através de depo-

**Atualmente o nosso futebol de veteranos tem deixado a desejar, apesar dos esforços da LIF e de alguns aficionados**





*Os fundadores Ademir Flôr e Neuso Rafagnin juntos com Cidão e Anísio Galli, numa das primeiras apresentações do Aliados*



*Torcida feminina do Aliados, formada por familiares e simpatizantes que prestigiavam os jogos do clube, comemorando a conquista do campeonato de 1993*

imentos, documentos, fotografias e muita paciência, que consegui juntar as peças desta marcante história de nosso futebol de veteranos.

Quero agradecer de coração, ao Jaime Marquezi, que com suas anotações e depoimentos propiciou que a maioria dos dados (datas e resenhas dos campeonatos) aqui apresentados fossem levantados; ao Aparecido Plácido dos Santos e ao Hector Papi Roberto Saucedo que relataram o começo de tudo; ao Raul Quadros pelas fotos, ao Romeu Togni, que mesmo estando em Santa Catarina, ajudou na história dos Coroa; ao Roberto Domachowski que cedeu fotos e me auxiliou a montar a história do Caldeirão; ao Ademir Flôr que com suas anotações e fotos colaborou

muito, especialmente na história dos Aliados e a todos os demais que me ajudaram, muito obrigado!!

Apesar das dificuldades de se conseguir as informações aqui contidas, pois à exceção de anotações desorganizadas dos colaboradores citados, nada está devida e formalmente registrado, especialmente na Liga de Futebol, onde os dados não estão disponíveis e os disponíveis não estão devidamente catalogados, o que é lamentável.

Da Liga quero ressaltar apenas a dedicação e a boa vontade de seu atual presidente, o esforçado Manoel Jobes, o Michimi, que franqueou o material bruto que dispunha, para minha pesquisa. Por isso é possível que existam incorreções em algumas informações (além da falta de algumas delas), pelo que, antecipadamente peço desculpas, mas como acredito que "só não erra, quem não tenta", vou continuar fazendo a minha parte e, antes mesmo de qualquer reclamação, prometo que na próxima vez, vou incluir a história de outras grandes equipes. Apesar dos pesares, espero que o resultado tenha ficado bom e neste final, quero prestar uma sincera homenagem a todos os grandes atletas que passaram pelo nosso futebol e para não correr o risco de me esquecer de alguém, vou personificar todos, na citação de meus queridos irmãos Zico, Dedé (*in memoriam*) e Tonho, que fazem parte da história do nosso futebol.



*Equipe do Aliados numa de suas mais fortes composições. Da esquerda p/a direita: em pé Ademir, Tontini, Paulinho Cascavel, Marinho, Fredy, Ozzi, Salvador, Cata, Nelson, Peralta e Tito; agachados: Neuso, Nilson, Menguelle, Jairo, Serginho, Vilson Henrique, Raul, Edgar e Valmis*

#### **Hamilton Mito Luiz Machado Nunes é**

iguazuense nato, esportista por convicção e por hereditariedade, pois é filho de Almir Antônio Machado Nunes, um dos fundadores e dos primeiros presidentes da LIF e também, um dos primeiros presidentes do Guairacá

Esporte Clube







Não existe cidade sem história. Existe história não contada

## Em busca da história de Foz do Iguaçu

Por Jackson Lima

**O** dia 10 de junho de 1914 é tido como o início da história de Foz do Iguaçu. De igual maneira o ano de 1939 aparece como o ano de fundação do Parque Nacional do Iguaçu. As duas datas estão corretas. Porém o que se deixa passar em branco é o que aconteceu antes destas datas. Entre 1888 e 1914 muita coisa aconteceu. Entre outras, o que hoje é Foz do Iguaçu passou 20 anos como Colônia Militar. Em uma colônia militar, não há impostos como IPTU, ISSQN. Não se compra, troca ou se vende terreno. Ninguém é eleito. E quem manda é o comandante.

Quanto ao Parque Nacional do Iguaçu, se pode dizer a mesma coisa. Antes do PNI ser fundado, há toda uma história que começou em 1913. O pontapé inicial foi a lei estadual 1.260 de março daquele ano. A lei criava pela primeira vez, no Paraná, a possibilidade de se desapropriar terras por questões de "interesse público". Ninguém tinha idéia como essa lei iria ser utilizada. No mesmo ano, em junho, a lei foi regulamentada pelo Decreto 460 publicado no Diário Oficial do dia 19 daquele mês. Porém, se voltou a

falar desta lei no que se refere a Foz do Iguaçu, em 1916.

Em uma colônia militar ninguém compra terreno. Ou pelo menos ninguém deve comprar terreno. As pessoas que vêm morar em uma colônia requerem um lote. No caso da Colônia Militar do Iguaçu, havia dois tipos de lotes. O lote rural, para agricultura e um lote em algum lugar que um dia será chamado de urbano. Em 1905, já sentindo o cheiro da possibilidade de mudança no ar, o comando da Colônia Militar do Iguaçu deu instruções que se desse início a um Registro de Colonos que viviam na CMI. A primeira página do Livro para Matrícula de Colonos da Colônia Militar foi ocupada por um colono espanhol, de 47 anos, chamado Jesús Val.

Segundo o registro, Jesús Val, 47 anos, casado, era residente na Colônia desde 1897. Ele recebeu da Colônia Militar um lote de 1.008 hectares para fins agrícolas. O lote de Jesús Val ocupava a margem do Rio Iguaçu. Junto aos Saltos de Santa Maria. Jesús Val não parecia ser um colono comum. Ele se identi-



fica como fazendeiro, anos mais tarde, e como residente no Paraguai. O sargento escrevente fez questão de deixar registrado que recebera um telegrama urgente do Ministro da Guerra pedindo que se demarcasse o lote do colono com caráter de urgência. Por quê?

Jesús Val era o feliz dono do lote onde hoje estão as Cataratas. E segundo o documento Jesús Val já tinha um "hotel" no local. O hotel do espanhol aparece como marco de orientação na demarcação. Então se o terreno era de Jesús Val, que negócio foi feito com os Engel? Era alugado? Foi uma concessão? Como aconteceu? Quem construiu o hotel? São perguntas que para serem respondidas necessitam de documentos, contratos e recibos que podem estar perdidos no tempo.

### Época de transição

A Colônia Militar do Iguassu conseguiu afirmar a presença brasileira na região. Mas não conseguiu trazer prosperidade. Tudo era longe. O "colonial" (quer dizer o iguaçuense da época) não tinha estímulo para produzir. Esta era uma região dominada pela erva-mate, indústria que perduraria até 1936. Para fazer dinheiro, ou o "colonial" trabalhava nos ervais ou tirava madeira e rezava para que a terra se valorizasse um dia. Por fim, o Governo da República, decidiu entregar a Colônia ao Estado do Paraná. Veja o que diz um dos maiores historiadores do Paraná:

"Os colonos que ganharam lotes de terra nos domínios da colônia tinham por obrigação principal produzir agricultura de subsistência. Mas tal não ocorria. Os que abandonaram a colônia passaram a extrair a erva-mate e cortar madeiras. Com o tempo deixaram seus lotes e foram pregar as terras e matas do governo. Os próprios oficiais para lá destacados consideravam-se desterrados. Aproveitavam pois o tempo para melhorar a situação financeira através do contrabando... como a colônia não prosperasse, em 1912 foi entregue à administração do Estado". (Rubem Waschowich, Obrajeiros, Mensus e Colonos, p.226)

No dia 6 de fevereiro de 1913, o primeiro tenente-escrivão Arcelindo Clarindo de Paula escreve no Livro para Matrícula de Colonos: "Por ordem do sr. capitão Francisco Cordeiro de Oliveira Rosa, diretor da Colônia, encerro a escripturação deste livro, por ter sido segundo comunicou-se ao tenente-coronel Frederico Luiz Rossany, chefe do estado Maior do Exército em telegrammas de 4 e 6 de fevereiro, por Decreto número 1002 de 29 de janeiro, tudo do corrente anno, mandada a Colônia Militar passar a regime civil. Colônia Militar do Iguassu, 6 de fevereiro de 1913.

Entre 1912 e 1914 a Colônia estava sob a admi-

nistração do Município de Guarapuava. Mas quando nasce uma cidade? No dia em que o primeiro prefeito e primeira Câmara assumem? Ou no dia em que sai o decreto que cria a cidade? Bem, o decreto que cria Vila Iguassu é do dia 14 de março de 1914. A inauguração do Município de Vila Iguassu só ocorreu no dia 10 de junho de 1914. Um ano após a Lei que previa a desapropriação de terras. Naquele dia, tomou posse o prefeito Jorge Schimmelpfeng cujo nome já aparece no Livro para Matrícula de Colonos desde 23 de maio de 1906. Ele tinha então 30 anos e era viúvo. No livro aparece também Jorge pedindo licença para ausentar-se da colônia por motivos particulares.

Na posse, Schimmelpfeng fez um longo e emocionado discurso. Ele disse aos iguaçuenses: "Não quero que a única diferença entre a Colônia Militar do Iguassu e o Município de Vila Iguassu sejam os impostos...que vamos cobrar". O discurso de Schimmelpfeng foi publicado na íntegra no Diário Oficial do Paraná no dia 19 de agosto de 1914 e se encontra preservado na Biblioteca Pública do Paraná. A lei número 2 da Vila Iguassu tratava sobre as fontes de renda e imposto. A lei tratava com detalhes sobre a necessidade de organizar um matadouro, cobrar impostos das terras e sugeria algumas multas urbanas.

### Enquanto isso, no Parque

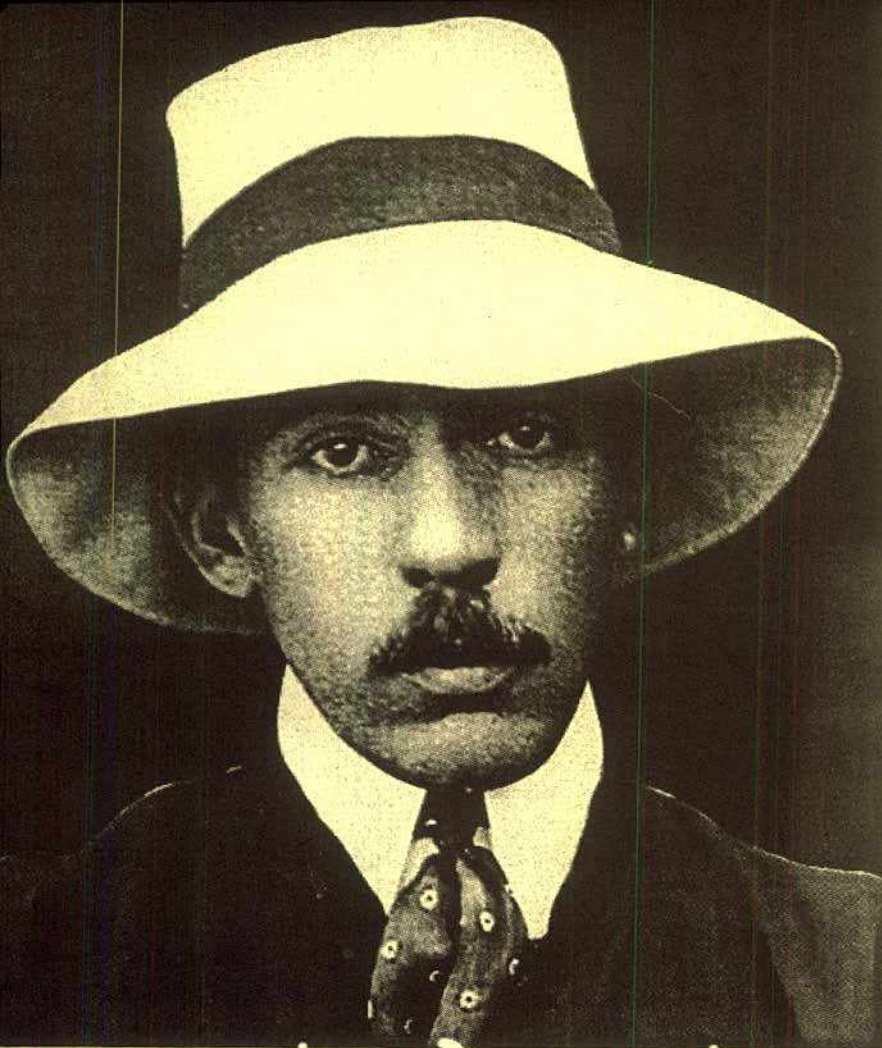
A primeira vítima "iguassuense" da Lei 1.260 agora regulamentada pelo Decreto 460 foi o colono ou fazendeiro Jesús Val. No dia 31 de julho de 1916, o Diário Oficial publicou o Decreto 653 que declarava os 1.008 hectares dele como de "utilidade pública". Segundo o decreto, a área de terra em frente às Cataratas seria reservada ao Estado. E o que o Estado faria com ela? "Um parque e uma povoação". Este foi um momento de grande iluminação do Estado do Paraná. E um momento de pesadelo para Jesús Val. Como estaria a área das Cataratas, se Jesús Val ainda fosse o dono da terra? É sempre interessante perguntar: Como seria?

Jesús Val não gostou. Entrou na Justiça para reaver a sua terra. Nos documentos dessa época, Jesús Val já aparece como viúvo e residente em Puerto Colón, Paraguai. Para acompanhar o processo jurídico, ele constituiu o cidadão brasileiro Dr. Antônio Joaquim Alves de Farias, engenheiro civil e solicitador residente na capital para "promover a ação contra o Governo do Paraná, para indenização dos prejuízos que lhe causa o Decreto 653 de 28 de junho de 1916 (data anterior à publicação no DO) e acompanhar processo em primeira e segunda instâncias...". O engenheiro Antônio Alves de Farias continuou procurador de Jesús Val até 1919. No dia 13 de março, o engenheiro Farias passou a procuração para outro

**Segundo o registro, Jesús Val, 47 anos, casado, era residente na Colônia desde 1897. Ele recebeu da Colônia Militar um lote de 1.008 hectares para fins agrícolas**

**Jesús Val não gostou. Entrou na Justiça para reaver a sua terra. Nos documentos daquela época, Jesús Val já aparece como viúvo e residente em Puerto Colón, Paraguai**





**Quando em 1916, Santos Dumont disse à menina Elfrida Engel: "É injusto que essas terras estejam em mãos de particulares", o imóvel dos Saltos Santa Maria ainda era de Jesús Val**

cidadão, Leopoldo Frederico Pereira, telegrafista-chefe e residente em Curitiba. Quatro meses depois, no dia 10 de julho, o processo Jesús Val contra o Estado do Paraná, chegou ao fim. Jesús Val desistiu do processo e negociou ainda em primeira instância. No acordo, Jesús Val vendeu as 1.008 hectares de sua propriedade por 298:716\$322 (Duzentos e noventa e oito contos, setecentos e dezesseis mil, trezentos e vinte dois réis). Deste total, 297:900\$00 (duzentos e noventa e sete contos e novecentos mil réis) ele recebeu em apólice do Governo. O restante, 816:322 (Oitocentos e dezesseis mil, trezentos e vinte e dois réis) ele recebeu em moeda corrente. O professor e economista Dauri Braga Brandão, da Uniamérica fez um cálculo, a pedido do autor, para saber qual seria o valor em dinheiro atual que Jesús Val recebeu. O cálculo de 18 páginas concluiu que o valor total corrigido é de R\$ 127.888, 87 (cento e vinte e sete mil, oitocentos e oitenta e oito reais e oitenta e sete centavos).

### **Concluindo**

E Santos Dumont? Lembremos da passagem histórica de Santos Dumont pela Vila Iguassu. Quando em 1916, Santos Dumont disse à menina Elfrida Engel: "É injusto que essas terras estejam em mãos de particulares" o imóvel dos Saltos Santa Maria ainda era de Jesús Val. A questão é: Santos Dumont chegou a falar com o presidente do Estado? Foi coincidência? De novo os arquivos históricos ainda não res-

ponderam a estas perguntas. Essa "história" de Foz do Iguaçu não é sequer a ponta de um enorme *iceberg*. As grandes perguntas estão aí. Quem foi, o que fazia Jesús Val? Ele veio da Espanha e possivelmente de Burgos. Mas o nome Val é comum naquela parte da Espanha. Até este ponto se sabe que para responder às grandes perguntas sobre Foz do Iguaçu e sua história é necessário caminhar muito. Curitiba, Cascavel e Guarapuava; Rio de Janeiro, Posadas e Buenos Aires. E não se assustem se algum documento importante for encontrado em Londres. É que naquela época, o capital inglês era muito importante por aqui. As grandes "obrages" grandes áreas de terra para a extração de erva-mate perduraram até 1930. Grupos ingleses como a Companhia de Madeiras del Alto Paraná que controlava a obraze Fazenda Britânia. A Companhia Brasileira de Viação e Comércio (Braviaco), subsidiária da empresa São Paulo-Rio Grande e controlada pela Brazil Railway Co, todas têm a ver com nossa história. Jorge Schimmelpfeng era, por exemplo, o administrador representante da Fazenda Britânia.

### **Início do Parque**

No que se refere ao Parque Nacional do Iguaçu, o que começou em 1939, foi o Parque "Federal" como patrimônio da União e do Povo Brasileiro. A história vem de muito antes e ainda não terminou. Não se pode deixar de admirar a visão dos deputados da legislatura de 1913. O A Lei 1.260 foi assinada pelo então presidente do Estado, Carlos Cavalcanti de Albuquerque. Em 1916, dentro de um invejável processo de continuidade, o presidente do Estado Affonso Alves de Camargo, assina o Decreto 653 que cria o Parque Estadual do Iguassu. Mais tarde, o Estado, adquiriu mais terras e aumentou o tamanho do Parque Estadual do Iguaçu. Foram essas 3.351 hectares que o Paraná ofereceu à União para que ali fosse criado um Parque Nacional. O Paraná falou em Parque Nacional muito antes do Brasil, embora o primeiro Parque Nacional brasileiro tenha sido o Parque Nacional de Itatiaia. A União aumentou a quantidade de terra para os atuais 185 mil hectares. Colocou o Parque na lista do Patrimônio Natural. E muita gente sofreu, teve direitos sacrificados para que tivéssemos um Parque. Jesús Val foi o primeiro. Mas a lista é grande.

**Jackson Lima** é jornalista, escritor e pesquisador. É acadêmico de Comunicação da UDC. Está dedicado atualmente na reconstituição da vida durante a Colônia Militar do Iguassu. E paralelamente, aos primeiros habitantes da região: os guaranis, sua religião e misticismo. Agradecimentos ao Arquivo Público do Paraná, Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca Nacional e DINF - Arquivo do Exército, Museu Berton e empresários locais que apóiam de várias maneiras os esforços





COLT 45  
ARTE DE GROSSO CALIBRE  
nº 1 1/2

QUEM WENZEL

 Cabeza

**COLT** 45

ARTE DE GROSSO CALIBRE  
(REVISTA COLT 45) (Arte de Grosso Calibre) (Ano 1) (nº 1 1/2) (EDIÇÃO ESPECIAL)



# COLT 45

ARTE DE GROSSO CALIBRE

REVISTA COLT 45 (ARTE DE GROSSO CALIBRE) - F02/D2 IGUAÇU, ANO 1003 - EDIÇÃO ESPECIAL Nº 1 1/2

## EDITORIAL

**QUEQUEÍSSO???** Não se preocupem amigos, não deixamos de fazer mídia independente e tão pouco nos rendemos ao *mainstream* das publicações. A COLT 45 aqui está porque fomos convidados pelo editor da revista **CABEZA** para preencher uma lacuna existente na revista, a literatura e a arte. Não podemos deixar de frisar a importância desta revista, que desde sua metamorfose - quando deixou de ser apenas uma publicação "vazia" da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu, e passou a ser chamada de **Cabeza**, busca um resgate histórico da cultura de nossa cidade, nossa Foz do Iguaçu. Não só agradecemos o convite como fizemos o melhor possível para enriquecer ainda mais a nossa cultura e aqui estamos com a COLT 45 nº 1 1/2. Agora por que nº 1 1/2? Porque a COLT 45 voltará "ao seu tamanho normal" em breve com um projeto gráfico e editorial bem mais apurado, assim como sua independência em falar "merda" sem que nenhum enrustido moralista venha encher o saco.

Nas páginas que seguem esta edição temos um pouco de tudo: ensaio, conto, poesia, quadrinho (até que enfim alguém se lembrou dessa arte), política, memória, *designer* gráfico, poesia, artes plásticas, pensamento, e acho que já disse, poesia.

Agradeço a todos que cederam suas obras e autorizaram a vocês leitores, o direito de reproduzi-las a vontade. As páginas identificadas com o selo (da caveira) podem ser copiadas sem prejuízo nenhum ao leitor. São obras chamadas "copyleft" que não são registradas, pertencem não só ao autor como a toda sociedade.

Pra finalizar, mandamos um grande abraço a nossos colaboradores: Helena Sut, Walmor Marcellino e Chico Guil (Curitiba), Clóvis Fogaça (Sta. Terezinha do Itaipu), Rubens Pileggi Sá (Londrina) e aos iguaçuenses Zé Beto Maciel, Isel Judith, Ronildo Pimentel, Nilton Bobato e Lena Gomes.



Expediente

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO, CAPA E ARTE: Jeff Menzen EDIÇÃO: Jeff Menzen, Lena Gomes  
COLABORADORES: Arthur Fuentes (Caxias do Sul/RS),  
Rubens Pileggi Sá (Londrina/PR) e GRUPO COLT45.Revisão:Elíana Coimbra  
CONTATOS: (45) 3027 3406 - jeffmenzen@bol.com.br



# A POESIA, prima pobre

por Djéff Mentzsen

A poesia é, desde os tempos homéricos a arte mais rica produzida pelo homem. Pinturas rupestres, monumentos, párnasos e acrópoles, todos de um valor estético imenso, nunca conseguiram substituir a pureza da composição dos versos ecoando da alma do poeta e ressonando no espírito do leitor/ouvinte. Seu valor não é apenas contemplativo como as outras artes e sim fruto do desenvolvimento de uma das mais nobres construções do homem, a linguagem. Os gregos e nós mesmos sabemos da importância desta arte para nossa cultura. Afinal, o que faziam os aedos senão levar um pouco da magia das palavras até os espíritos sedentos de saber das pessoas? A poesia se mantém como a "eterna novidade" de que canta Alberto Caeeiro/Fernando Pessoa, fora do tempo, fiel a si mesma e ainda assim se diferenciando de si em novas formas, inquieta no tempo. Riquíssima! Daí pergunto-lhes: de onde vem o conceito (ou seria falácia) de que a poesia é a prima pobre da literatura? Ah, sim! Talvez venha dos ávidos poetacapitalistas que além de publicarem seus livros, querem vender mais que grandes editoras. Estas que por sinal não reclamam, pois desde o advento da *internet* e o acesso mais fácil de clássicos como Rilke, Trakl, entre outros, conseguiram aumentar a venda de livros, entre eles os de poesia. Creio que o caminho não seja o de explorar através de formas banais e extremamente consumistas a nossa prima, ou melhor, amante poesia. Claro que o poeta tem de viver e para isso necessita de dinheiro, mas subjugar a poesia a regras de mercado para tentar enriquecer e colocar seu nome em evidência me desculpem, não é coisa de poeta. Andy Warhol fez muito bem isso, mas ele não era poeta. E se a poesia é pobre, é porque nasce de espíritos fracos.

Jeff Menzen é poeta, artista plástico e designer gráfico



# Utopia e niilismo

por Rubens Pileggi Sá

Talvez o que chamamos de contemporâneo, ou contemporaneidade, seja um não-lugar, uma ausência, uma tentativa pós existencialista que torna presente a indefinição e a impermanência, onde tudo já foi dito e feito e não há mais como depender das referências de valores e identidades. O acúmulo de história e informação dá-se tão intensamente, como o sol olhado de frente, cegando nossas visões. Nada é bom ou mau em si, embora possa conter o mal e o bem ao mesmo tempo. Esta é a lição que a época nos ensina.

Embora anunciada só agora ( mais por uma questão de datas do que de fatos), esta guerra que assistimos pela mídia (sua arma mais devastadora), evidencia que nossa esperança no futuro, salvação da humanidade e redenção das diferenças por um padrão comum global devem ser cada vez mais relativizadas, senão mesmo jogadas fora, para que nenhuma ilusão se transforme em muletas de nossa existência neste mundo cheio de conflitos e diferenças. O que está em jogo, hoje, diz respeito tanto à ciência quanto à religião, já que a crença em uma ciência portadora de humanidades esbarra na fé de um demônio a ser combatido. Quem diria que a ciência e com ela todo o chamado mundo civilizado estava se encaminhando para uma guerra santa?

Na arte, assim como na vida, a maneira de encarar tais fenômenos da época em que vivemos - já anunciada há um século pelo modernismo - tem sido a de se distanciar, cada vez com mais cautela, de uma certa linearidade discursiva, cuja mensagem é sempre a promessa de um mundo desprovido de asperezas, rugosidades e confrontos. Tão na contramão do que assistimos no dia a dia e talvez o único modo de enfrentar essa tentativa de assepsia estética.

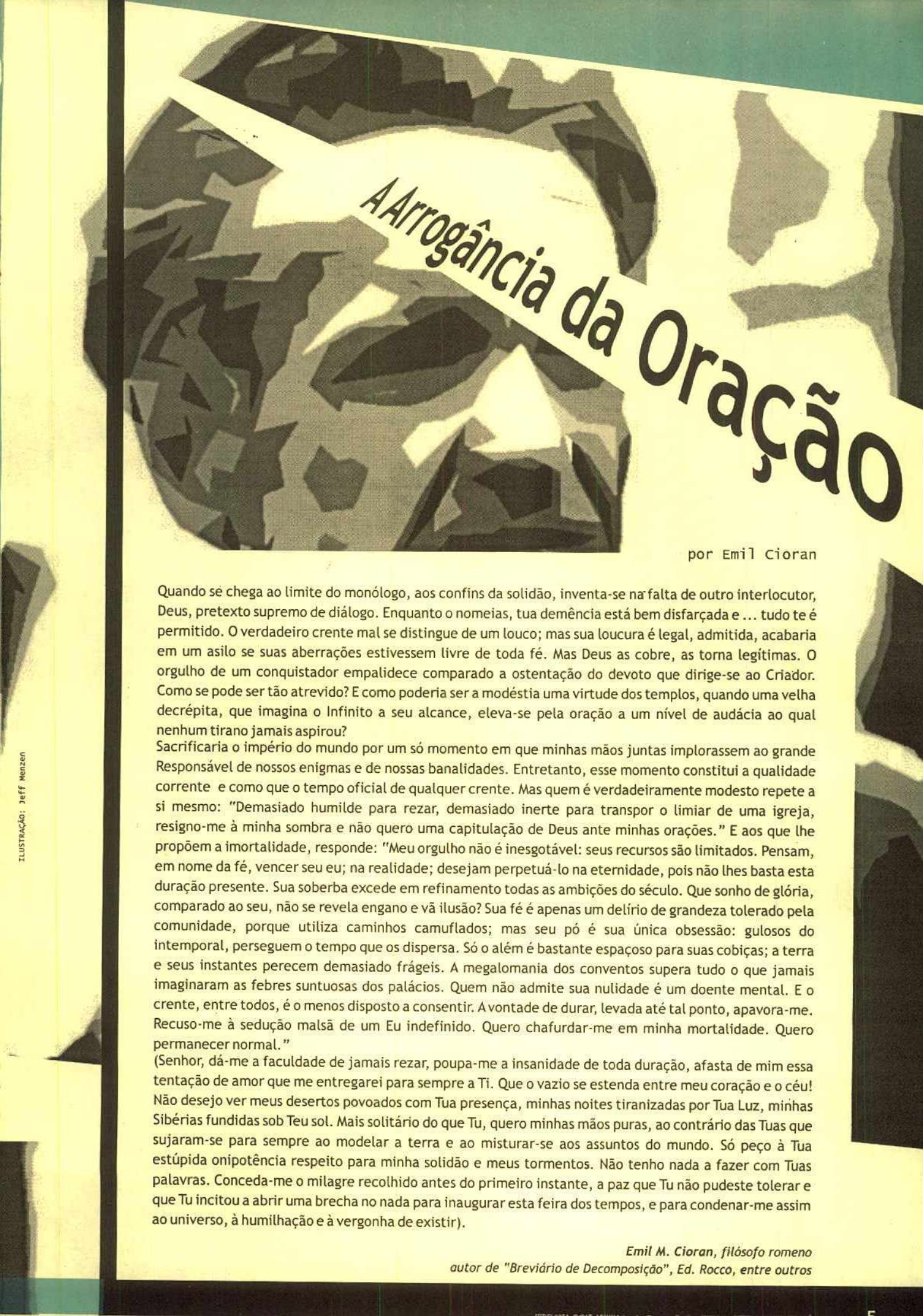
Este novo existencialismo já não é mais aquele do pós-guerra, do tempo e do espaço oprimindo e corroendo a vontade e o desejo, como se fosse um exaustivo coito depois do gozo fatal. Agora ele engendra dentro do silêncio um ruído ensurdecador, um vazio dentro da aparência do branco, uma aparente indiferença aos sentimentos, tornando as percepções muito mais intensas. As possibilidades de interpretação de conteúdos não se resumem só à aparência das formas, suportando leituras absolutamente diversas umas das outras.

Uma obra de arte agora, se assim ainda pode ser chamada, deve ser capaz de comportar as mais variadas visões, dialogando não só com as outras linguagens, mas, paradoxalmente, nos encaminhando ao sentimento mais profundo de estarmos no mundo independente de tempo e lugar, da história e do território. Sem a promessa de salvação ou redenção no final.

Utopia sem utopia, a única maneira da arte se colocar enquanto linguagem. A ironia não se volta mais contra a história, seja a história do homem ou da arte que o homem faz. A ironia agora é a de ainda nos manter vivos.

*Rubens Pileggi Sá é artista plástico e assina a coluna  
Alfabeto Visual na Folha de Londrina*





# A Arrogância da Oração

por Emil Cioran

Quando se chega ao limite do monólogo, aos confins da solidão, inventa-se na falta de outro interlocutor, Deus, pretexto supremo de diálogo. Enquanto o nomeias, tua demência está bem disfarçada e ... tudo te é permitido. O verdadeiro crente mal se distingue de um louco; mas sua loucura é legal, admitida, acabaria em um asilo se suas aberrações estivessem livre de toda fé. Mas Deus as cobre, as torna legítimas. O orgulho de um conquistador empalidece comparado a ostentação do devoto que dirige-se ao Criador. Como se pode ser tão atrevido? E como poderia ser a modéstia uma virtude dos templos, quando uma velha decrépita, que imagina o Infinito a seu alcance, eleva-se pela oração a um nível de audácia ao qual nenhum tirano jamais aspirou?

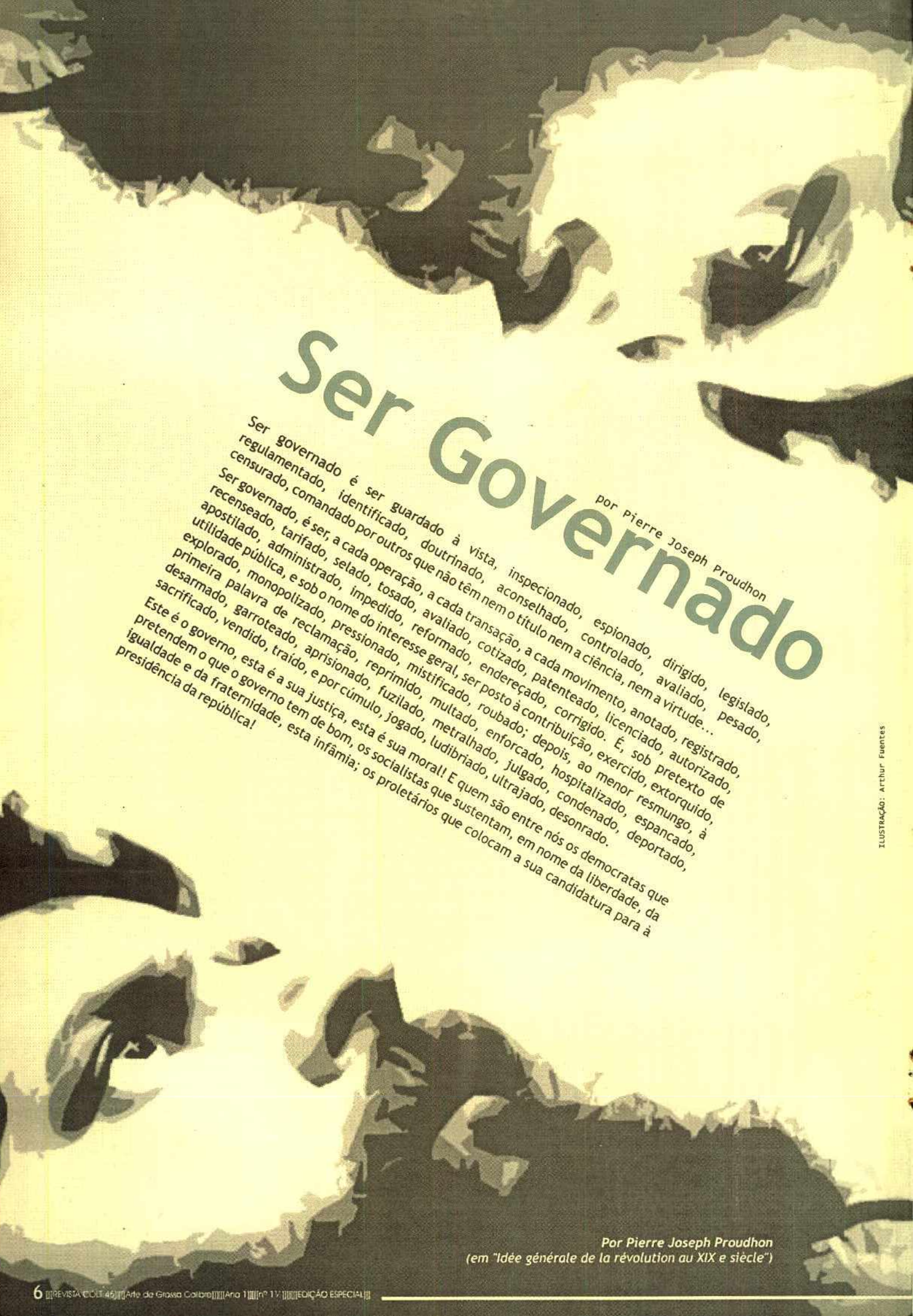
Sacrificaria o império do mundo por um só momento em que minhas mãos juntas implorassem ao grande Responsável de nossos enigmas e de nossas banalidades. Entretanto, esse momento constitui a qualidade corrente e como que o tempo oficial de qualquer crente. Mas quem é verdadeiramente modesto repete a si mesmo: "Demasiado humilde para rezar, demasiado inerte para transpor o limiar de uma igreja, resigno-me à minha sombra e não quero uma capitulação de Deus ante minhas orações." E aos que lhe propõem a imortalidade, responde: "Meu orgulho não é inesgotável: seus recursos são limitados. Pensam, em nome da fé, vencer seu eu; na realidade; desejam perpetuá-lo na eternidade, pois não lhes basta esta duração presente. Sua soberba excede em refinamento todas as ambições do século. Que sonho de glória, comparado ao seu, não se revela engano e vã ilusão? Sua fé é apenas um delírio de grandeza tolerado pela comunidade, porque utiliza caminhos camuflados; mas seu pó é sua única obsessão: gulosos do intemporal, perseguem o tempo que os dispersa. Só o além é bastante espaçoso para suas cobiças; a terra e seus instantes perecem demasiado frágeis. A megalomania dos conventos supera tudo o que jamais imaginaram as febres suntuosas dos palácios. Quem não admite sua nulidade é um doente mental. E o crente, entre todos, é o menos disposto a consentir. A vontade de durar, levada até tal ponto, apavora-me. Recuso-me à sedução malsã de um Eu indefinido. Quero chafurdar-me em minha mortalidade. Quero permanecer normal."

(Senhor, dá-me a faculdade de jamais rezar, poupa-me a insanidade de toda duração, afasta de mim essa tentação de amor que me entregarei para sempre a Ti. Que o vazio se estenda entre meu coração e o céu! Não desejo ver meus desertos povoados com Tua presença, minhas noites tiranizadas por Tua Luz, minhas Sibérias fundidas sob Teu sol. Mais solitário do que Tu, quero minhas mãos puras, ao contrário das Tuas que sujaram-se para sempre ao modelar a terra e ao misturar-se aos assuntos do mundo. Só peço à Tua estúpida onipotência respeito para minha solidão e meus tormentos. Não tenho nada a fazer com Tuas palavras. Conceda-me o milagre recolhido antes do primeiro instante, a paz que Tu não pudeste tolerar e que Tu incitou a abrir uma brecha no nada para inaugurar esta feira dos tempos, e para condenar-me assim ao universo, à humilhação e à vergonha de existir).

*Emil M. Cioran, filósofo romeno*

*autor de "Breviário de Decomposição", Ed. Rocco, entre outros*





# Ser Governado

por Pierre Joseph Proudhon

Ser governado é ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, identificado, doutrinado, aconselhado, controlado, avaliado, pesado, censurado, comandado por outros que não têm nem o título nem a ciência, nem a virtude... Ser governado, é ser, a cada operação, a cada transação, a cada movimento, anotado, registrado, recenseado, tarifado, selado, tosado, avaliado, cotizado, patenteado, licenciado, autorizado, apostilado, administrado, impedido, reformado, endereçado, roubado; depois, ao menor resmungo, à utilidade pública, e sob o nome do interesse geral, ser posto à contribuição, exercido, extorquido, explorado, monopolizado, pressionado, reprimido, multado, enforcado, hospitalizado, espancado, primeira palavra de reclamação, aprisionado, fuzilado, metralhado, julgado, condenado, deportado, desarmado, garroteado, traído, e por cúmulo, jogado, ludibriado, ultrajado, desonrado, sacrificado, vendido, e por cúmulo, esta é a sua justiça, esta é sua moral! E quem são entre nós os democratas que Este é o governo, esta é a sua justiça, esta é sua moral! E quem são entre nós os democratas que pretendem o que o governo tem de bom, os socialistas que sustentam, em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade, esta infâmia; os proletários que colocam a sua candidatura para à presidência da república!

ILUSTRAÇÃO: ARTHUR FUENTES

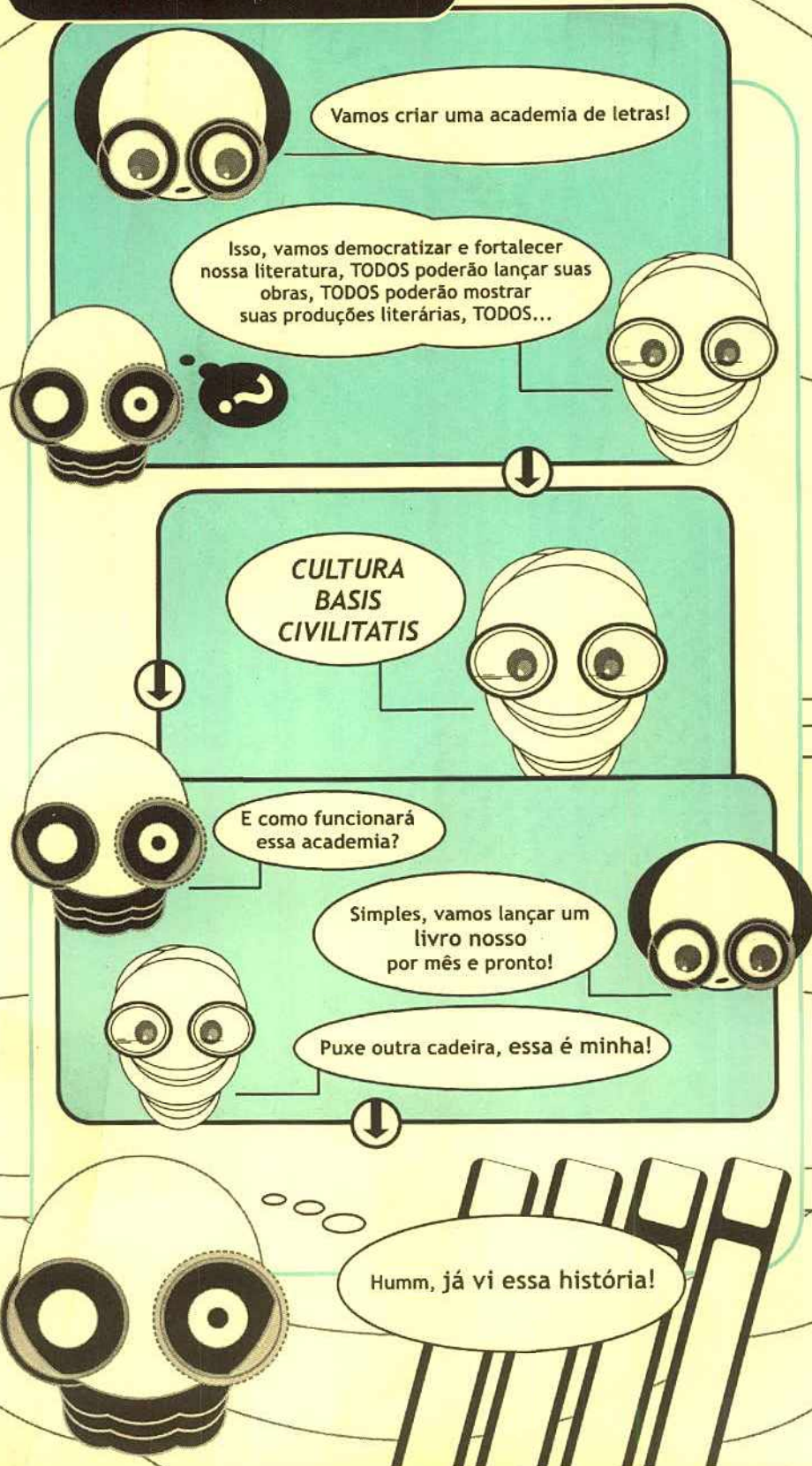
Por Pierre Joseph Proudhon  
(em "Idée générale de la révolution au XIX e siècle")



# OS SEM CORPOS

JEFF MENZEN

apresenta: "Literatos sem cabeças"



N. do Autor:

Não somos contra a criação de associações e/ou movimentos literários em nossa cidade, mas somos contra qualquer instituição que use uma pseudodemocracia, e com isso continue a sustentar apenas a literatura burguesa, elitista e acadêmica!



# CORRESPONDÊNCIAS VIOLADAS

MAY 86  
p/Zé

Eu cheguei em casa depois de um dia terrível e procurei no fogão, na geladeira, nos armários nas gavetas do meu guarda-roupa, no cesto do banheiro, na privada, debaixo do chuveiro, na minha gaveta de recortes, na de achados e anotados, no meio dos meus documentos, dos meus registros, nas mesas da cidade, entre uma estrela e outra, entre as folhas de outono que o vento derrubou, entre as pessoas que como nós, travam e conspiram. Um minuto a mais de felicidade nessa vida... Eu procurei, procurei... O que falta pro meu gozo e meu riso é uma dose, uma dose mais forte. Vem ficar comigo só mais uma noite.

Você é mesmo um egoísta  
Eu não te dei o direito de acabar com algo  
que não te pertence.  
Você só atrapalha, tem muita pressa  
não sei porquê.  
Você vive cobrando, dizendo que não é por aí,  
mas sempre cobra aquilo que também não me pertence.  
Eu não posso resolver  
Seria porque eu tenho um namoradinho.  
Não porque eu tenho que terminar, dar nome às situações,  
e você tem que existir pra você.  
Tudo bem, você não quer mais saber de mim  
Eu não vou conseguir ser outra pra você.  
Se você não me quer mais assim, então  
Bye, tchau.

Segunda chamada final,  
Porra, que ira, que enorme desgastue adrenergético  
consumando agora. Qual é a sua, você está literalmente  
sacaneando, combina uma porrada de coisas e asneiras pra  
O que é pior, é que você está com a letra, seu idiota. Você é  
nem inglês, nem dos Beatles e muito menos tem a sensibilidade  
com os outros. Chega, porra.

Zé seu p...  
fica comigo  
beijos

# ZÉ BETO MACIEL

14 de agosto de 87

Doce poeta, as tuas cartas...  
elas são como fazer amor com você  
e ir rolando de linha em linha,  
te amo muito mais que você.  
Eu fumo, bebo, calo e me espreguicho toda feito uma gata  
e nada acontece.  
Mas a coisa toda não muito mais que isso,  
Você sabe que não.  
Eu li o seu jornal e cada página que virava  
eu ficava procurando  
onde você tinha colocado a "gente" dessa vez.  
Foi lindo, divino  
Um beijo no seu pauzinho por mais esta conquista  
Baco nos abençoe  
Tua Venus Delirio

27 de julho de 1987  
Você está bem?

Eu acabo de sair de uma crise de  
Não fui pra Marcelo (falta de r...  
Eu aprendi muito sobre a r...  
Vivi emoções diversas, in...  
Eu vou continuar fazendo...  
Hoje eu sou uma m...  
Comemore por n...

25 de outubro de 1987

Zé, tudo bem?

Esta cidade tá me virando do avesso/amanhã eu vou gravar propaganda pra "Kibon", legal, né? Todos esses lances que eu fui chamada, é um clima muito diferente. É bom, mas  
Eu tô deixando rolar bem natural. Se a agência me chama, eu faço o teste, mas não tô a fim de ficar batendo de porta em porta com o meu book debaixo do braço. A TV foi o i...  
Sinto tanta saudade, tanta angústia por não saber de você, não ver o gatinho... outro dia eu pensei em comprar uma roupinha pra ele com o dinheiro que recebi da TV Bobo, m...  
tão grande e tão bonito, ia ser difícil achar uma roupa 'parecida' com alguém que eu não sei mais como está parecendo'.  
Eu queria muito que viesse, sei lá, queria morar num lugar em que a gente pudesse ficar mais a vontade. Você falou da viagem e depois não falou mais nada, sei lá. No ano pass...  
'choques retardados' sei lá, eu só percebo as coisas algum tempo depois que o lance ocorreu. Queria ter uma palavra mágica que te trouxesse pra cá.  
Já experimentei: necessidade, carência, saudade, você é muito durão. Meu nome artístico leva o teu nome, a tua cumplicidade. É puro transporte pra fantasia do que eu não te

Grande Zé, te espero,

Beijos



di sair de São Paulo, liguei pra todos os meus amigos e saia cada dia com um pra fazer a mesma coisa e dizer sempre as mesmas palavras. Teve um dia que isso perdeu o sentido. foi então que conheci um outro cara, que me mostrou uma outra nuance de todas aquelas coisas que eu vinha fazendo. Novamente a aventura, a identidade. a gente é uma coisa de louco.

isso que rolou sob o céu de Sampa e é por isso que escolhi este mesmo céu pra te contar todas essas coisas, e na minha cama onde um dia estivemos buscando carinho ou prazer

beijo

1 de jul de 87 (d' apres tumulto)

Gatíssimo

O rio mostrou os dentes ontem à noite. Bem feito pra quem sempre disse que o povo, especialmente o carioca, é cordial. A manifestação de ontem provou que aqui as pedras doem tanto quanto em São Paulo ou em qualquer lugar do mundo. Adorei.

A coisa tá ficando preta. Polícia Federal rouba nomes filiados do PDT. Aureliano vem ao Rio com verdadeiro exército a tiracolo. Bombas explodem por dois dias seguidos. Tentativas de saques na baixada se repetem. Revolução ou golpe? Sei não...

Bem, esta cartinha é pra matar as saudades (donde estás, que não respondes?) e contar que as fitas estão na rádio desde a sexta passada. Esqueci de te dizer quando liguei, no domingo. O carinho (como diria você) disse que poderia gravar uma a uma, e ir remetendo separadamente, ou gravar tudo junto. Optei por ficar pronto tudo de uma vez, só que vai terminar daqui a mais ou menos uma semana. Tem problema?

Como faço pra mandar pra você? Não sei qual é a forma mais segura, se pelo correio ou se em algum outro sistema de malote. Pesquise, please, e me dê instruções. aguardo mensagem.

Câmbio.

.....bem, de novidade é só. Estou trabalhando feito uma idiota sai às 23:30. Tinha entrado às 9h. Estou morta, a fim de umas férias, especialmente se acompanhadas por um gato pós-pós. Que tal providenciar um comando palestino para me raptar pra Ilha do Mel por uns dez dias? Com o resgate, a gente faz a festa. Saudades, gato. Tenho de encerrar, pois está na hora de seguir para mais um esfaltante dia de trabalho (comovente, não?). Mil beijos, unhadas, mordidas, etc. (o etc. é o melhor).

Passagens

Estação Tatuapé

Todas essas luzes são para mim  
Cláudia, 18 anos, química analista  
tem um filho que não é seu  
de um homem que não é seu  
se envolve sempre com as pessoas erradas  
procurando as emoções certas.....  
Sou ou não sou digna de todas essas luzes  
(Metrô: Penha Sta. Cecília)

Corredor da Escola

De um lado o vidro do mural  
do outro a parede suja  
e eu penso e questiono  
qual dos dois lado melhor me espelha  
(laboratório da escola em que fazemos aspirina)

No trabalho

Eu a partir de hoje  
só vou trabalhar  
o tanto que ganho, que pagam  
(foi o que eu disse para minha chefe  
no dia do pagto.)

Essas coisas todas

você por favor conte pro mundo  
se a gente não tiver tempo de contar juntos.

ainda te mato

entre altos & baixos  
não dá pra ser feliz

19 de janeiro de 1988  
Zé,

Acabou o ano que quase acabou comigo. Na semana passada eu tirei a última pétala da margarida que eu brinco de bem-me-quer. Não sou mais a Jane Eyre, não sou mais a amiguinha do professor de biologia, não sou mais a gata de ninguém. Sou eu mesma, ex-modelo, ex-atriz, ex-estudante de universidade (thanks God). Da outra sobrou o registro de nascimento de uma arma, é uma bomba apontada pro meu umbigo. E eu vou mudar daqui. Melhor pra você, quando já está dentro da situação. O dom de transformar meleca em pudim. O resultado do vestibular, um amigo me convidou pra ir pra Morumbi. Frecuras de rico.

está me  
não cumprir.  
sabe

ocada pelo excesso daquilo que você chamou de lucidez.  
na, confusão, etc), fui pro Guarujá e voltei ontem.  
sive o clima que você não ensinou a sentir. Aliás, o que me intriga é aonde eu aprendi esta coisa intragável.  
o mesmo curso na escola, porque eu tenho o rabo preso (ou melhor dizendo a bucetinha presa) lá.

este momento passageiro. Tchau

mesmo tempo é um ambiente muito foda. Muito de aparência e puxação de saco. Não sou muito chegada nessas coisas.  
co meio pra você me ver, né? (ou será) Nem mais me iludir com as suas cartas pseudo-românticas você não o faz/  
ele deve estar grande e

isso me deprimiu demais, você não sabe quanto. Esse ano, não sei, eu tenho reagido muito por

no na realidade.







por Mauri König

# Aos conscritos

*Homenagem aos 109 jovens mortos em circunstâncias misteriosas nos quartéis do Paraguai, entre 1989 e 2000*



Um a um, tombaram ante a intolerância  
Cento e nove cruzes se entrecruzam  
Do silêncio fez-se a eloqüência  
Mudos, ante os golpes que aniquilam

História repetida de forma descabida  
História que forjou seus novos heróis  
Mártires anônimos de uma guerra perdida  
Guerra que só a insensatez constrói

Em nome da soberania, uma tríplice aliança  
Genocídio ceifou a vida de cinco mil meninos  
Esconde-se na covardia as razões da matança  
Por eles, só por eles, agora dobram os sinos

Não quis a história a tragédia uma só vez  
Hoje, dada tamanha força não há resistência  
As armas, novamente, encobrem a pequenez  
Para muitos, a morte; para poucos, a opulência

Vidas usurpadas, de forma vil interrompidas  
Mentiras encobrem crimes nos quartéis  
Mães clamam justiça, aturdidas e condoídas  
Só vêem sorridentes os generais e coronéis

Assunção, 12 de abril de 2001



# POESIAS

# POESIAS

## O Prêmio

Renato Dutra

A solidão traz a saudade  
A saudade de culpa  
Pois estive no céu  
Procurei riqueza com uma arma na mão  
Fui em busca da felicidade  
Querendo ter uma vida  
Vida que era pra ser minha  
Mas eu sempre quis mais  
Quis o que não era permitido  
Quis alcançar, tentei vencer  
Ser um exemplo para meu irmão  
Mas este sonho me arrastou  
Me fez perder o sentindo  
Agora consigo ver a loucura  
Aonde estou é o inferno  
Não tenho nem um real  
Decepcionei minha família  
E tudo isso ganhei  
As grades como troféu

## A palavra

Maurício Wander Streit

Sem você, não sei quem sou  
Não entendo nada  
Basta descobrir você  
Que me alivia o coração  
E passo a entender, a emoção

Fui criado e programado  
Para viver correndo  
Atrás de você  
Te encontro, e você foge novamente  
Deixando um vazio em minha mente

Então vou atrás, não sei porque  
Encontro e desencontro  
Aonde está você agora?  
Você é a dúvida, é a explicação  
Você é a confusão  
Mas preciso da interpretação

Encontrar e descobrir  
Quem é você, é a minha razão  
Sei que se camufla e se disfarça  
Mesmo assim, sempre tem um sentido  
Ou vários, que caminham juntos  
Ou em direções opostas  
Mas sem dúvida, levam a algum lugar  
lugar este que você pode determinar

## Renasça em brilho teu Ideal

Isel Judit Talavera

Olhar no fundo dos olhos  
De um ser que tem as linhas da vida  
Muito marcadas no rosto, enrugadas,  
Como papel... que se amassa e se joga...  
... E ver, um brilho sem vida,  
de desesperança e tristeza...  
Pés descalços que andaram por entre espinhos,  
pedras, caminhos,  
Em busca de água, alimento  
Do seu sustento!  
Mãos calejadas por duros trabalhos com enxadas  
Com desejos de produzir, colher  
Lavrador... grande trabalhador,  
Que hoje não tens terra,  
Que hoje não tens rumo,  
És a imagem mais bela do ser que persiste  
Do ser que existe... que luta  
Do ser que se sacrifica  
Por uma vida digna de paz  
Em tua alma nobre e forte está escrita  
A história de todo um povo  
E em teu coração repousa ardentemente  
O desejo de um mundo, uma sociedade  
Ou de quem sabe, de uma vida justa  
Faça brilhar em teus olhos novamente  
A esperança que existe nos movimentos  
De teus braços que lavram a terra  
Para que esteja sempre acesa  
A chama que sustenta teu ideal.

## O suicídio

Nilton Bobato

Viajou para o outro lado do mundo  
No caminho, os olhares, as dúvidas  
Todos pareciam conhecer seu destino  
Os sussurros aparentavam denunciar a intenção

As águas da oitava maravilha do mundo caíam  
Os rostos felizes, os sorrisos, a admiração  
As roupas molhadas, a visão privilegiada  
Tudo alheio, o pensamento numa única direção

No final da passarela, o fim da vida  
O salto, as águas caindo, o corpo flutua  
O choque, as pedras, o ritual cumprido  
Tudo acabou no vazio



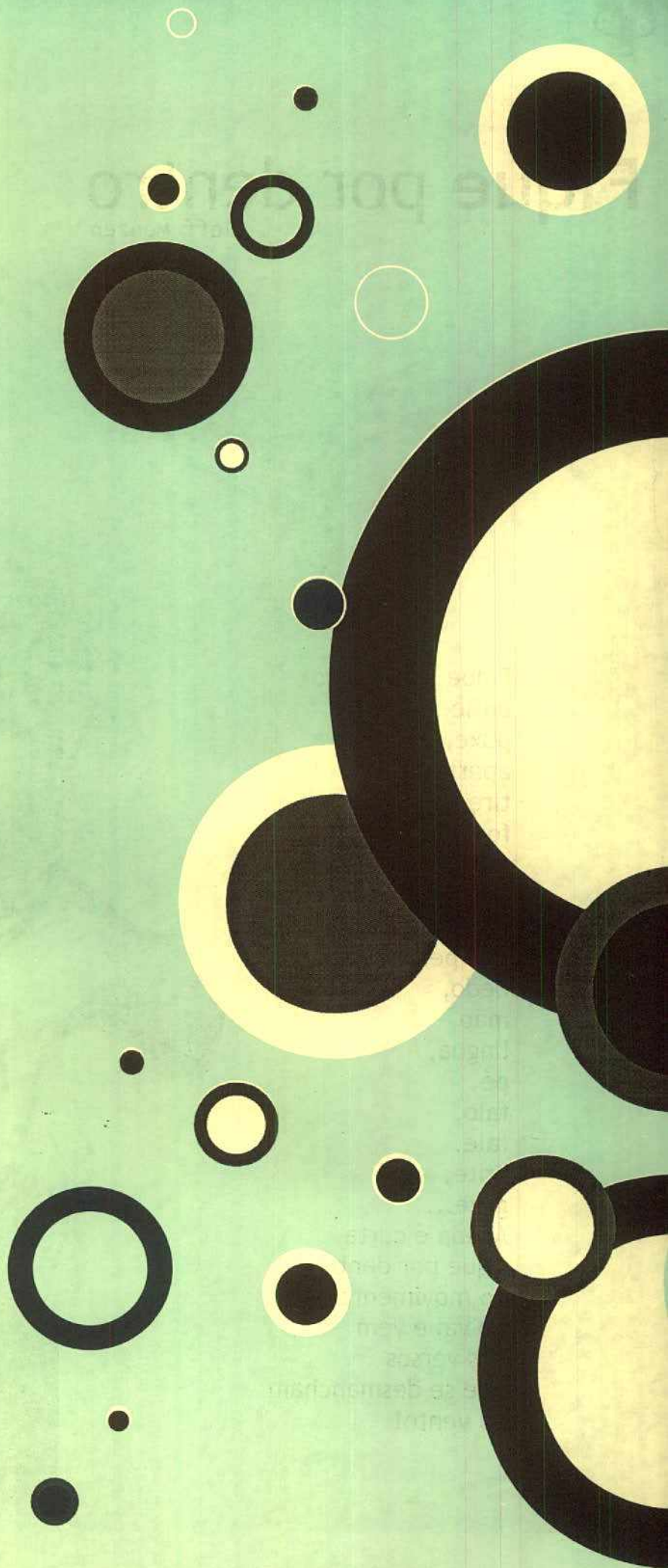


# Bolhas

Lena Gomes

Bolas...areia,...vento...nada  
sabão, balão vida ar  
oxigênio bola de verão, sol mar  
hematomas bolhas...

Água desidratação... Isolação...  
Mais  
bolas...  
Bolinhas...  
Bolões...  
Nada...  
Perdido no meio  
da bola da vida...  
Bola que nos arrasta nos dribla...  
Bolas quadradas, redondas ovais...  
Seja como  
a forma embola...  
Passa a bola  
não enrola  
enrola  
ora bolas  
rebola...  
No remelecho, na zombadeira, no pardieiro...  
Do mundo redondo...  
Bola...  
Como toda bola...  
Um círculo vicioso...  
Vida destino...  
Nada...vazio...indo, vindo...  
Se transforma, forma um círculo...  
De novo bolas...  
Ora bolas de vida...morte...sonho...  
Que nada...existência...capenga...  
Bate rebate...  
Numa raquete de pingue-pongue...  
Batida tantas vezes  
na bola da vida...  
Sem vida...sem brilho...  
Translúcida como  
a bolha de sabão...







# Fique por dentro

Jeff Menzen

Fique por dentro  
enfie,  
puxe,  
aperte-a,  
tire,  
fora e dentro  
meta o....  
Onde não é chamado  
fique por dentro  
não perca seu tempo  
dedo,  
mão,  
língua,  
pé,  
falo,  
fale,  
grite,  
goze...  
A vida é curta  
fique por dentro  
do movimento,  
do vai e vem  
dos versos  
que se desmancham  
no vento!

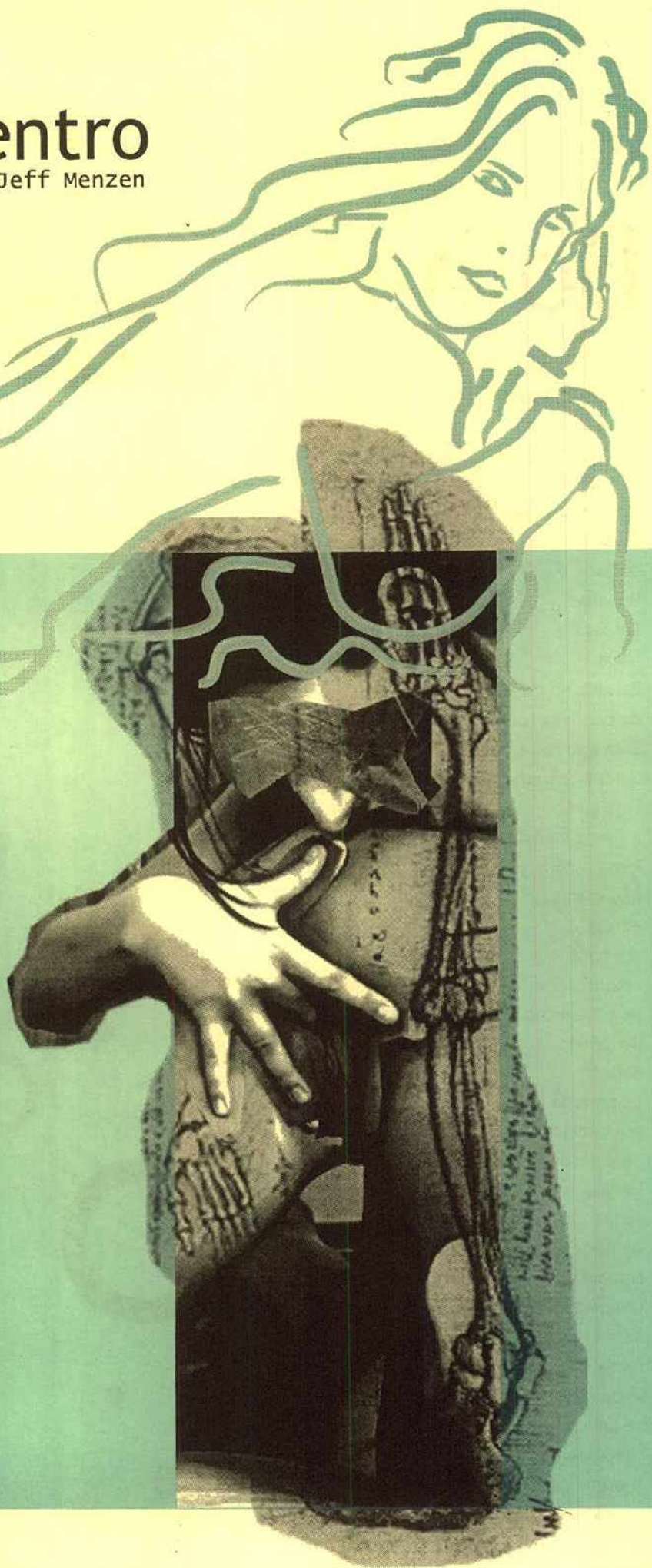


ILUSTRAÇÃO: Jeff Menzen



7

JEFF MENZEN

HIPNOgrafias



1 5 3 4 2 9 1 8 6 0

Lagartos insanos encenam o último ato de uma república cheia de traças e ascos  
 Tripas, vísceras, escânio e dor numa solidão que anda entre subúrbios do desprezo  
 O tempo carcomido pelo verme autótrofo se despede eternamente  
 Por vezes oramos a uma nulidade total,  
 Hoje vejo apenas nosso olho furado em angústia...  
 Máquinas devastam a superfície,  
 Nosso interior nós mesmos destruimos  
 A lógica nos trata como um "computador inteligente"  
 E a desrazão abandonada, busca um pouco de alimento no desconhecido INCONSCIENTE!

Um segundo atrás talvez eu não estivesse aqui,  
 mas como estou,  
 digo que nada direi do que disse  
 no segundo que passará!

Não é na conquista,  
 mas em sua busca que reside a vontade que QUER!  
 Iluminado pela lâmpada lunar  
 quero rabiscar meus necroversos!  
 Que meu dasein seja um relâmpago!

Hipno.....  
 .....  
 .....

Escrever um livro por dia,  
 de que adiantaria?  
 Mais vale conquistar um leitor por vida!

A fumaça azul  
 que se mistura a luz triste  
 em tons de um verde amálgama  
 que cobre o vento  
 que paira imóvel  
 Num instante  
 congelado que  
 não sente

Não sente o já visto  
 Cego de si  
 O vazio que transborda em janelas  
 Despeja um pouco de leite e alento  
 Ao Tântalo/pensamento  
 que obsequioso de sua condição  
 vomita o que não há em suas entranhas!

Um olhar azul perdido nos espelhos  
 do EU  
 que chora lágrimas ascéticas,  
 diante de um cigarro apagado!

Árvores netunas em óleo negro  
 esvai sua seiva de prata  
 contra o solo vermelho de terra viva...  
 que gera seres...  
 que elimina seres...  
 Com meus mil olhos  
 vejo como um grego que adora cicuta  
 e cospe pro alto!

NATUREZA  
 HUMANA  
 abstrata  
 de uma essência  
 que talvez nem sequer  
 exista em sua existência

[Sonâmbulos somos porque vivemos  
 dormindo para uma realidade ilusória  
 de um sonho acordado!]

Como um bebêado jogado  
 num canto de uma metrópole  
 canto o escânio da necrópole que vejo!  
 E o que o morto vê, não o agrada!





Luiz Carlos Menzen

# Injusta

lei dos vivos

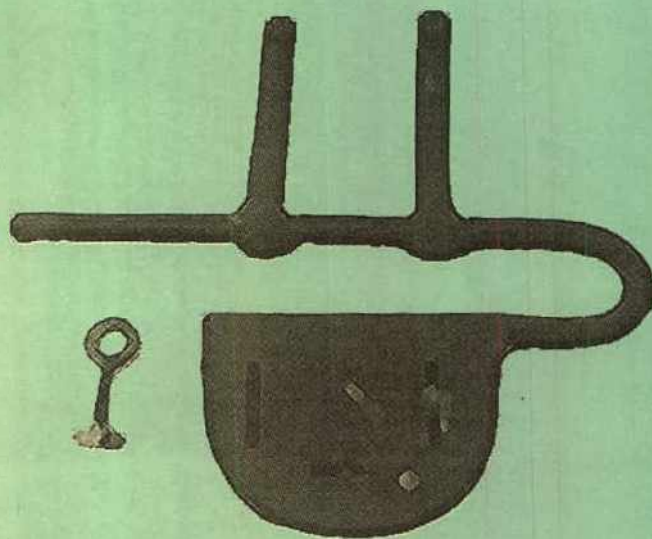
*Mortos em vida levantam de um  
túmulo úmido e escuro,  
preso social, condenado por lei,*

*Pele branca como papel,  
cara amarela, olhos brilhantes,  
cabelos negros como a sua sorte,*

*Limites da lei, barras de ferro  
fria e negra, a cela como a sorte,  
condenado por inocente casual*

*Os vivos condenam  
custódias, hipocrisia humana  
de uma só cara, e de duas intenções*

*A lei injusta condena  
Não aspirai os bons, pois isso é ruim,  
fala a lei  
Despertar na realidade!  
Liberdade solamente terá!*



## NÃO SEJA LOUCO DE PERDER ESTA REVISTA

**COLT** 45  
ARTE DE GROSSO CALIBRE

Breve nas bancas  
Austregésilo Carrano, Rubens Pileggi Sá,  
Helena Sut e Jeff Menzen expõem  
artigos sobre loucura, arte, luta antimanicomial,  
recheados de muita ilustração e poesias

Contatos:  
Jeff Menzen (45) 3027 3406 [jeffmenzen@pop.com.br](mailto:jeffmenzen@pop.com.br)



nº 2



# Comunidades nativas en Argentina y en Paraguay

Por Marcelo Roque Ríos

La población nativa en Argentina y en Paraguay vive en condiciones de precariedad que lindan en la miseria y el abandono por parte de los organismos oficiales de los respectivos países pese a los informes públicos, siendo tan solo las iglesias cristianas y las ONGs, quienes se ocupan de manera real y efectiva de ayudar a los aborígenes en su lucha por la sobrevivencia.

Las diversas parcialidades indígenas que pueblan la región noreste de Argentina: las provincias de Misiones, Chaco y Formosa, soportan toda clase de inconvenientes para el desarrollo armónico de sus culturas, incluso en lo referente a salud y alimentación, amén del agobio de una segregación oculta e hipócrita por gran parte de la sociedad. Este panorama sombrío es muy acentuado en la provincia de Formosa, provincia donde viven aproximadamente unos 30 mil indígenas entre wichis, tobas y chiriguano, la mayoría de los cuales están fuera de su contexto natural por haber sido deslocados de su hábitat natural y trasladados a la periferia de la capital -Formosa- con el propósito de usarlos como electores en las campañas electorales. La provincia del Chaco, en donde la parcialidad predominante es la étnia toba, su situación no es tan grave en lo referente a salud y trabajo, pero sí en cuanto a su desculturización. Afortunadamente no existe resistencia racial por parte de la sociedad urbana blanca de ascendencia europea. En Misiones, la provincia lindante con Brasil y en el área de la triple frontera, la étnia guaraní es mayoritaria, siendo su situación muy superior a las restantes del NE argentino. Ayuda a este mejoramiento las condiciones naturales del medio, un sub-tropical con estación definida de lluvias abundantes que redundan en una vegetación rica nacida en tierras profundas, que facilitan la obtención de alimentos y el desarrollo físico de los mismos. Los gobiernos evitaron el éxodo masivo de las étnias nativas y para ello cedieron tierras para el asentamiento de las mismas dotándoles de profesores bilingües para su educación básica. No obstante Misiones poseer mejores condiciones de vida para el aborígen, éstos no escapan de la injusticia general que se aplica al nativo en América Latina: siguen siendo los parias, los más pobres, los más menospreciados por la sociedad.

En Paraguay son numerosas las parcialidades indígenas que ocupan su territorio. Pese a que la población paraguaya esté irrigada de sangre indígena, el racismo popular es muy grande. Como en el resto de América, el indio queda atrás en las filas que se forman ante las ventanillas de cualquier negocio, no se aflige la sociedad por las muertes colectivas que se producen en el Chaco Boreal a causa de la desnutrición, la tuberculosis y las venéreas. Los primeros días de setiembre del

año en curso, los indígenas que acampan en el área de Quebrachales en Puerto Colón, a 35 km de Concepción fueron víctimas de una epidemia de tos convulsa que ha causado estragos en la población. Se ha enviado pedidos de socorro, pero nada se ha materializado para el alivio de los enfermos. Esta epidemia, de no ser tratada, puede derivar en complicaciones que conllevan el riesgo de adquirir el bacilo de la tuberculosis.

Los gobernantes que se sucedieron en el Palacio de López nada hicieron por mejorar las condiciones de los nativos y, aparte de comunicados de prensa o visitas confines electorales a los asentamientos y tolderías, los declamados derechos humanos brillan por su ausencia cuando a indígenas se refiere. En la región del Chaco Boreal donde las condiciones geográficas son muy duras, los guaicurúes soportaron toda clase de vejámenes: fueron cazados como animales, pagando el par de orejas (igual que el par de patas de las cotorras en Argentina), como medio de eliminarlos de la faz de la tierra, hecho asentado en los informes oficiales de la década de 1950. Existen las fotografías de los indios moros enjaulados como fieras salvajes y expuestos a la curiosidad y repudio popular. En todo este proceder está también la mano de la comunidad menonita, grupo religioso de origen canadiense y de rusos blancos (alemanes protegidos por Catalina de Rusia), inmigrantes que valoran muchísimo el trabajo, pero desprecian al nativo, no se interesan en los problemas del país ni de la sociedad en general. Durante la dictadura de Stroessner esta comunidad fue beneficiada con prerrogativas financieras y sobre todo con una libertad tal, que en la mayor parte de los casos, ni la justicia se inmiscuye en sus pleitos. Los menonitas que ocupan las ciudades de Filadelfia, Loma Plata y Mariscal Estigarribia ya han protagonizado numerosos incidentes con los aborígenes, noticias que muchas veces son ocultadas por el gobierno y también por la prensa aliada a los grupos económicos de la comunidad extranjera y que mueve un capital importantísimo en el Paraguay. Por la situación actual que se puede apreciar en la región de los países mencionados, el agravamiento de las condiciones económicas y el deterioro de la solidaridad social, se irán profundizando los padecimientos de las étnias nativas, pues otros problemas graves como lo son la desaparición de los bosques, la contaminación de los ríos y la merma de la fauna, contribuirán al éxodo de las minorías étnicas hacia los centros urbanos, lo cual significará su muerte cultural y su destrucción como grupo autóctono.

**En Misiones, la provincia lindante con Brasil y en el área de la triple frontera, la étnia guaraní es mayoritaria, siendo su situación muy superior a las restantes del NE argentino**

**Existen las fotografías de los indios moros enjaulados como fieras salvajes y expuestos a la curiosidad y repudio popular**

**Marcelo Roque Ríos**, argentino, é periodista e escritor



A história da contracultura em Foz não é restrita às bandas, zines e gravações, ela é formada principalmente por personagens que 'apavoram' na frente dos palcos da vida

# Underground: rostos na multidão

Por Ronildo Pimentel



**E**rros, acertos, fracassos, glórias, prejuís, vaciladas e o escambau. A contracultura em Foz do Iguaçu sempre foi marcada por altos e baixos - mais baixos do que altos -, um contraste das dificuldades (financeiras, quase sempre) das promoções com o espírito de união na hora do *mosh* e do *pogo*. *Punks*, *heavys*, *bangers*, zineiros, góticos, *darks*, *HCs*, *raps*, *skatistas*, pôrra-locas, nem lá nem cá... um espaço democrático na mais rústica forma de manifestação cultural: o *underground*.

A contracultura (ou *underground*, como é co-

nhecido), aterrissou pra valer em Foz do Iguaçu em 1987, com a apresentação da paulista Vulcano (grupo que inventou o *black metal*) numa escola do Jardim São Paulo. "Que se abram os portões do inferno! Com vocês, Vulcano!", vomitou o vocalista Zhema e de lá para cá muita coisa rolou. Mas o que restou na memória da maioria, pelo menos até o momento, foram as bandas que tiveram gravações de estúdio e, claro, alguns locais de *shows* como o Bambu (São Francisco), AKLP (Jardim Petrópolis), Aresfi, Lanalua, entre outros.



**As fotos aqui publicadas mostram momentos e personagens que entraram para a história do underground iguaçuense**

Agora, passados 16 anos da primeira 'podreira' na Terra das Cataratas, é preciso olhar em outras direções. A história do *rock* extremo em Foz não ficou restrita a essa ou àquela banda ou grupos que surgiram e se desintegraram; ela também é contada por personagens que foram além do limite do aceitável e do tolerável para suas épocas. Cabelos longos, brincos, *tatoos*, som alto, roupas negras, som satânico, um estouro, viagens alucinantes... um chute na cara do padrão padronizado para ser copiado.

Talvez um dos personagens que mais tenham marcado nesse princípio da contracultura nossa de cada dia, foi o Neguinho Metálica, ou simplesmente Joãozinho, o mesmo que cruzava na 'pernada' grandes percursos para 'curtir' *shows* de metal no São Francisco. Os frequentadores do catapultado Bambú Pizza Bar não terão dificuldade em trazer à memória uma silhueta magra, 1,70, franzino e sempre disposto a um *mosh*. Neguinho Metálica curtia uma "caña" e numa dessas viagens ao interior do litro, lá no início dos anos de 90, assim como os grandes ídolos do *rock*, morreu de cirrose.

E o que dizer do Jaime, guitarrista e fundador da Slavery Rests, a mesma banda que está resurgindo agora no São Francisco? Para o 'véio' Jaime e o irmão Roberto (batera) não tinha tempo ruim não, eles estavam em todas até Jaime sucumbir com um nódulo cerebral em meados da década passada. Jaime deixou uma lacuna até hoje não preenchida, talvez essa seja a explicação para o longo período de hibernação do 'udi-grudi' na região leste de Foz, e olha que lá era o reduto dos *headbangers*, capitaneados pela Morthal dos irmãos Bobato (Nilton e Nivaldo).

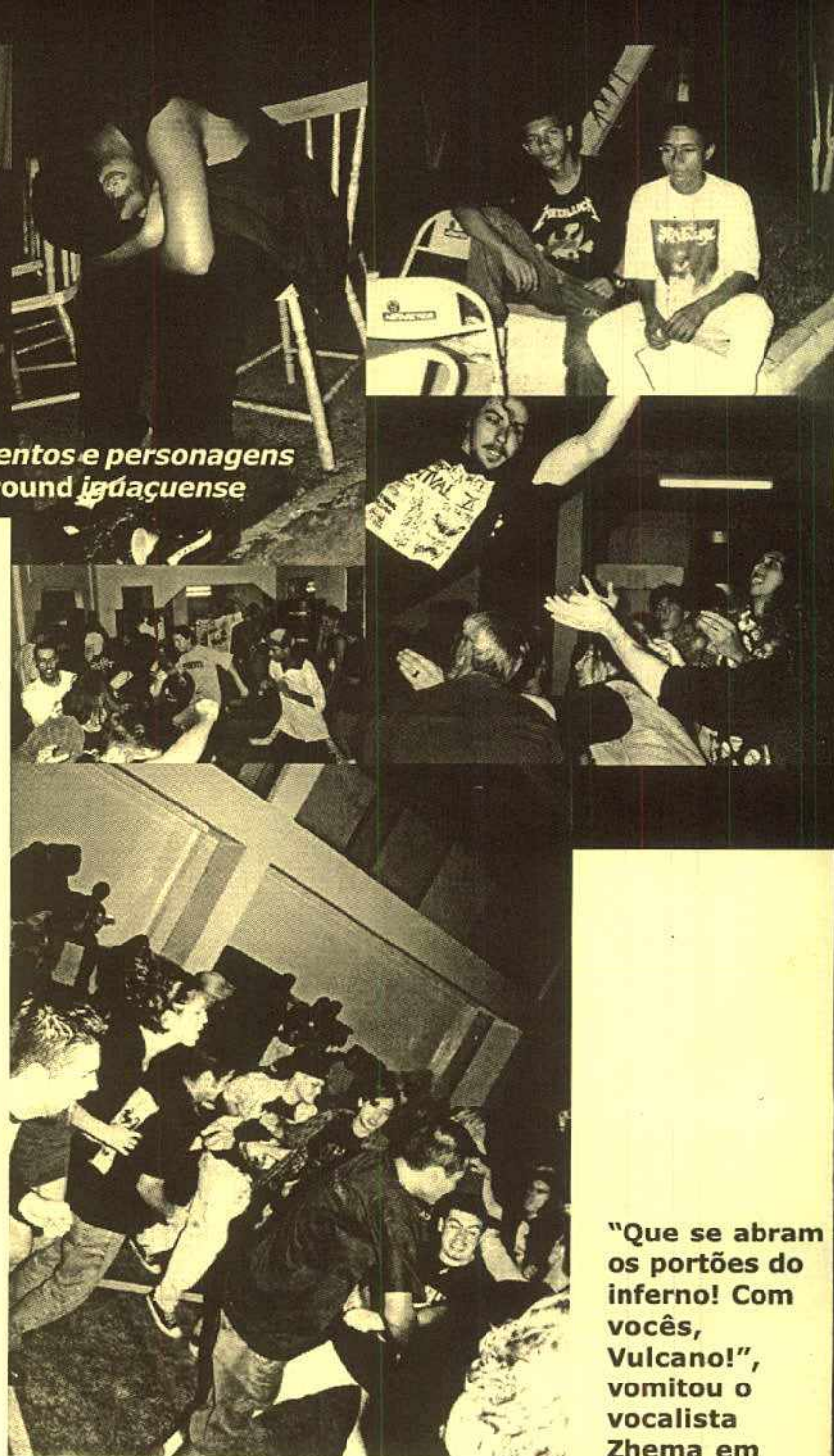
André Podrão, para quem não se lembra, foi o primeiro vocalista mirim de uma banda *underground* de Foz, a Horrível Sistema. Ele tinha pouco mais de 10 anos e detonava, literalmente no grupo que tinha ainda em sua formação o guitarrista Nilson Brecher (Ação Coletiva) e o baixista Luizinho (ex-The Acids Rocks). André Podrão cresceu no meio, com o som extremo na veia e num

púlpito de premonição, abraçou os estudos, se formou e hoje vive tranquilamente em alguma cidade do litoral catarinense.

E a ruiva Jane, a musa dos *headbangers*? Alguém ainda lembra dela? Jane apavorava nos *shows* de metal e se não me engano, foi a primeira 'mina' de Foz a dar *mosh* ao vivo e em cores, quer dizer, mais cores do que vivo. Atualmente a galera feminina é representada pela Daniella, mina do Everaldo (Extrema Agressão) e batera do Desespero. Daniella mostra que não é boa apenas com as baquetas e a cada festival, arrebenta pra valer nas rodas de pogo. Não tem erro não.

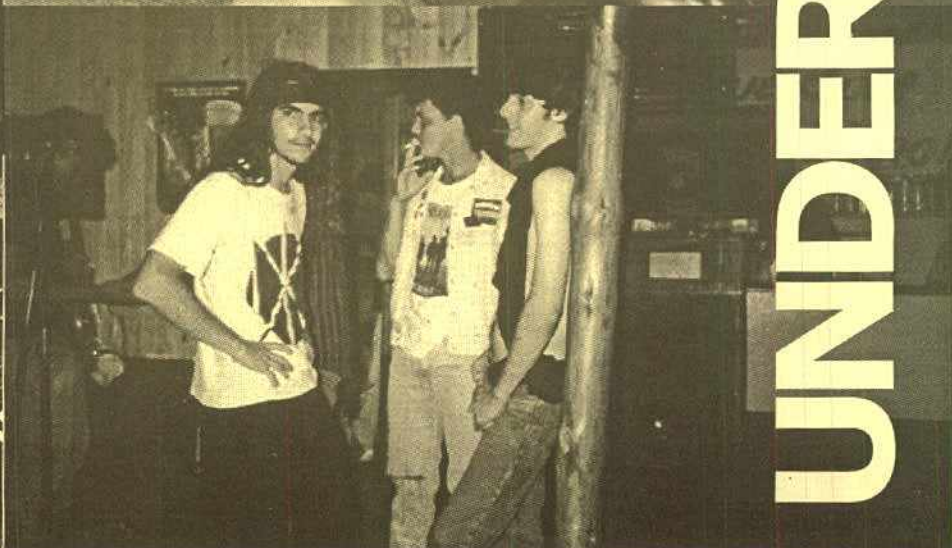
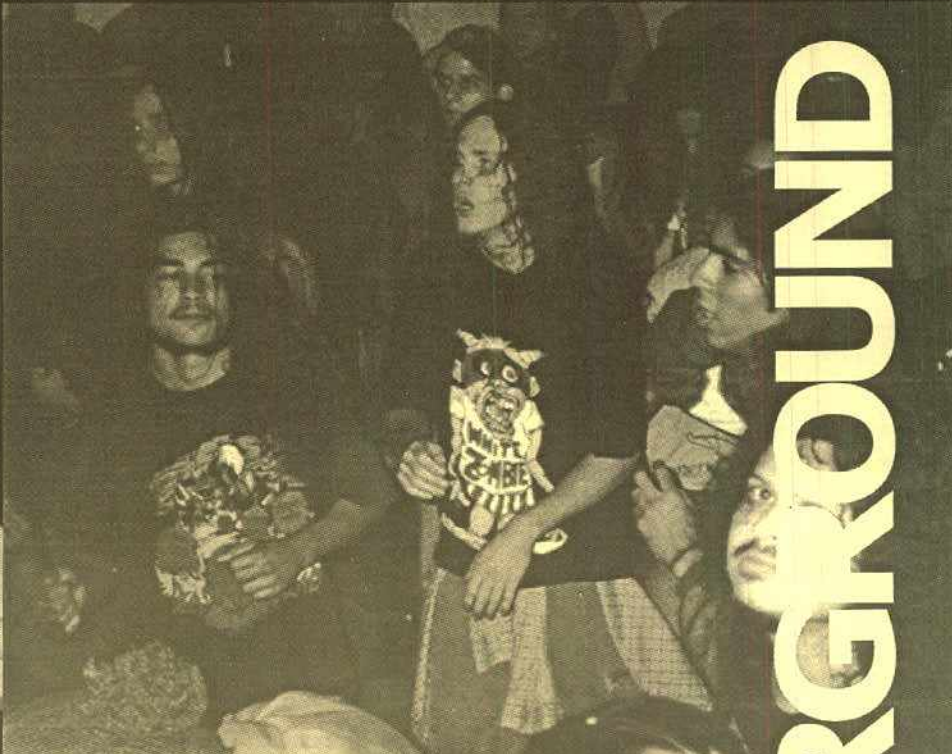
Um personagem que merece destaque, nem tanto pelo que se transformou, mas pelo que representou, é o zineiro Mayzena, criador e editor do Invasão Zine. Ele se consagrou no meio *punk*

**"Que se abram os portões do inferno! Com vocês, Vulcano!", vomitou o vocalista Zhema em 1987 e de lá pra cá muita coisa rolou no submundo cultural de Foz do Iguaçu**





# UNDERGROUND



HC, principalmente nos *shows* da DNA (Deus nos Acuda) e da extinta Caos Nuclear. Em meados da década de 1990, de acordo com as últimas notícias que recebi, Maiyzena virou *skin head* e andou levando um 'pau' dos punks de Foz, mas... deixa pra lá.

Outros punks 'dasantiga', 'udigrudis' na veia mesmo que não poderiam ficar de fora de jeito nenhum dessa roda de pogo, são Paim e Lixo ('O Punk Rock não Morreu'). Um deixou Foz há algum tempo e o outro continua na ativa, mandando ver nas festas alucinadas do Jardim Naipi e do Urbanus Bar.

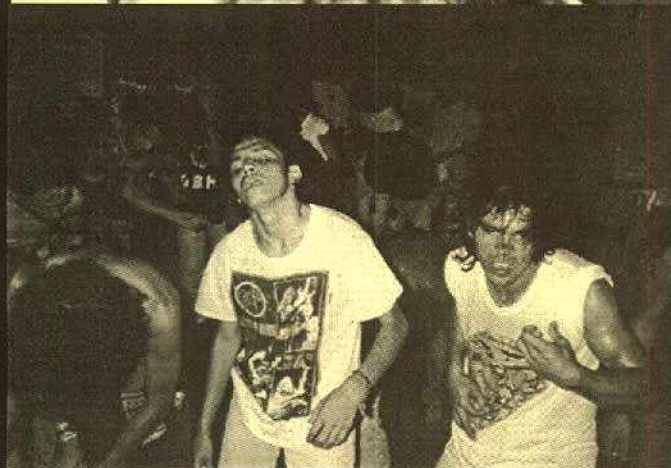
Paim colecionava artigos e fotos sobre o movimento *underground* e levava a ideologia para a frente dos palcos. Pelo que consta, ele se mudou para Curitiba onde fundou um *squaiter* junto com uma galera *punk* da capital. No local, só cultura

alternativa, coisa da boa mesmo. Já Lixo continua na área, promovendo festivais e apresentações. Ele lançou recentemente o Pinico Cheio, zine mostrando um pouco da cena 'udigrudi' e não desistiu da idéia de criar uma associação *punk*.

Agora, fudida mesmo é a história da dupla Peter Necromancer e John (João Alves Gomes). Os dois, com apoio de uns e porradas de outros, realizaram no peito e na coragem, aquele que ficou conhecido como o primeiro festival *underground* de Foz no Jardim São Paulo, que tinha como atração principal a paulista Vulcano de Zhe-ma e companhia.

Peter Necromancer era o 'pavero' do *mosh*, quem não se lembra das planadas no anfiteatro do Monsenhor Guilherme e John só no gole? Atualmente Peter trabalha como cinegrafista numa





produtora e John é evangélico e empresário do ramo gráfico.

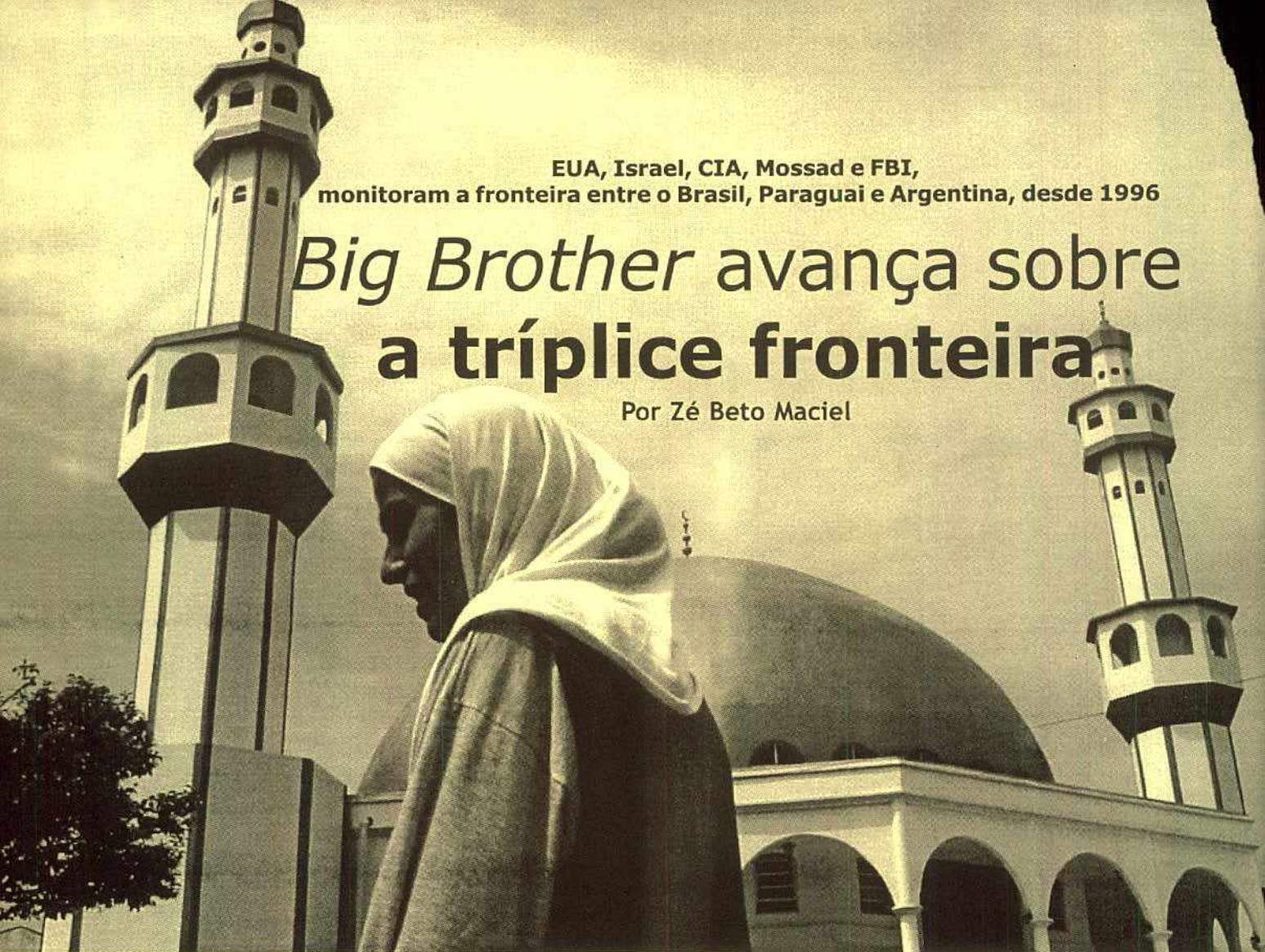
Outra dupla de feras do *mosh*, do passado e do presente, desde que seja uma banda de metal extremo, é o Lobinho (toca Raul) e Valdo 'Podrera'. Lobinho trouxe para Foz o grito que se tornou característico nas apresentações. Quando dava uma pane no equipamento, ou o espaço entre uma música e outra era muito grande, o silêncio era subitamente interrompido: "Toca Raul". A história de Valdo, irmão do Cavalo, se confunde com a própria história do *underground* de Foz. Primeiro guitarrista do The Face e *banger* até os ossos, Valdo 'detonava' em vôos rasantes sobre a platéia.

Pill Punk, Genir, Tomé, Xulé, Cláudio Clau Clau, Sandrão, Nilton Devastador, Roni Metal, Nivaldo Black Vomit, Pipe, Digão, Elisângela e Marizilda (As Rebeldes), Silvio, Boby, Patrick, Abraão, Val-

tinho, Maninho, Roni, Julimar, Death, Boca, Paulinho, Paulinho da Muleta, Mula, Metal, Nego (Gilberto), Negão Slayer (Titi), Paulão Catóba, Zé Paulo, João Cabeleira, Stefânia, Fabrício, Kirno, Cabeção, Cristina, Emídio, Cássio Pirkel, Roger Savaris, Angela, Márcia, Chiderlei, Renato, Zé Luiz, Zé Beto, Adilson Borges, Neno HC, Titão, Tom, Zangão, Barata, Loba, Valdir Ovelar, Valdo, Gordinho, Giordani, Christian, Marlon, Macarrão, Zé Nilson (Goteira), Sidão... Das noites detonadas no São Francisco às performances quase perfeitas no Oeste Paraná Clube, os personagens na platéia tiveram e têm papéis tão importantes quanto os personagens dos palcos da vida.

**Ronildo Pimentel** é jornalista e membro do conselho-diretor da D'japú (Associação Underground de Foz do Iguaçu)





EUA, Israel, CIA, Mossad e FBI,  
monitoram a fronteira entre o Brasil, Paraguai e Argentina, desde 1996

# Big Brother avança sobre a tríplice fronteira

Por Zé Beto Maciel

**D**

No escritório, parcialmente desativado, há ainda na sala principal, uma série de centrais com dezenas de telefones escutas

uas torres de transmissão em dois prédios - uma na Avenida JK e outra na Rua Almirante Barroso - mostram muito bem como funciona a rede de espionagem estrangeira em Foz do Iguaçu. Sob o disfarce de escritório de segurança e um apartamento residencial, informantes da DEA, CDO, CIA, FBI e Mossad bisbilhotam a vida de brasileiros, principalmente os de origem árabe, através de grampos, escutas e conversas animadas nos bares e boates.

Os dois 'aparelhos' têm centrais de ligações telefônicas clandestinas. Os contatos com Ciudad del Este e Assunção, no Paraguai, e Posadas e Buenos Aires, Argentina, são feitos sem custos, utilizando números de carteiras de identidade e de CPFs de brasileiros.

No escritório instalado na Rua Almirante Barroso, parcialmente desativado, há ainda na sala principal uma série de centrais com dezenas de telefones escutas. Ao lado, outra sala dispõe de computadores e arquivos de aço onde que repousam fichas e todo material degrevado da bisbilhotagem. "É impressionante a quantidade de escutas, grampos e arquivos", diz um jornalista que entrou, inadvertidamente, no aparelhão dos arapongas.

Centrais de escuta - Há ainda outras centrais

itinerantes. Elas funcionam de três a quatro meses em cada local - centro, Rincão Francisco, Avenida Paraná e Vila Portes - e são os principais chamariques para árabes que querem conversar com parentes e amigos na África e no Oriente Médio. O que eles não sabem é que suas conversas são gravadas.

As centrais são coordenadas por mulheres, geralmente duas ou três, e a ligação internacional sai pela metade ou ¼ do preço cobrado nas contas. É o valor que atrai os árabes-brasileiros. Eles recebem um cartão, tipo de telefone comum, com um valor que é descontado a cada ligação efetuada.

O mesmo acontece com lideranças políticas, religiosas e comunitárias próximas à causa palestina ou que seja: pró-Iraque, pró-Síria, pró-Irã ou pró a qualquer coisa que afronte os interesses dos EUA. Um deles, inclusive, presidente de uma associação árabe, está marcado e é monitorado constantemente por escutas. Seus passos são acompanhados de perto.

"Não tenho o que me importar. Não faço nada de ilegal e minha participação política é da valorização da comunidade árabe-brasileira na fronteira. É claro que levantamos bandeiras como a causa palestina e apoiamos a autonomia do povo árabe.



de isso incomoda alguém, o problema é deles", bravateou o iguaçuense libânês.

**Vazamento** - Toda a papelada de degravações, fotos, informes e relatórios vão parar na sede dos órgãos norte-americanos em São Paulo e em Brasília. Desses locais, seguem para a sede da CIA e do FBI e outras agências mui interessadas na economia e, principalmente, no potencial econômico da fronteira trinacional.

Parte dos relatórios e de informes é vazada para a mídia gorda dos três países (Brasil, Paraguai e Argentina). É fácil de se explicar então as matérias negativas da fronteiras cujas as fontes são preservadas ou não identificadas, ou ainda, que a maioria das afirmações está no condicional. "Bin Laden teria passado por Foz", "tríplice fronteira abrigaria células terroristas" e assim por diante.

O pior disso, da ingerência e afronta à soberania nacional, é que tudo acontece sob as vistas grossas e ouvidos moucos da 'inteligência brasileira', leia-se Polícia Federal, que até troca informações com os agentes estrangeiros e teve parte de suas operações financiada com dinheiro norte-americano.

A PF local desmente qualquer tipo de interferência nos seus serviços. Conversei informalmente com o delegado Joaquim Mesquita, um pouco antes de sua remoção para Mato Grosso, e ele desmentiu que operações e ações da PF tenham sido subsidiadas por dinheiro norte-americano. "Te mostro tudo, cada centavo que é usado em Foz é dinheiro público e está tudo registrado" disse.

Questionado sobre os recursos dos EUA que foram parar em contas de delegados da PF, Mesquita disse tratar de convênio que vem sendo renovado há anos e que tudo também é comprovado, apesar de afirmar não conhecer seus detalhes operacionais. Ficamos de completar a conversa, mas não retomei o contato com o delegado.

**Guarda-chuva** - Em parte Mesquita está certo. Há um convênio entre agências norte-americanas e a PF para operações e ações que não são oficiais. O primeiro convênio, chamado "Guarda-chuva", foi firmado ainda em 1986 e de lá para cá já entraram mais US\$ 9 milhões.

Uma das últimas remessas, revelada pela revista Carta Capital, foi a de US\$ 3 milhões, enviada pela DEA (Drug Enforcement Administration) para a "Operação Cobra", desenvolvida na fronteira norte do Brasil, há mais de dois anos. O interessante, segundo a revista, é que 15% desses US\$ 3 milhões foram usados para pagar diárias, passagens aéreas, hospedagens de agentes e delegados da PF e da DEA.

O esquema foi revelado na CPI do Narcotráfico em 2000, graças a uma briga entre dois delegados: Vicente Chelotti, então diretor-geral da

PF, e Marco Antônio Cavaleiro, que chefiou a divisão de entorpecentes da instituição, e recebia parte dos recursos em sua conta. Cavaleiro foi afastado da divisão e outro delegado ligado a Chelotti enviou a papelada do esquema à CPI.

Cavaleiro e o atual chefe da divisão de entorpecentes, Getúlio Bezerra, chegaram a movimentar, entre 1996 e 1998, cerca de R\$ 2 milhões. "O dinheiro entrava via CC-5 e Citibank. Na embaixada americana, em Brasília, a NAS - outra das agências antinarcóticos dos EUA, e controladora das verbas também da DEA - fazia, e ainda faz, o dinheiro seguir. Em 2001, as agências norte-americanas enviaram US\$ 5,8 milhões para os projetos brasileiros", diz uma reportagem da revista Carta Capital.

**Rede Brasil** - O que os árabes radicados na fronteira desconfiavam é que parte das operações da PF na fronteira - principalmente a Rede Brasil entre dezembro de 1997 até abril de 1998 - fora financiada com dinheiro norte-americano.

Sob o pretexto de combater os estrangeiros ilegais, a Rede Brasil vasculhou, invadiu e deteve para averiguação mais de 300 árabes na fronteira, além de constrangê-los em inúmeras blitzes na Ponte da Amizade (PIA) e outros pontos em Foz do Iguaçu. A operação contou com a participação de 100 agentes da PF de vários estados e algumas das blitzes, comuns na PIA, hotéis, bares, boates e apartamentos, foram supervisionadas diretamente por Chelotti, que ocupava a chefia da PF na época.

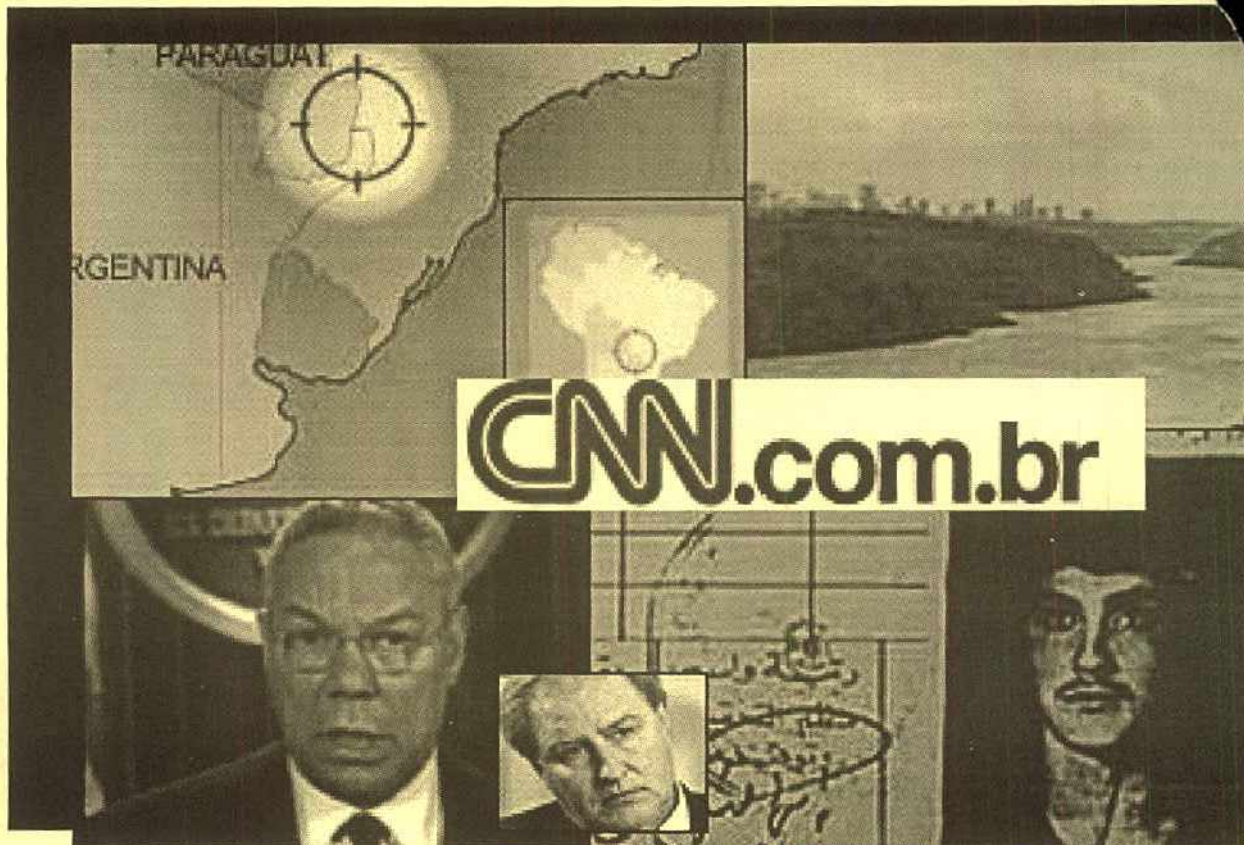
Ao arripio da lei, sem mandado judicial ou qualquer respaldo legal, policiais federais invadiram apartamentos e casas dos árabes radicados na fronteira, constrangendo seus familiares e expondo-os vexatoriamente. A operação chegou ao cabo somente com a interferência da OAB e de representantes da comunidade árabe que pediram providências ao então ministro da Justiça, Renan Calheiros, em Brasília.

"A situação foi se encaixando. Primeiro foram as matérias, depois vieram as blitzes e por fim a operação. Se conclui então que há interferência dos norte-americanos na fronteira", ressalta um libânês brasileiro.

"Para combater o narcotráfico o correto é ampliar os recursos humanos e materiais da PF, e não pisar na soberania nacional permitindo atividades da polícia de outros países no Brasil. E, pior, permitir que a polícia norte-americana pague despesas, ações, e ainda faça depósitos de milhões em nome de agentes da polícia brasileira. É aviltante para a soberania e em outros países, como nos próprios EUA, isso é crime de traição", disse o procurador da República, Luiz Francisco Fernandes de Souza, à revista Carta Capital.

**Em parte, Mesquita está certo. Há um convênio entre agências norte-americanas e a PF para operações e ações que não são oficiais. O primeiro convênio, chamado "Guarda-chuva", foi firmado ainda em 1986 e de lá para cá já entraram mais US\$ 9 milhões**





**Os EUA mantêm ainda 12 bases para exercícios militares na América do Sul. O Paraguai abriga duas, uma na região do Chaco, com pista de mais de três mil metros para aeronaves de grande porte e outra em Alto Paraná, com pista de 2,5 mil metros**

DEA, NAS, CIA, FBI, ATF, IRS e mais uma série de 13 agências norte-americanas abriram seus tentáculos sobre a América Latina. Antes, combatiam o comunismo, depois o narcotráfico e agora o terrorismo. Juntas, as 19 agências norte-americanas disputam, no Congresso dos EUA, verbas, espaços, e têm satisfações a dar. DEA, CIA e FBI manejavam há três anos um orçamento superior aos US\$ 40 bilhões.

Os EUA mantêm ainda 12 bases para exercícios militares somente na América do Sul. O Paraguai abriga a duas bases, uma na região do Chaco com uma pista de três mil metros para pousos de aeronaves de grande porte, e outra na região do Alto Paraná, com uma pista de 2,5 mil metros.

No Brasil, os EUA forçaram a barra para instalar sua base militar em Alcântara (MA). O governo FHC chegou a fechar um acordo com os norte-americanos para a instalação da base. Agora, já no governo Lula, o Ministério de Relações Exteriores emitiu nota afirmando que o Brasil não tem mais interesse na proposta americana.

A recusa do Brasil não significa que a inteligência norte-americana possa refrear sua ação sobre o Brasil. A revista Carta Capital, numa série de reportagens, apontou que o braço das agências americanas no Brasil é o antigo Centro de Dados Operacionais (CDO) da Polícia Federal - ligado à CIA, FBI, Mossad - hoje Serviço de Operações de Inteligência Policial (Soip). O Soip é regido pelo sistema de "informação compartilhada". "Quem compartilha suas informações é a CIA", escreve a revista.

Nos anos 90, o CDO chegou a manter 15 escritórios no país. E a CIA já esteve vinculada à Divisão da Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras (DPMF), ao Centro de Inteligência (CI), ao gabinete do diretor-geral, à Interpol e à Divisão de Repressão a Entorpecentes (DRE).

Hoje, os serviços se organizam através do Idec, entidade que coordena outro programa norte-americano, a *Task Force* - conceito defendido pelo FBI e pela Procuradoria dos EUA. O programa prega a atuação conjunta de polícias, procuradores, bancos, na prevenção e repressão ao tráfico de drogas e ao crime organizado.

Na verdade, o Idec quer interferir mesmo na indústria da química fina, do aço, biotecnologia e biopirataria, Mercosul, Projeto Sivam, privatizações, setor energético, telecomunicações e, claro, narcotráfico.

O Idec organizou em 2000 o Seminário Internacional de Prevenção e Repressão à Lavagem de Dinheiro e à Corrupção na Administração Pública em Curitiba. Entre os palestrantes, agentes do FBI como Richard Boscovitch, Richard Cavalieros e Rodney A. Morgan.

Na segunda quinzena de junho, o deputado federal Cláudio Vignatti (PT-SC) levou aos ministérios das Relações Exteriores e da Justiça pedido para que sejam investigadas as ações da empresa Choice Point, contratada pelo governo dos EUA em território brasileiro. Segundo o petista, a empresa está levantando informações confidenciais de pessoas e empresas em nove países da América Latina. Para Vignatti, a ação é uma violação do direito à privacidade e um ataque à so-



berania nacional. O deputado disse que a empresa, contratada pelo Departamento de Justiça dos EUA ao custo de U\$ 3,5 milhões de dólares, está montando um banco de dados com informações sigilosas de cidadãos, como gastos com cartão de crédito, saques de dinheiro em caixas eletrônicos, históricos escolares, compras em supermercados, livros retirados em bibliotecas, listas de telefones discados, registros de pedágios e vídeos alugados. Sob o pretexto de levantar dados e antecipar o controle sobre ataques terroristas, a Choice Point recebe do governo norte-americano valores diferenciados pelos dados colhidos, denunciou o deputado.

### Operação Rede Brasil

Uma operação cinematográfica em abril de 1998, envolvendo cerca de 100 policiais federais, invadiu bares, restaurantes e edifícios frequentados por estrangeiros e descendentes, à procura de suspeitos, de preferência árabes, "envolvidos em células terroristas". A gravidade: os agentes federais não possuíam sequer um mandado judicial para legitimar suas incursões entre os árabes. Os responsáveis pela operação Rede Brasil - apelidada pelos agentes de Foz como Operação Brimo, a segunda do gênero desde 1996 - afirmaram que eram para combater a imigração ilegal. Dezenas de pessoas foram detidas aleatoriamente e levadas à Polícia Federal.

Outra prisão também foram efetuadas no lado argentino da fronteira. Hassan Khalil Khalil registrou queixa na Polícia Federal. Ele contou que ao passar pela aduana argentina, acompanhado por três amigos, foram abordados pela Guarda Nacional Argentina e após se identificarem foram detidos. Presos em celas separadas, não podiam se comunicar com a família, advogados ou autoridade brasileiras.

"Durante nossa prisão fomos interrogados por uma pessoa sem uniforme, numa sala escura com uma iluminação forte nos meus olhos", lembra Hassan. "Essa pessoa falava espanhol, mas não era argentino, ele me perguntou sobre grupos armados, sociedades árabes e grupos religiosos, as quais não soube responder, por não ter conhecimento do assunto. A pessoa que me interrogou, no meu entender era membro do Mossad" completa.

A participação da inteligência americana e do Mossad também foi revelada pela imprensa dos três países. Segundo os jornais de Foz, a Polícia Civil deteve um suposto agente do serviço de Israel enquanto conversava com um informante libanês, e o entregou à PF. As suspeitas sobre as interferências externas começaram em 96, quando foi formulada uma denúncia sobre a atuação de um agente da CIA ao 34º BIMtz.



### O caso Assad Barakat

O pedido de extradição do comerciante libanês, Assaad Ahmad Barakat, naturalizado paraguaio, se constitui também no flagrante interesse do Paraguai em atender aos prepostos e informantes norte-americanos e israelenses em Ciudad del Este.

Barakat, que também assumiu a cidadania guarani, está preso em Brasília e sua extradição está em vias de se proceder. Faltam ainda alguns trâmites legais e todas as apelações feitas pelos advogados João Onésimo de Mello e Umbelina Zanotti foram desconsiderados no Supremo Tribunal Federal.

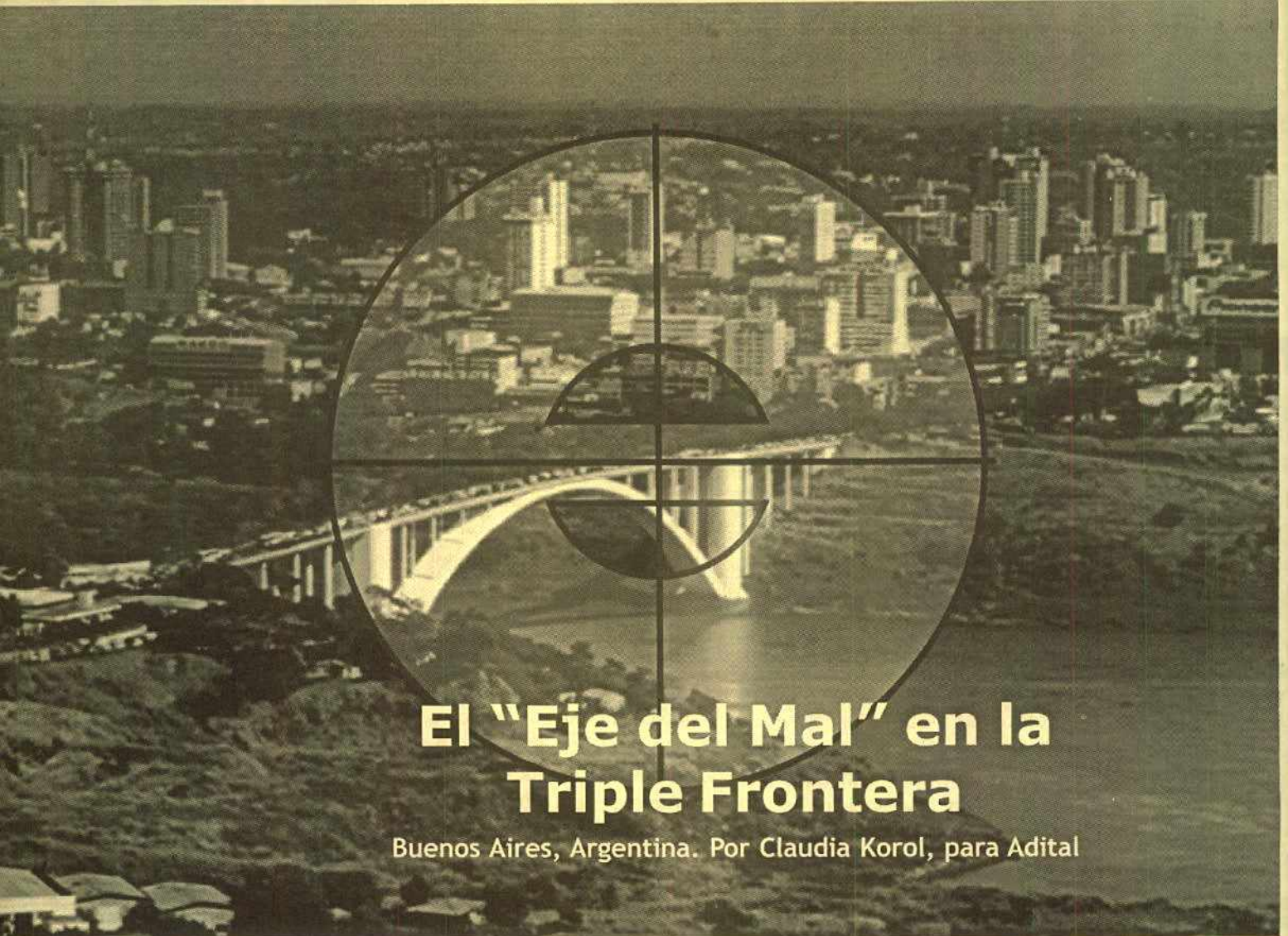
O caso de Barakat trata-se de uma disputa por uma representação comercial com o informante do Mossad, Ali Ahmed Zaion, em Ciudad del Este. Barakat é casado com a brasileira Marlene Barakat. O casal tem três filhos iguaçuenses: Ali, Ahmad e Hassan - matriculados e frequentando escola em Foz do Iguaçu.

Barakat tem um apartamento no centro e um sítio em Três Lagoas. Nunca foi preso ou processado no Brasil. No Paraguai era comerciante, dono há oito anos da loja de eletrônicos Casa Apollo, fechada em outubro de 2001 pelas autoridades paraguaias. Sua vida de comerciante era tranquila, estava no Paraguai há 15 anos, até os atentados sofridos pelos EUA em setembro de 2001. Logo após, 24 comerciantes paraguaios, de origem árabe, também foram presos.

Como representava o jogo eletrônico "Brick Games", Barakat se indispôs com Ali Ahmed Zaion, que pleiteava a representação. Zaion, além de procurado pela Justiça libanesa, é reconhecido por toda comunidade árabe da fronteira como informante do serviço de inteligência israelense - o Mossad.

Após o atentado aos EUA, o informante passou a indicar à polícia, os "terroristas árabes" na capital do Alto Paraná, denunciando por interesse comercial o seu concorrente Assaad Barakat. Perseguido, Barakat não voltou mais ao Paraguai e pediu proteção a PF em Foz do Iguaçu. Em seguida foi preso pela própria PF e levado a Brasília. É este o caso de Barakat. Sua família hoje vive de favores de amigos e sua extradição ao Paraguai pode abrir um grave precedente aos integrantes da comunidade árabe que por ventura tiverem alguma diferença ou disputa com informantes dos interesses norte-americanos na fronteira. Seu caso está nas mãos do ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos.





## El "Eje del Mal" en la Triple Frontera

Buenos Aires, Argentina. Por Claudia Korol, para Adital

**Mientras las imágenes de la CNN anuncian la "liberación de Bagdad" por parte de las tropas invasoras anglo-norteamericanas, y Bush amenaza con el exterminio completo de los pueblos que resisten a sus pretensiones imperiales, integrantes todos del "Eje del Mal", se encienden las luces de alerta en la Triple Frontera de Argentina, Paraguay y Brasil, donde el gobierno argentino pretende autorizar el ingreso de marines norteamericanos**

**M**ientras las imágenes de la CNN anuncian la "liberación de Bagdad" por parte de las tropas invasoras anglo-norteamericanas, y Bush amenaza con el exterminio completo de los pueblos que resisten a sus pretensiones imperiales, integrantes todos del "Eje del Mal", se encienden las luces de alerta en la Triple Frontera de Argentina, Paraguay y Brasil, donde el gobierno argentino pretende autorizar el ingreso de marines norteamericanos.

El tema está en debate en distintos ámbitos políticos y jurídicos. En estos días se intenta iniciar en la Comisión de Defensa de la Cámara de Diputados el análisis del proyecto de ley remitido por el presidente Eduardo Duhalde, que autoriza el ingreso temporario al país de personal militar extranjero para realizar ejercicios militares. La

iniciativa faculta al Poder Ejecutivo a otorgar privilegios e inmunidad al personal militar de otros países durante su permanencia en el país.

El pedido de EE.UU. de inmunidad para su personal ante un posible requerimiento por la Corte Penal Internacional fue el factor que impidió en octubre del año pasado la realización de maniobras con la presencia de marines norteamericanos en la provincia de Misiones, según lo admitió en conferencia de prensa realizada en el día de hoy, 9 de abril, el Ministro de Defensa Horacio Jaunarena.

En los años anteriores (2000 y 2001), se habían realizado en la provincia de Salta los Operativos Cabañas, con la participación de 1500 oficiales Chile, Bolivia, Ecuador, Paraguay, Perú y Uruguay, dirigidos por el Coman-



do Sur del Pentágono, sin la debida autorización del Congreso Nacional. Según documentos del gobierno argentino, el objetivo de ese entrenamiento sería crear un "comando militar unificado" para combatir el "terrorismo en Colombia, además de un campo de batalla compuesto por civiles, organizaciones no gubernamentales y potenciales agresores". El comando actuaría en la región de la Triple Frontera entre Brasil, Paraguay y Argentina.

El comandante en jefe interino del Comando Sur del Ejército norteamericano, Gary Speer, al informar al parlamento norteamericano sobre la "Guerra contra el terrorismo y la política estadounidense en Colombia" sostuvo que existe en la Triple Frontera una amenaza terrorista que si "no es expuesta y removida, representa un potencial de peligro tanto para nuestra seguridad nacional como para la de nuestros vecinos". También informó que las fuerzas de inteligencia (CIA, FBI) monitorean "actividades terroristas desde hace años, incluyendo incidentes como los ataques con bombas contra la embajada israelí en Buenos Aires y la sede mutual judía en la Argentina, en 1992 y 1994, atribuidos a Hezbolá". Estas acusaciones, sin embargo, nunca fueron demostradas, ya que se basaron en pruebas pueriles, como la constatación del envío de remesas de dinero de la comunidad árabe (viven en la zona, desde los últimos 50 años unos 15.000 árabes) a familiares en sus países de origen, así como las comunicaciones telefónicas realizadas frecuentemente.

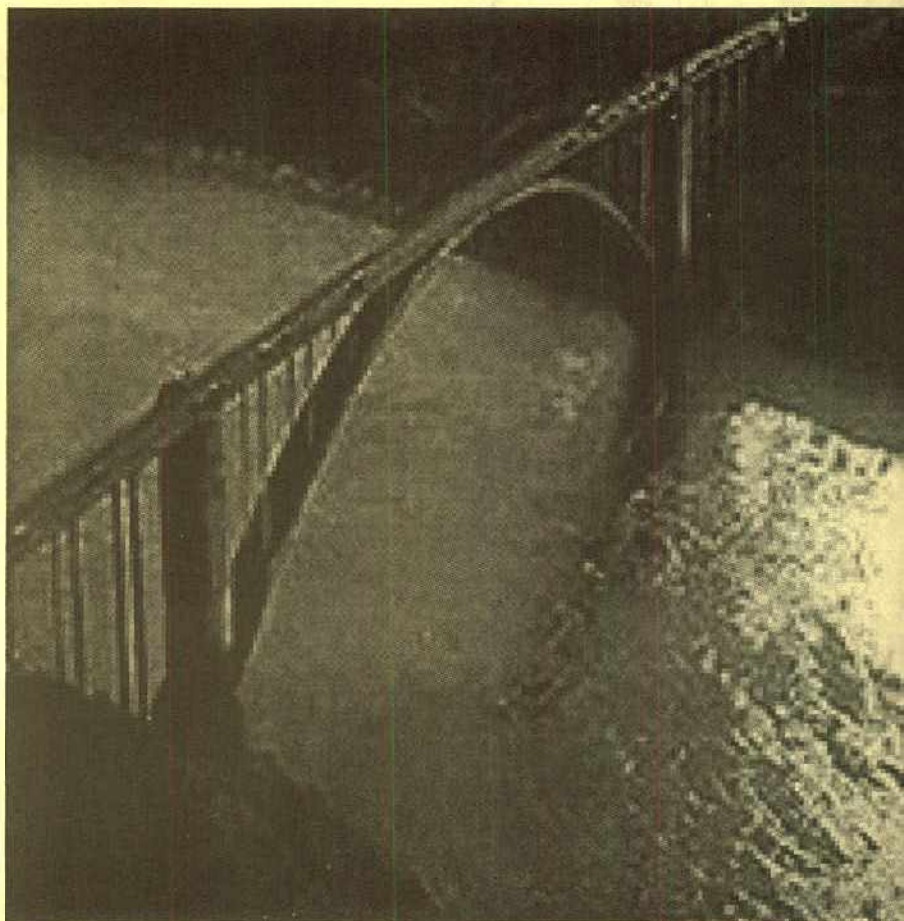
Lo cierto es que la Triple Frontera es una región estratégica para los Estados Unidos, como puerta de acceso a la región amazónica, como reserva de agua dulce -una de las más importantes del mundo- y por sus riquezas ecológicas. También se puede analizar la intención del gobierno norteamericano de establecer un lugar de control permanente sobre la región, en la que cobra fuerza la resistencia de los movimientos de campesinos sin tierra de Brasil y Paraguay, a quienes en diferentes documentos norteamericanos señalan como una posible "amenaza" para los intereses norteamericanos en su patio trasero.

Para este año están anunciados también ejercicios militares con la presencia de marines norteamericanos, en las provincias de Mendoza y San Luis. Todos ellos son parte de la preparación de una eventual intervención militar conjunta de los ejércitos latinoamericanos, comandada por Estados Unidos en Colombia, en los marcos del desarrollo del

Plan Colombia. Apuntan simultáneamente a ir dejando establecidas las premisas para un presencia militar norteamericana permanente en Argentina, que se extendería hasta la región más austral.

La población de Tierra del Fuego denunció que el gobierno provincial cedió tierras para la instalación de una base norteamericana que realizará "estudios nucleares con fines pacíficos", cuya instalación será en la ciudad de Tolhuin, en el centro de la isla, y se movilizan para impedirlo. También en las provincias de Misiones, de Mendoza y San Luis, hay movimientos populares que intentan resistir la presencia norteamericana en la región. La coordinación de estos esfuerzos, a partir de la convicción de que la militarización de América Latina es parte del plan estratégico de EE.UU. para avanzar en el dominio del mundo, es uno de los temas centrales que se analizará en la II° Asamblea Nacional de Lucha contra el ALCA, como parte del Encuentro Regional por la Soberanía y la integración de los Pueblos, contra el ALCA, la Deuda y la Guerra que se iniciará en el día de mañana, jueves 10 de abril, en la ciudad de Buenos Aires.

**"El pedido de EE.UU. de inmunidad para su personal ante un posible requerimiento por la Corte Penal Internacional fue el factor que impidió en octubre del año pasado la realización de maniobras con la presencia de marines norteamericanos en la provincia de Misiones"**



Cláudia Korol é secretária de redação da revista América Livre.  
O artigo foi publicado na revista em abril de 2003



Corria o ano da desgraça de 81, ou seja, o 17º do golpe de 64. Pediram para eu relatar algo desses tempos. Mas por que revolver o passado? Porque do passado extraímos as lições para melhor enfrentarmos os problemas e preparar o futuro

# Percalços do Nosso Tempo

Por Antônio Vanderli Moreira



**C**orria o ano de 1981 e Foz do Iguaçu, área de segurança nacional, ainda vivia o clima tenso do terror da ditadura. Alguns profissionais de imprensa ousavam agir com independência mas sofriam de imediato a perseguição política. Antes, alguns pequenos jornais independentes surgiram mas agüentaram pouco tempo.

No ano de 1980, um grupo de opositores do regime e alguns dissidentes que já surgiam, resolveu fundar um jornal ao qual deram o nome de "Nosso Tempo". O peso do coturno do coronel interventor já se fez sentir. O prefeito e seu grupo procuravam de todas as maneiras sufocar o jornal para que parasse de funcionar. Os comerciantes que anunciavam eram ameaçados. Ao surgirem as pressões, alguns retiraram-se da sociedade.

Como o hebdomadário continuava em atividade, apertaram o cerco. A Delegacia Regional do Trabalho, por ordem do General Massa, instaurou procedimento e o Delegado de Polícia Federal De Faveri baixou a portaria nº 202/81/DPF/FI, dando início a Inquérito Policial contra as pessoas que centralizavam as ações do jornal "Nosso Tempo".

Eram elas o Juvêncio Mazzarollo, o João Ade-

lino de Souza, o Aluizio e o Jessé. A acusação era de exercício irregular da profissão, por não possuírem registro de jornalista. Foram incursos no artigo 47 da Lei de Contravenções Penais. No dia 30 de setembro de 1981, às 14h30, os acusados e seu defensor compareceram à então Divisão de Polícia Federal para interrogatório. Lá ficaram durante horas esperando pelo delegado, que não os atendeu.

Estupefatos souberam depois que foram dados como ausentes, ouvindo o delegado apenas dois inspetores do trabalho. Na sequência, considerando "imprestável o procedimento administrativo da DRT", o juiz federal remeteu o feito para a Justiça Estadual.

Em sua defesa prévia, Juvêncio, Aluizio, Adelino e Jessé argüíram, entre outras matérias, que o processo não poderia ser da iniciativa da Delegacia Regional do Trabalho e que não foram apreendidos na Polícia Federal, que o delegado premeditou a "revelia" que não houve.

Provou-se na instrução processual que a autoridade policial forjou a revelia, que não exerciam ilegalmente a profissão. O jornalista Walter Aricoli explicou ainda a causa do processo: "As autoridades ditas constituídas de Foz do Iguaçu pas-

Mazzarollo teve como defensores, brilhantes advogados de Curitiba, mas acabou condenado e foi o último preso político do Brasil



saram a perseguir politicamente os acusados em função de seus posicionamentos ideológicos”.

Ficou evidente a nulidade do processo por falta de representação do sindicato, pela revelia inexistente que importava em cerceamento de defesa, por falta de apresentação de réu preso (Juvêncio já estava preso por ordem da Justiça Militar), verificando-se ainda a prescrição. Mas a juíza sentenciante, que pelo menos em um outro processo já aceitara intromissão dos donos do poder, condenou Juvêncio, Aluizio, Adelino e Jessé a pagarem multa por infração ao artigo 47 da Lei de Contravenções Penais.

Mais esta injustiça só não se consumou porque o Tribunal de Alçada do Paraná reconheceu as nulidades e decretou a prescrição da ação penal pelo acórdão nº 8044, onde se lê: “Na verdade foram feridos os princípios constitucionais da amplitude da defesa e do contraditório consagrados nos §§ 15 e 16 do artigo 153 da Carta Magna, fulminando o processo por nulidades insanáveis tanto por ser forjada a revelia quanto por ter havido o cerceamento de defesa pela não inquirição das testemunhas de defesa arroladas na defesa prévia, cujo prejuízo ficou evidenciado”.

Disso tudo fica a lição de que os direitos constitucionais somente são respeitados quando se tem um Poder Judiciário realmente independente e atuante.

Juvêncio ainda respondeu processo sob acusação de infração à Lei de Segurança Nacional, devido a um artigo onde sugeria: “Tirado o poder

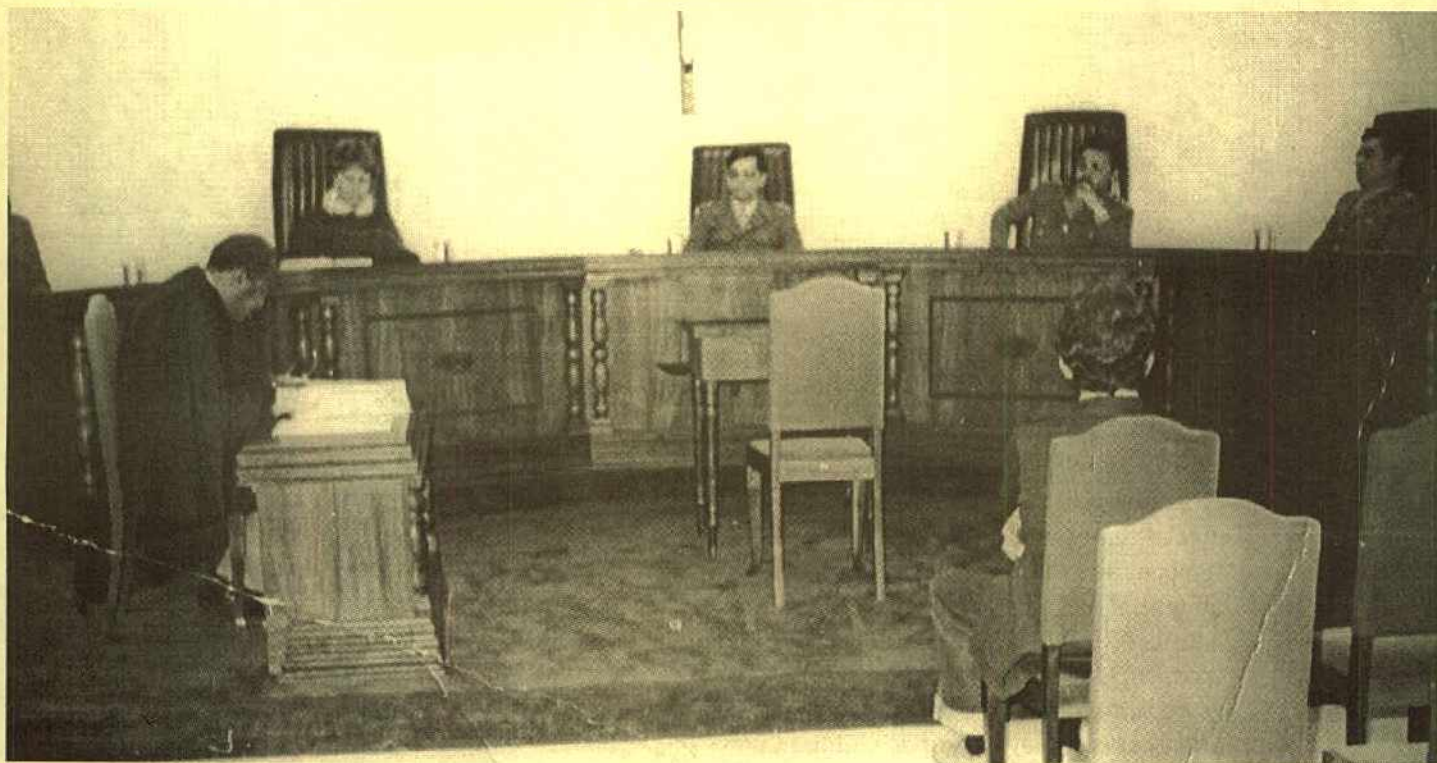
dos ladrões, corruptos, vendilhões da Pátria e opressores, o passo seguinte é implantar um sistema institucional que garanta a construção de um novo modelo social, político, econômico e cultural”. Mazzarollo teve como defensores, brilhantes advogados de Curitiba, mas acabou condenado e foi o último preso político do Brasil.

Na linha das colocações de Juvêncio Mazzarollo, aproveitando as lições de alhures para a nossa realidade e parafraseando o Grande Timoneiro, ousaria proclamar: Nós queremos transformar o Brasil politicamente oprimido e economicamente explorado num Brasil politicamente livre e economicamente próspero, mais: nós queremos transformar o Brasil ignorante e atrasado, sob a dominação da antiga cultura, num Brasil esclarecido e avançado, onde dominará a nova cultura. Edificar uma nova cultura é nosso grande objetivo.

E então, como escreveu Getúlio Vargas, “Esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém”. Mas como se consegue tamanha transformação? Transformando-se cada indivíduo, transformando-se cada comunidade. Tolstoi já dizia: “Conhece tua aldeia e serás universal”. Portanto, transforma-se um país, começando pela própria cidade.

Por isto a importância de apoiar qualquer movimento que vise a alteração comportamental para melhor, o progresso da cidade, como presentemente temos o Projeto de Desenvolvimento de Foz do Iguaçu - Prodefoz.

**Transformando-se cada indivíduo, transformando-se cada comunidade. Tolstoi já dizia: “Conhece tua aldeia e serás universal”**



*O jornalista Juvêncio Mazzarollo durante julgamento no Tribunal Militar em Curitiba*

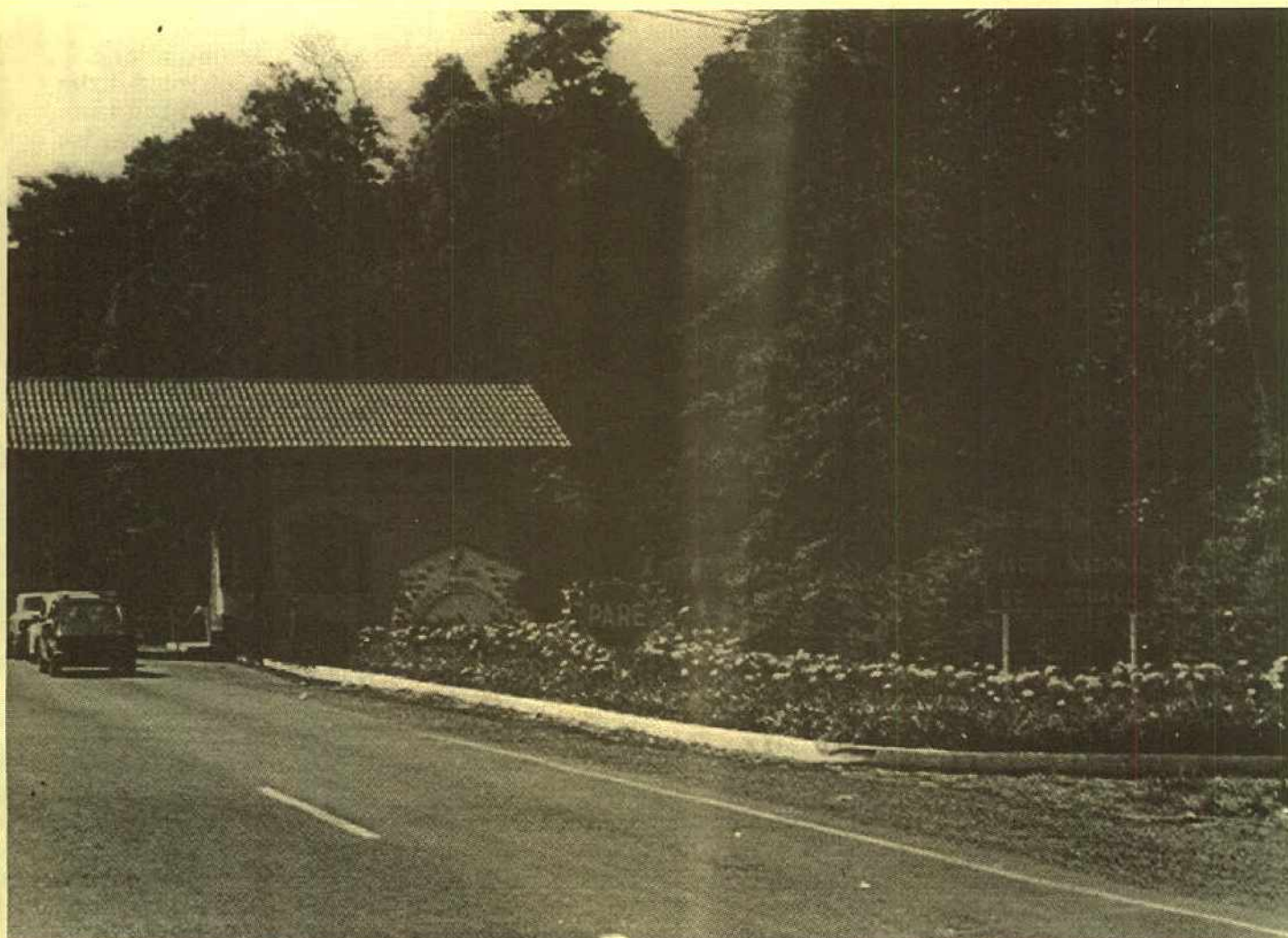
**Antônio Vanderli Moreira** é advogado e procurador-geral do Município



Há 23 anos era realizado o 1º Seminário de Turismo de Foz; a Secretaria de Turismo e o Parque do Monjolo foram algumas das propostas levantadas na época

# Vôo a um passado não muito distante

Por Chico de Alencar



**O** turismo sempre esteve presente no dia a dia de Foz do Iguaçu, mas foi em 1980 que esse segmento começou a ser debatido e analisado profissionalmente. O 1º Seminário de Turismo de Foz do Iguaçu foi realizado entre os dias 27 e 30 de agosto de 1980 e reuniu 148 pessoas no Hotel Bourbon. O evento foi promovido em parceria pela Prefeitura Municipal e Itaipu Binacional, que tinham como titulares na época, Clóvis Cunha Viana e José Costa Cavalcanti.

Naquela época, Foz não tinha ainda, pasmem, uma Secretaria Municipal de Turismo. Em núme-

ros redondos o Parque Nacional do Iguaçu (PNI) recebia um milhão de turistas por ano. Ao preço da taxa de visitação de um cruzeiro, cruzado ou seja lá qual era a moeda predominante, num país que troca seu nome (da moeda) a cada governo, cortando zeros à direita para "diminuir" a inflação endêmica. Eu sonhava com a participação do município na receita do Parque Nacional com destinação específica para urbanização da Rodovia das Cataratas. A intenção era transformá-la numa "Rua 24 horas", nos mesmos moldes da de Curitiba de hoje, no decorrer de todo o trecho com



muita iluminação e policiamento ostensivo, além da divulgação. O que aprontamos, Antônio Cirilo e eu para que a sociedade se mobilizasse e cobrasse das esferas estaduais e federais neste sentido, só os antigos sabem.

Essa era uma das principais propostas que elaboramos para o primeiro seminário e a íntegra acabou chegando aos ouvidos do IBDF, hoje Iba-ma. Tanto é que mandaram um "laranja" para torpedear a proposta, sob a alegação de que o PNI não podia abrir mão de sua receita porque sustentava outros parques brasileiros que não auferiam lucros, como aqui. Coube a mim redigir, com apoio dos colegas da época, a carta do Clube de Imprensa de Foz do Iguaçu, neste sentido. Redigi-la e apresentá-la ao seletor público presente. Teimosia pura - mal acabei de falar e o "laranja" do IBDF pediu a palavra, já para torpedear a amparado na lei. Retomada a minha palavra, insisti que não queríamos abiscoitar parte da receita do seu órgão, mas sim aumentar 10% ao valor na taxa da visitação do parque, para os propósitos anunciados. Mal merecemos uma citação na "Carta de Foz do Iguaçu de Turismo", como vocês verão logo adiante em alguns trechos.

Apenas muitos anos depois, quando Luciano Pizzato assumiria a Diretoria de Parques e Florestas do então IBDF, no governo estadual de Álvaro Dias, ligou-me de Brasília, após o ato de sua posse. Ele disse mais ou menos assim: "Chico, quero lhe dizer que trouxe no meu bolso de paletó, o textinho de sua coluna que cobrava de mim aquela decisão, é que este foi o primeiro ato e decreto de minha gestão aqui". Wádis Benvenuti era o presidente do Paranatur e comemoramos juntos, todos nós. Acontece que, ao invés de 10% de aumento na taxa de ingresso no Parque Nacional do Iguaçu, Pizzato a elevou para 100% destinando a metade para o governo do Estado e não para Foz do Iguaçu como pretendíamos. Como Wádis era o homem do turismo no Paraná, entendemos que a gente acabaria se beneficiando e comemorando a vitória por uma luta de mais de 10 anos. Incúria endêmica, nós estamos cansados de saber que no Brasil o governo mais atrapalha do que ajuda os contribuintes. E foi o que aconteceu com o governo Álvaro Dias, que inepto, omissor e negligente recebeu apenas uma parcela, mandou uma merrêca para Foz e acabou deixando caducar o convênio. Pelo menos a Secretaria Municipal de Turismo, iniciativa que a imprensa local apoiou com força total, acabou sendo criada e levando Luiz Guilherme Faria de Siqueira ao honroso título de 1º secretário de Turismo de Foz do Iguaçu.

Não quero e nem estou a fim de analisar ou sequer julgar seu desempenho, mas aí está até

hoje o órgão municipal de Turismo de um dos mais importantes pólos de destinos do país. Ainda no embalo dos reflexos energizantes da visita do ministro de Turismo, Walfrido dos Mares Guia, a Foz do Iguaçu, coincidindo com uma série de outras iniciativas formidáveis e alvissareiras, por conta da Itaipu do iguaçuense Jorge Miguel Samek e da administração municipal e estadual com o PMDB de Roberto Requião e Sâmis da Silva, do secretário de Turismo Estadual, Cláudio Rorato e do deputado estadual e do ex-prefeito, Dobrandino Gustavo da Silva, sem falar na aproximação direta com o governo Lula, achei ser oportuno e pertinente esta volta a um passado não muito distante, 23 anos apenas, que registramos este episódio "histórico" de nossa cidade e seu turismo, com a determinação de enviá-lo ao Walfrido dos Mares Guías e ao diretor-administrativo e financeiro da Embratur, o paranaense Emersom Palmieri que nos honraram com suas visitas e suas declarações de amor, respeito e consideração para com a nossa Terra das Cataratas.

**Apenas muitos anos depois, quando Luciano Pizzato assumia a Diretoria de Parques e Florestas do então IBDF, ligou-me de Brasília falando da nota que eu havia publicado**



### **Trechos da proposta do 1º Seminário de Turismo**

"Considerações gerais,

Ao ser formalizado o documento final sobre as conclusões alcançadas pelo 1º Seminário de Turismo de Foz do Iguaçu, forçoso é ressaltar que, além dos registros enfocados neste trabalho, outros de grande magnitude constituem o elenco de contribuições apresentadas durante o evento. Neste sentido, salienta-se a significação da iniciativa, por quanto revelou a unidade de propósitos até então latente em todos os segmentos da comunidade iguaçuense, agora acordada pela disposição de suas representações de classe. ..."

"... Antes de ser um registro das atividades desenvolvidas durante o conclave, este documento





**Passados quase 23 anos após o 1º Seminário sobre Turismo de Foz, a maioria das propostas continua presente e ainda não contemplada**

objetiva dar publicidade às reivindicações e reclamos daqueles que, de formas diversas, estão ligados ao turismo. Nele estão contidos os pontos finais dos temas "Potencialidades do Pólo Cataratas do Iguaçu", "Área de Livre Comércio", "Lago de Itaipu" e "Alternativas Turísticas". Das 26 teses apresentadas à coordenação do seminário e analisadas pelos grupos de trabalho, merecem especial destaque três proposições: a que pede a instalação de um cassino em Foz do Iguaçu, com o jogo livre; a da criação da área de Livre Comércio e a construção do Centro de Convenções" ... "... Por seu turno, a comissão que apreciou o item "Lago de Itaipu", considerou os pontos de vista apresentados nas diversas proposições que, em resumo, recomendam variadas alternativas de uso e destino da infra-estrutura da Itaipu após a sua destinação para a consecução da obra propõem a formação de comissão de estudo para analisar as condições de aproveitamento da orla do lago que será formado pelo represamento das águas do Rio Paraná, pela barragem de Itaipu; propõem ainda, a criação e instalação de um museu pela Itaipu Binacional, acompanhado de uma réplica em escala da Usina, do Lago e das Sete Quedas, antes da inundação, "dando assim idéia de todo o conjunto e, de preferência, que seja instalado nas proximidades da barragem". A comissão julgou por bem considerar a importância da efetivação de estudo ambiental para avaliação dos efeitos provenientes da formação do reservatório sobre as condições climáticas da região. ..." "... E para tentar esclarecimentos, Xenofuente Villanueva, apresentou ao

plenário do seminário, para votação - sendo obtida unanimidade - três solicitações a serem feitas ao presidente da Embratur, Miguel Colassuno: Esclarecimentos sobre a ausência de Foz do Iguaçu no Cardápio do Programa Brasil Turístico; pedido de informação sobre quais as programações a serem executadas pela Embratur que constará o Pólo Turístico de Foz do Iguaçu; e informações sobre o "Pólo Turístico" acertado com as agências argentinas, na reunião de Buenos Aires, especificamente se na programação de *marketing* a ser estabelecida, na condução do fluxo turístico programado, está sendo concedido a Foz do Iguaçu, condições de igualdade com as outras regiões turísticas do nosso país. ..."

### **A realidade de ontem é a realidade de hoje**

Passados quase 23 anos após o 1º Seminário sobre Turismo de Foz do Iguaçu, a maioria das propostas continua presente e ainda não contemplada. Veja a seguir a íntegra das propostas aprovadas na Assembléia Geral do dia 29 de agosto de 1980.

"1. Potencialidade do Pólo Cataratas do Iguaçu. Inclusão no Plano Diretor de Turismo, a ser elaborado pela Secretaria de Estado da Indústria e do Comércio, através da Fundação Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - Iparides.b. Definição da participação das entidades públicas, tanto na esfera federal, como estadual, em todas as recomendações do seminário, visando um plano de ação imediato, face à





desmobilização da obra de Itaipu.c. Criação da Secretaria Municipal de Turismo.d. Construção de um ramal da Ferrovia da Soja, ligando Cascavel a Foz do Iguaçu.e. Diversificação da concessão de financiamentos, atentando para as características e necessidades de apoio aos empreendimentos enquadrados na Legislação Turística vigente, objetivando a complementação dos equipamentos turísticos municipais ou regionais, o aproveitamento de mão-de-obra do próprio local, em atividades turísticas, visando finalmente, a geração de divisas.f. Financiamento através da Empresa Paranaense de Turismo PARANATUR, de estudos de viabilidade para criação do Parque Turístico da Estrada das Cataratas e do Rio Iguaçu, na área do Parque Nacional, para ser encaminhado ao Congresso Nacional.g. Maior participação dos órgãos diretamente ligados ao desenvolvimento nacional ou estadual e, em particular, ao Turismo, como: Empresa Brasileira de Turismo - Embratur, Empresa Paranaense de Turismo - Paratur, Banco de Desenvolvimento do Paraná S/A - Badep, Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE.1.1 Infra-estrutura hoteleira. Implantação de circuito turístico, iniciando pelo Norte do Estado, atingindo Foz do Iguaçu e retornando por Curitiba.b. Fortalecimento da rede hoteleira, abrangida pelo circuito, mediante a concessão de recursos para a adequação à demanda geral, além de identificação da tendência a médio e longo prazo.c. Atendimento, a nível de programa, às estâncias hidrominerais do Paraná, situadas no roteiro.1.2 Atrativos Turísticos do Parque Nacional do Iguaçu. Levantamento de in-

formações arqueológicas na área do parque, próximo a área de visitação, através de expedição científica, visando a sua identificação para posterior visitação, através de expedições culturais de interesse arqueológico.b. Apresentação dos originais ou painéis fotográficos dos documentos históricos sobre a área do Parque Nacional do Iguaçu, desde a sua fundação.c. Valorização das construções de aspectos arquitetônicos neocolonial, como o Hotel das Cataratas, Museu da História Natural e residência oficial do Parque Nacional (Casa de Hóspedes).d. Reabertura a visitação da Usina Hidrelétrica do Parque, inaugurada em 02/05/1942 bem como as duas represas de captação do rio São João, como museu vivo pois durante 11 (onze) anos foi a responsável pelo abastecimento energético da cidade de Foz do Iguaçu.e. Reaproveitamento dos antigos portos existentes no Rio Iguaçu e localizados dentro da área do Parque. Exemplo: Porto do Macuco e Poço Preto, antigo posto de pescaria para visitação pela selva ou pelo rio.f. Identificação natural e fotográfica dos principais exemplares da fauna e flora de toda a região do Parque, com informações biológicas e botânicas, a serem exibidas na sede do museu, que deverá ocupar totalmente o referido prédio.g. Apresentação da lenda Naipi e Tarobá, num mural artístico próximo às Cataratas.h. Montagem de um roteiro de visitação turística do Parque Nacional, compreendendo os equipamentos apresentados ou a serem identificados para serem entregues ao turista e servindo de instrumento de trabalho dos guias.i. Coordenação deste roteiro com pontos de observação, desde o portão de acesso ao Parque Nacional, até a passarela dos saltos.j. Valorização de outros tipos de transporte, tais como: bicicleta/trenzinho, etc, ao longo da rodovia das Cataratas do Iguaçu pela implantação de um sistema de vias especiais (Ciclovias, etc) após estudo detalhado.l. Estudo da definição de um plano global de revitalização da área das Cataratas, através da implantação coerente de equipamentos de interesse turístico, sem perturbação do sistema ecológico.m. transferência à Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, para repasse específico à Cia. Melhoramentos nas Cataratas do Iguaçu, de uma sobre-taxa de 30% do valor cobrado por visitante, na entrada do Parque Nacional.n. A limitação de ampliação do Hotel das Cataratas ou se permitida, fato contrariante às normas que regem a utilização do Parque Nacional, que o seja mediante concorrência pública, bem como a participação de outras empresas e empresários a concessão de mais equipamentos hoteleiros no interior daquela reserva florestal, em condições idênticas às gozadas pela concessionária atual."

**Essa era uma das metas para o seminário e a íntegra chegou ao IBDF (hoje Ibama), que mandou um "laranja" para torpedear a proposta sob a alegação de que o PNI não podia abrir mão de sua receita, porque sustentava outros parques que não auferiam lucros**

**Chico de Alencar é jornalista**



"Eu dou um exemplo: numa delegacia que tem 100 policiais, normalmente temos uns 60% trabalhando na área administrativa"



por Zé Beto Maciel

## Policial federal liga corrupção a inquérito policial

**O** secretário-geral do Sindicato dos Policiais Federais do Paraná (Sinpef-PR), Adão Luís Souza Almeida, 50, concorda com o advogado Oswaldo Loureiro quanto à avaliação da Operação Sucuri na qual 20 policiais federais foram presos e estão sendo acusados por formação de quadrilha e facilitação ao contrabando.

Para Adão Almeida, a operação foi legítima e legal, mas que poderia ser feita de forma mais simples, sem show, nem despesa. "Não precisava nada disso, inclusive dessa despesa toda que envolveu mais de 100 policiais, avião da Força Aérea..".

Em entrevista à *Cabeza*, Almeida discorre sobre as propostas que o Sinpef encaminhou para a modernização na PF. A principal delas é a criação do cargo único na instituição e também da atuação dos policiais federais na Ponte da Amizade.

"O sindicato sempre considerou que a maior parte das tarefas na Ponte da Amizade não passa de desvio de função". Leia a seguir, os principais trechos da entrevista.

**Cabeza** - Como é que está a situação dos policiais federais presos e envolvidos em acusações de crimes cometidos na Ponte da Amizade?

**Adão Almeida** - O sindicato está se limitando a garantir os direitos de seus associados. Sabemos pouco a respeito desse inquérito porque está correndo sobre segredo da Justiça. O que sabemos, sabemos pelo que é divulgado pela imprensa.

**Cabeza** - O advogado de alguns dos acusados chegou a afirmar que as prisões, de certa forma, foram arbitrárias e que a operação pareceu mais um show para a mídia. O senhor concorda com essas afirmações?

**Almeida** - Podemos dizer que a operação foi legítima porque foi acompanhado pela Justiça e pelo Ministério Público Federal. Agora, a operação poderia ser feita de outra forma, mais simples. Aí eu concordo que realmente houve um show



e todo aqui ali foi desnecessário. Eu dou exemplo, a qualquer hora do dia, somos convocados para uma operação e temos de estar presentes na delegacia. A operação poderia convocar os agentes supostamente envolvidos nas acusações e efetuar as diligências necessárias sem toda aquela parafernália.

**Cabeza - Não precisava do show...**

**Almeida** - Não precisava nada disso, inclusive dessa despesa toda que envolveu mais de 100 policiais, avião da Força Aérea, homens armados com fuzis e metralhadoras com silenciadores, o comando de operações táticas, etc. E eu faço uma pergunta como cidadão à Polícia Federal: Quanto custou essa operação? Porque acho que foi desnecessária. Eu não estou dizendo que o sindicato defende a impunidade, pelo contrário, temos inúmeras propostas dos sindicatos e da federação para combater a corrupção. E quando eu estou falando do sindicato e da federação, estou falando da totalidade dos policiais federais que representamos, inclusive os delegados.

**Cabeza - Essa situação da Polícia Federal na cabeceira da Ponte da Amizade não é peculiar, não há desvio de função na atuação dos policiais federais naquela região?**

**Almeida** - O sindicato sempre considerou que a maior parte das tarefas na Ponte da Amizade não passa de desvio de função. A atividade da PF é produção de provas, é a investigação, isso se faz muito pouco. Os policiais (na Ponte da Amizade) ficam nas condição de um vigilante e eu acho que é muito caro para sociedade brasileira pagar o salário de um policial federal para ele ser um simples vigilante ostensivo com colete identificado.

**Cabeza - Mas a situação da Ponte da Amizade não requer a atuação da PF?**

**Almeida** - Compreendo que a situação da Ponte da Amizade, com a criminalidade muito grande, trânsito de estrangeiros, é um lugar muito difícil de fiscalizar. Agora, a Polícia Federal não deveria, de forma alguma, se meter em vistoria de veículos, de mercadorias, porque a lei é muito clara, a responsabilidade de fiscalização na zona primária é da Receita Federal. Então, quando estamos vistoriando veículos na ponte, estamos auxiliando a Receita Federal.

**Cabeza - Os sindicatos e a federação dos policiais federais estão discutindo há tempo a criação do cargo único na carreira da PF, isto é, uma reestruturação que termina com a função do delegado, como está encaminhada essa questão no governo federal?**



**Almeida** - Está muito bem encaminhada e eu acredito que nesse governo as coisas devem andar mais rápido. A Polícia Federal tem sido uma vanguarda na modernização. Nós temos vários delegados comandando a PF sem experiência nenhuma e se criarmos o cargo único, o policial federal vai entrar no nível zero e pode chegar no nível 20 com condições de chefiar uma seção, divisão, superintendência, delegacia, etc.. As únicas funções do delegado é chefiar uma delegacia e presidir os inquéritos.

**Cabeza - Essa discussão já está avançada no Ministério da Justiça, e a proposta do governo Lula em criar mais três mil vagas na PF?**

**Almeida** - É uma boa proposta e só esperamos que não se crie, é uma proposta dos delegados, 500 vagas para cargos de delegados e 500 para os de perito. Nós queremos uma carreira de cargo único da Polícia Federal, o do policial federal.

**Cabeza - Recentemente, a Folha de São Paulo publicou uma reportagem na qual expõe um plano de ação da Polícia Federal para os próximos quatro anos. O interessante é que as principais prioridades são as de combate ao MST, Farc e a criação de um estado indígena na Amazônia. O sindicato conhece a proposta e qual é posição sobre as prioridades?**

**Almeida** - São ridículas. Isso mostra que a cúpula da Polícia Federal e pelo menos quem dirigiu a PF recentemente - esse plano foi aprovado em

**"Eu acho que é um grande passo (o fim do inquérito) para combater a corrupção"**

**"A população está querendo da PF é segurança pública, investigação e o combate ao crime organizado, ao narcotráfico, ao tráfico de armas. É isso que a sociedade brasileira espera da PF"**



dezembro passado - não conhece as funções constitucionais da PF. É triste até de ver a sociedade brasileira acreditar que a Polícia Federal deve combater o MST, as Farc. A população está querendo da PF é segurança pública, investigação e o combate ao crime organizado, ao narcotráfico, ao tráfico de armas. É isso que a sociedade brasileira espera da PF.

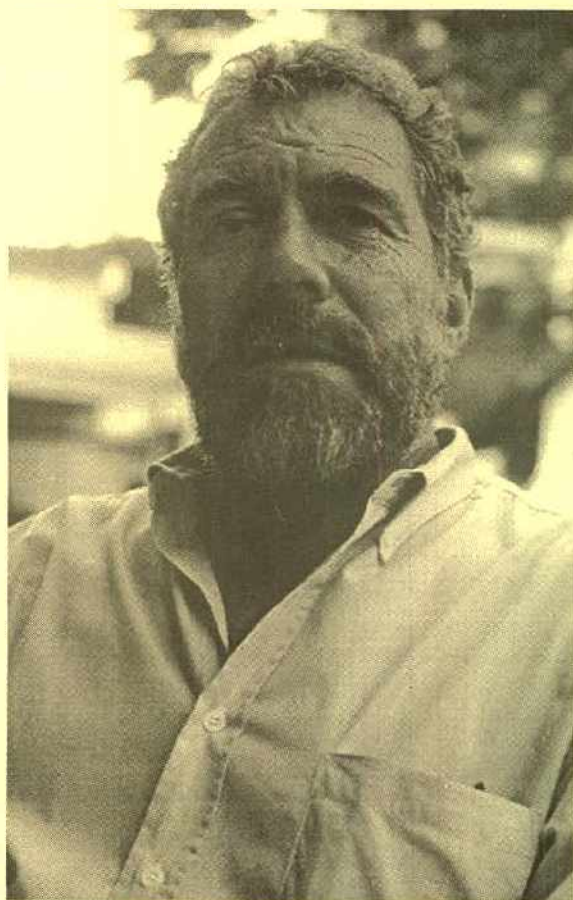
**Cabeza - Voltando à criação do cargo único, ele termina com o inquérito policial, uma proposta que o sindicato também defende?**

**Almeida** - É uma proposta (o fim do inquérito policial) paralela à criação do cargo único. O papel do delegado federal, como já disse, além de chefiar as delegacias, de presidir os inquéritos policiais. Algumas chefias das delegacias são ocupadas com competência e experiência, outras com incompetência e inexperiência. Esse é um grande problema na Polícia Federal. Uma coisa é ser administrador de uma delegacia e outra bem diferente é de chefia da polícia, aquela que dirige as operações policiais, investigação, etc. Esse chefe (o de polícia) não pode estar preocupado com o cliques, com a conta de gasolina, com a despesa de papel. Então, nós temos hoje um administrador, ele é delegado que também é chefe de polícia. Eu sou a favor de se contratar um administrador público para cuidar da parte material, do departamento pessoal e de um chefe de polícia. Agora esse chefe de polícia, tem de ser do cargo único, um chefe de polícia tem de ter experiência policial.

**Cabeza - Em entrevistas, juízes como Jorge Antônio Maurique, o jurista Renê Dotti e procurador da República, Luiz Francisco de Souza, afirmam que se não se acabar com inquérito policial não se acaba com a corrupção. Como o sindicato, avalia afirmações desse tipo?**

**Almeida** - Eu acho que é um grande passo (o fim do inquérito) para combater a corrupção. O problema do inquérito policial é que uma equipe de dois ou três policiais passa dois anos investigando e depois tem de passar tudo aquilo que foi apurado para um delegado que vai presidir o inquérito. Aí, o delegado vai dizer se indícia ou não a pessoa envolvida na investigação. E eu pergunto: Para que vale o indiciamento, além de constrianger pessoas? Não tem valor nenhum porque a ação penal se inicia quando chega na mão do procurador, do Ministério Público. Antes disso, não tem valor, exceto a investigação.

**Cabeza - Se fala muito na interferência norte-americana na Polícia Federal, mas o modelo norte-americano de investigação, do FBI (a Polícia Federal dos EUA), é exemplar. Por que**



**a Polícia Federal não adota esse sistema no qual o agente é responsável pela investigação e também encaminha a conclusão do seu relatório direto ao juiz?**

**Almeida** - Olha, essa é uma ótima pergunta. Realmente temos de copiar o que existe de bom no FBI. Ninguém tem dúvida que é uma grande polícia, mas que a estrutura da FBI é exatamente o oposto a da nossa e isso os cabeças-duras que comandam a Polícia Federal não perceberam ainda. No FBI, 70% dos funcionários não são policiais, somente 30% são policiais. Agora, os policiais são só policiais, os outros têm vários cargos: administrativos, especialistas, etc.

Eu dou um exemplo: numa delegacia que tem 100 policiais, normalmente temos uns 60% trabalhando na área administrativa. Isso é muito caro ao país e é por isso que a polícia é inoperante porque temos muito pouca gente fazendo investigação. Desses 100 que exemplifiquei, vão sobrar uma meia dúzia para fazer investigação e o resto está cuidando da confecção de passaporte, são digitadores, escrevão-digitador e se ocupam de todo o trabalho administrativo.

Enquanto a gente não tiver o cargo único e bastante funcionários administrativos, a polícia vai ser inoperante. Precisamos de bastante policial na sua atividade, investigando. E o que a gente tem hoje é muito desvio de função.

**Zé Beto Maciel é jornalista**



**"Temos de fazer um Mercosul democrático, participativo. É esse Mercosul que nossas populações querem", defende Lula**

## **Pólo Iguazú pode atrair Parlamento do Mercosul**

Por Zé Beto Maciel



**As propostas defendidas por Lula são as mesmas já elencadas pelo PT de Foz, pelo prefeito Sâmis da Silva (PMDB) e por uma parcela de empresários**

Luiz Inácio Lula da Silva voltou a defender, no último 19 em Assunção, a implantação do Parlamento do Mercosul. "Sei que não é simples, mas é hora de os países começarem a pensar nisso. Temos de fazer um Mercosul democrático, participativo. É esse Mercosul que nossas populações querem", enfatizou o presidente brasileiro.

Lula defendeu o fortalecimento de uma agenda política, social e cultural, para "dar uma dimensão humana ao bloco". "Não podemos permitir que a burocracia, meramente técnica ou econômica, se sobreponha aos êxitos do maior projeto político estratégico do qual participamos".

A proposta de Lula já tem apoio de Néstor Kirchner (Argentina), Jorge Batlle (Uruguai) e de Nicanor Duarte Flores (presidente eleito do Paraguai), além da Bolívia, Chile e Venezuela. Antes da 24ª Cúpula de Assunção, Lula e Kirchner acertaram durante a visita do argentino ao Brasil ainda em junho, a criação dos institutos monetário, social e do parlamento.

"O processo de integração política é tão importante quanto o de integração econômica", disse Kirchner na ocasião. "Esta é a mais extraordinária possibilidade de tornar essa integração efetiva e real", concluiu Lula.





Os presidentes do Mercosul vão se reunir, de forma extraordinária, em 60 dias, para "aprofundar" os estudos sobre o "Objetivo 2006" - o da viabilidade da criação do parlamento.

**Encontros** - As propostas defendidas por Lula são as mesmas já elencadas pelo PT de Foz, pelo prefeito Sâmis da Silva (PMDB) e por uma parcela de empresários. O presidente as recebeu na sua passagem por Foz durante a campanha eleitoral em agosto de 2002. Nelas constam a criação do Parlamento do Mercosul, a instalação de representação do Ministério das Relações Exteriores, a construção da segunda ponte entre o Brasil e o Paraguai, a consolidação do Pólo Internacional do Iguassu, a implantação de centros de recepção de brasiguaios e ainda as econômicas: revisão da integração aduaneira, adoção de cota de compras de US\$ 500, incentivos à exportação e implantação de um regime especial para minimizar a crise fronteiriça.

Desde que Lula assumiu em janeiro, o PT local encaminhou o mesmo documento ao ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim. Junto ao documento, o empresário Fouad Fakhri detalhou as questões econômicas, em especial, a malfadada integração aduaneira que evidenciou a cobrança de tributos sobre as vendas de balcão.

Amorim determinou ao cônsul brasileiro em Ciudad del Este, Antônio Resende de Castro, que detalhasse parte da proposta e que se criasse um grupo de estudos. Em seguida, o embaixador Samuel Guimarães, secretário-executivo do MRE, conversou sobre os entraves e as propostas com o PT de Foz e um grupo de empresários. As conversas se seguiram em maio, agora com o embaixador Luiz Felipe de Macedo Soares, recém-

nomeado subsecretário do MRE para Assuntos da América do Sul.

Os empresários que participaram dos encontros se impressionaram com o canal de comunicação estabelecido entre o governo federal e a comunidade da região trinacional. "O que faltava era exatamente isso. Um canal de comunicação. Não se pode tomar qualquer medida sem que, pelo menos, a comunidade seja ouvida, exponha a sua opinião", frisou Fouad Fakhri.

**Parlamento** - As propostas, de certa forma, estão caminhando de forma célere, confirmadas nas exposições públicas de Lula e Kirchner sobre a instituição da moeda, de políticas sociais conjuntas e do parlamento. E também das séries de reuniões e encontros em Foz do Iguaçu.

A instalação do parlamento, por exemplo, já foi pleiteada por Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu. "Foz tem todas as características e reúne todas as condições de sediar esse parlamento, não só no tocante a infra-estrutura urbana e operacional, localização geográfica, como também por se tratar de uma tríplice fronteira", defende o presidente do PT, José Elias Aiex Neto.

Na campanha argentina estão o prefeito de Iguazú, Timoteo Llera, o presidente do Concejo Deliberante (Câmara de Vereadores) de Iguazú, Hugo Benitez, o senador Ramón Puerta e o ex-senador Hector Velázquez. Também se manifestaram favoráveis a Câmara de Comércio e Indústrias, a Câmara de Turismo e a Emturi - a entidade municipal do turismo argentino.

Os argentinos também sustentam que Iguazú, além da localização geográfica, é a cidade

**São 772.389  
pessoas que  
vivem num raio  
de 20  
quilômetros  
nas cinco  
cidades da  
tríplice  
fronteira**



ideal porque oferece uma ampla rede hoteleira, com quatro hotéis cinco estrelas, com 1,2 mil leitos. A cidade possui um amplo e moderno aeroporto internacional e um grande sistema de segurança com forças policiais provinciais e federais, além de militares das três forças armadas.

Outro argumento argentino é a disponibilidade de extensas áreas de terras públicas. A província de Misiones tem 600 hectares e o município de Puerto Iguazú, por sua vez, tem 2 mil hectares.

"Que seja na fronteira trinacional. Se for em Foz, melhor. Mas se Puerto Iguazú ou mesmo Ciudad del Este, reunirem condições, a região como um todo também será atendida", defende Fakih.

Fouad Fakih pode ter razão. A tríplice fronteira é formada por cinco cidades: uma na Argentina (Puerto Iguazú), quatro no Paraguai (Ciudad del Este, Presidente Franco, Hernandárias e Minga Guazú) e uma no Brasil (Foz do Iguaçu). São 772.389 pessoas que vivem num raio de 20 quilômetros.

Isso sem contar as cidades brasileiras de Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu e Medianeira. Cidades próximas a Foz - entre 10 e 40 quilômetros - com uma população de 80.627 moradores - o que dá um total 853.106 pessoas.

Os dados são do Indec (Instituto Nacional de Estadísticas y Censos) da Argentina, do IBGE no Brasil e da Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (DGEEC) do Paraguai.

**Poló Iguassu** - Na outra proposta, sobre políticas sociais conjuntas, Lula reafirmou a necessidade do estreitamento das relações entre os governos regionais para projetos sociais. Na avaliação de Lula, a fome, a pobreza e a deterioração social representam problemas comuns para países do Cone Sul.

"O processo de construção do mercado comum não poderá ser, exclusivamente, dos governos e dos setores empresariais interessados nas vantagens da maior liberalização comercial na região", defendeu.

Nesse propósito, há tempos que o empresário Faisal Saleh defende a implantação imediata do área geográfica denominada "Pólo Turístico Internacional Iguassu", previsto pela resolução 41/97 do GMC. A volta das RETs (Reuniões Especializadas em Turismo) devem oficializar o pólo e sua área de abrangência. A volta das RETs aconteceu nesse final de junho em Brasília.

O pólo é formado pelas cidades de Puerto Iguazú, Puerto Libertad, Puerto Esperanza e Wanda, na Argentina; Foz do Iguaçu, no Brasil; e por Ciudad del Este, Hernandárias, Presidente Franco e Minga Guazú, Paraguai. E tem como seu principal

objetivo criar um destino único para o turismo internacional e interno.

O PT defendeu no seu documento entregue a Lula, acordado com Saleh, a ampliação do foco de atuação do pólo para áreas como saúde, cultura e meio ambiente e no desenvolvimento de projetos estratégicos para tríplice fronteira.

O pólo, segundo os petistas, deve servir também para a consolidação de bases técnicas para a integração e o aprofundamento de programas que visam a melhoria da qualidade de vida da população da região.

Entre as propostas, a Itaipu Binacional já está levando a implantação do Parque Tecnológico de Itaipu que pode absorver toda a discussão a respeito dos problemas da tríplice fronteira e da integração latino-americana.

O pólo pode ser utilizado ainda como um *campus* avançado para estágios de faculdades e cursos nas áreas de saúde, meio ambiente, história, cultura, comércio. Através de convênio, com diversos órgãos, as cidades poderão oferecer hospedagem e alimentação para os estagiários.

"Através do pólo, poderemos implementar acordos sanitários entre os três países no sentido de garantir ações de saúde preventiva, vigilância sanitária e epidemiológica nas nove cidades e desta forma enfrentarmos os desafios de combate à aids, DSTs, dengue, febre amarela, malária, leishmaniose, tuberculose, hanseníase e a imunização de doenças transmissíveis", defende a médica Marli Bernardes, que participou da elaboração do documento.

A médica aponta ainda que podem ser desenvolvidas ações integradas de saneamento básico, meio ambiente, educação, cultura, envolvendo universidades públicas e privadas para atendimento das comunidades ao longo das nove cidades que integram o pólo.

"Também devemos implementar centros de formação de recursos humanos, que terão atuação itinerante, em convênio com universidades e ministérios da Saúde dos três países, para capacitação de pessoal direcionado ao Programa de Saúde da Família e Programa de Agentes Comunitários para atuarem em ações de vigilância sanitária, epidemiológica e de programas de educação ambiental", diz.

Este centro, segundo Marli Bernardes, incentivará a participação de jovens e profissionais, oferecendo bolsas de estudos, para fomentar os programas em parcerias com as cidades do pólo. "Os convênios podem empregar, de imediato, agentes comunitários e técnicos em saúde pública, de nível médio e superior, garantindo a melhoria dos níveis de emprego, de condições da saúde, saneamento e meio ambiente na região".

**O PT defende a ampliação do foco de atuação do pólo para áreas como saúde, cultura e meio ambiente e no desenvolvimento de projetos estratégicos**



# A implantação do Mercosul

Por Jupy Noronha

O Mercosul, que objetiva a integração entre países situados no Cone Sul da América do Sul, utilizou como estratégia para a sua implantação a centralização das decisões nos governos centrais e, através da divulgação dessas decisões, difunde informações e incentiva os grandes empresários a implementar o comércio intrarregional.

Nas fronteiras, que deveriam ser a linha de frente dessa integração, o aumento do comércio regional se reflete tão somente na passagem de veículos transportadores de mercadorias importadas e exportadas, muito pouco acrescentando à economia local. A atividade comercial na fronteira, na verdade, foi penalizada pela implantação de novos controles aduaneiros integrados, principalmente na fronteira Foz do Iguaçu/Ciudad del Este, posto que provocou drástica redução do valor das transações comerciais locais, estimada em mais de 90%.

A legislação que rege a entrada no país de mercadorias originadas dos demais países do Mercosul, mantém todos os rigores de controle estabelecidos para uma importação comum, procedente de terceiros países. A única diferença é que essas mercadorias importadas têm alíquota zero de imposto de importação, e, assim mesmo, somente se for comprovado, através de certificado de origem, que a mercadoria importada é, efetivamente, originada do país vizinho.

Dentro deste contexto, seria conveniente considerar a hipótese de se incluir, na legislação comum do Mercosul ou, paulatinamente, através de acordos bilaterais, o estabelecimento de normas que disciplinassem a possibilidade de utilização de

despachos aduaneiros simplificados para o comércio fronteiriço, realizado através de pontos de fronteira alfandegados, condicionado à que as mercadorias submetidas a despacho sejam originadas do país vizinho.

Esse tipo de despacho estaria limitado a um valor a ser determinado. Cabe lembrar que a legislação brasileira estabelece o valor de US\$ 2 mil para a saída do território nacional, de mercadorias admitidas no mercado interno. Ocorre que a venda de mercadorias nessas condições não é considerada exportação e, em razão de estar onerada com tributos internos, perde competitividade perante as mercadorias importadas do Brasil, diretamente da indústria. A manutenção desse valor é considerada razoável, desde que as mercadorias vendidas possam ser consideradas exportadas, através de despacho de exportação simplificado. (Ver Instrução Normativa da Secretaria da Receita Federal nº 118, de 10/11/92).

O fluxo de comércio nessas condições deveria ocorrer nos dois sentidos. Essa simplificação implicaria aplicação de alíquota "zero" do imposto de importação, independentemente de certificado de origem, para mercadorias relacionadas em listas previamente disponibilizadas pelas autoridades competentes de cada país, quando adquiridas por estabelecimentos localizados em faixa de fronteira.

Além disso, os tributos internos incidentes sobre a importação dessas mercadorias seriam calculados mediante a aplicação de alíquota única. Como se sabe, os comerciantes de fronteira, via de regra, não têm o mesmo preparo administrativo dos importadores e exportadores localizados nos grandes centros. Com essa simplificação passariam a ter a certeza de que a importação de mercadorias originadas de país vizinho, até determinado valor, seria submetida, através de despacho aduaneiro simplificado, apenas à tributação interna, representada por um percentual previamente estabelecido. Igualmente, entende-se ser também conveniente que viajantes pudessem entrar no país, através de pontos de fronteira alfandegados, trazendo em sua bagagem acompanhada, mercadorias originadas do país vizinho, com limite de isenção a ser definido, desde que tais mercadorias estivessem relacionadas na lista que atesta a origem, referida no parágrafo anterior. Cabe lembrar que o limite de isenção para viajantes brasileiros que ingressam no país através de portos ou aeroportos internacionais, é de US\$ 500, valor este já estabelecido na legislação brasileira.

Jupy Noronha é técnico tributarista

**A atividade comercial na fronteira, na verdade, foi penalizada pela implantação de novos controles aduaneiros integrados**

INSTRUÇÃO NORMATIVA nº 118, de 10 de novembro de 1992  
D.O.U. de 12/11/92

Dispõe sobre a saída, do Território Nacional, de Bens Adquiridos no Mercado Interno.

O SECRETÁRIO DA RECEITA FEDERAL, no uso de suas atribuições, tendo em vista o disposto no Decreto nº 99.179, de 15 de março de 1990, que instituiu o Programa de Desregulamentação, resolve:

Art. 1º - As unidades da Secretaria da Receita Federal deverão permitir a saída do território nacional, mediante apresentação da Nota Fiscal respectiva, de mercadorias nacionais adquiridas no mercado interno.

I) que se comportem no limite de valor equivalente a US\$ 2.000,00 (dois mil dólares dos Estados Unidos) e, se em valor superior, não revelem destinação comercial;

II) que não estejam sujeitas a controles específicos de outros órgãos da administração pública;

III) cuja exportação não se subordine ao regime de cota ou contingenciamento.

(\*) 1º - Fica excluída, da restrição indicada no inciso II, a saída do país de açúcar, de qualquer tipo, quando destinada a países limítrofes, desde que se comporte no limite de valor equivalente a até US\$ 250,00 (duzentos e cinquenta dólares dos Estados Unidos) semanais.

(\*) 2º - O volume do produto que deixar o país nas condições autorizadas no parágrafo anterior deverá ser informado, pelas repartições aduaneiras que jurisdicionam os locais de saída do país, à Coordenação-Geral do Sistema de Controle Aduaneiro, na conformidade do quadro em anexo;

Art. 2º - A saída de mercadoria para o exterior, na forma do artigo anterior, não gera, para o vendedor, direito à isenção de tributos, nem a incentivos fiscais, a qualquer título;

Art. 3º - Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação;

Art. 4º - Ficam revogadas as Instruções Normativas SRF nºs 45, de 17 de maio de 1983, 87, de 21 de junho de 1986, 5, de 12 de janeiro de 1988 e 52, de 19 de maio de 1989.

Em 10 de novembro de 1992.





Dizer que o mercado da poesia está restrito é "chover no molhado". Livros desse gênero ganham camadas e mais camadas de poeira nas estantes das livrarias. Aliás, "poeira" e "poesia" parecem ser palavras-irmãs. Os mais afoitos se arvoram em afirmar que, seguindo esse caminho, em alguns anos o gênero tende a desaparecer. Mas quem disse que esse caminho não tem volta?

# Quem tem medo de poesia?

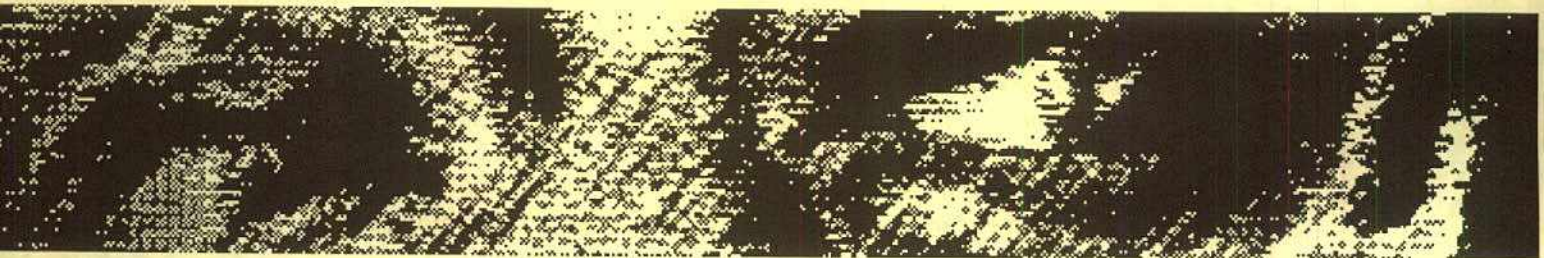
Por Carlos Luz

Em recente experiência, o projeto "mínimas poéticas" levou até as escolas do ensino médio e faculdades de Foz do Iguaçu a discussão sobre os caminhos e descaminhos da poesia. Entre outras atividades, uma palestra-oficina levantou as várias dificuldades que a poesia enfrenta para se tornar um hábito das pessoas. Pelo contrário, ela está cada vez mais escassa no cotidiano da vida contemporânea.

Entre os fatores que contribuem para isso estão a falta de hábito da leitura em geral, o entretenimento fácil com o advento da mídia eletrônica sistema, o preço elevado do livro, a concep-

ção errada de que a poesia ainda é apenas lírica, a forma de se ministrar as aulas de literatura, transformando a poesia em uma matéria escolar. A esses fatores, se juntam outros dois: por um lado, com as inúmeras edições independentes, o derrame de obras mal-acabadas, sem nenhum critério de edição e, por outro, com a restrições das editoras ao gênero poético, as obras escritas mais para a crítica literária acadêmica do que para o público leitor comum e mortal.

Em nenhum momento, porém, não sei se verdadeiramente ou apenas para não prolongar a conversa, foi levantado o fator de a poesia ser





# poesia

## poesia



**Antes de tudo, o poeta deve assumir sua condição de poeta. Não como diletante, mas como profissional. Deve encarar a poesia não como passatempo, mas como ofício**

um segmento artístico em decadência ou sem sentido. A maioria das pessoas vê sentido na "arte de escrever versos", mas um fato curioso é que, em muitas oficinas, a palavra "complicada" foi usada pelos jovens para definir a poesia.

Várias são as manifestações poéticas através de outros meios que não seja o livro propriamente dito, como em jornais, revistas, camisetas, cartazes, muros, cartões-postais, *internet*, entre outros. Isso se deve ao fato de que a poesia é inerente ao homem, como qualquer outra manifestação artística. E mais, ela é a forma de linguagem mais aprimorada que o ser humano conseguiu desenvolver, por isso, enquanto existir a espécie humana, a poesia fará parte de seu mundo.

Mas, esses meios "alternativos" apenas divulgam a poesia. Para o mercado, um fator é predominante: o livro de poesia, se tornando um produto, deve dar retorno financeiro. O que não acontece, quase sem exceções, com esse gênero da literatura.

**Pensar é perigoso** - Todos os fatores levantados para tentar explicar o baixo consumo de poesia em nossos dias, são fatores ligados ao hábito da leitura de uma forma geral. No entanto, o gênero prosa ainda cativa uma parcela, apesar de pequena, do público leitor. Por que isso acontece? Esta foi uma das perguntas lançadas durante as oficinas e a resposta foi quase sempre a mesma: "Ela é mais complicada!".

A prosa, enquanto gênero literário, tem a vantagem de poder ser encarada também como en-

tretenimento. O romance, o conto e a crônica, por mais artifícios e figuras de linguagem que usem, por mais complexos que sejam os textos, possuem enredo, lógica temporal, personagens e contam com o envolvimento do leitor com a trama. Vantagem não oferecida pelos versos. Que fique claro que essa vantagem não interfere na avaliação do valor artístico da obra literária escrita em prosa. O gênero continua lançando no mercado algumas obras ótimas e outras pavorosas.

*A palavra "complicada", tão usada pelos estudantes durante as oficinas, se reveste do conceito de "complexa, de difícil interpretação". E esse é justamente o entrave que a poesia enfrenta nos dias modernos. No atual sistema social, econômico e político não há espaço para complexidades, interpretações, interrogações e coisas desse tipo. Vivemos a época do descartável, do fast food, da loucura da linha de produção. "Nós produzimos pra consumir, ou consumimos pra produzir?". É difícil responder a essa pergunta.*

Na indústria cultural, isso não é diferente. O produto cultural, o artístico e o de entretenimento se confundem cada vez mais e, na linha de produção dos descartáveis, a poesia não encontra espaço.

O ato de pensar, interpretar, avaliar, aprimorar o senso crítico, ameaça de morte o atual sistema que tende, numa atitude de autodefesa, desestimular o seu consumo. Uma das leis do capitalismo é a "lei da oferta e da procura", ou seja, quanto maior a procura por um determina-



# poesia na poesia



do produto, mais ele será ofertado. Mas, nas entrelinhas dessa lei, o sistema pode eleger certas procuras, principalmente através dos veículos de comunicação de massa, e descartar outras. A poesia está entre as procuras descartadas e, portanto, ofertadas cada vez mais timidamente pelo mercado.

**O papel do poeta** - Nessa situação, qual seria o papel do poeta? Aceitar a situação, continuar a escrever versos para guardá-los nas gavetas? Sair batendo de porta em porta, procurando um mecenas, publicar livros independentes e transformar-se em camelo? Conhecer a filha de um editor e casar-se com ela? Talvez sejam opções individuais, mas não são as que mudarão esse quadro poético adverso.

Antes de tudo, o poeta deve assumir sua condição de poeta. Não como diletante, mas como profissional. Deve encarar a poesia não como passatempo, mas como ofício. Quantos dos que se dizem poetas, ao responder à pergunta "profissão?", têm a ousadia de responder "poeta! ". Poucos, exatamente porque não sentem verdadeiramente que a poesia pode ser encarada por alguém como realização profissional.

Em um de seus poemas, Cassiano Ricardo define bem o desafio dos poetas: "Que é um poeta? / Um homem / Que trabalha o poema / Com o suor do seu rosto / Um homem / Que tem fome / Como qualquer outro / homem". É justamente esse o fazer do poeta que pretenda a profissão: o suor, o trabalho para se aperfeiçoar. Nesse fazer se inclui o ato de estudar, de conhecer a

língua, as formas e escolas poéticas, as figuras de linguagem, de ler e reler, de escrever e reescrever quantas vezes forem necessárias. Tudo isso tendo de cumprir uma dupla jornada de trabalho, antes de se profissionalizar enquanto poeta.

Assim, o livro de poesia não pode ter somente o caráter de um amontoado de poemas amarelados, engavetados durante anos, que foram reunidos em uma brochura, numa produção independente, para satisfazer o próprio ego.

Leitores propensos ao consumo da poesia se espalham pelos quatro cantos do território nacional, formando uma teia quase que invisível, mas de extensão proporcional ao tamanho do país. Atingir esses consumidores não é tarefa fácil, principalmente quando se tem de ultrapassar a barreira mítica de que a poesia é escrita e deve ser consumida por pessoas iluminadas, mas parece ser a única saída para a formação de um mercado consistente e rentável para a poesia, enquanto "produto artístico" e não apenas enquanto uma das "belas artes".

Isso também vale para os "escrevedores de versos" que se disseminam por todo o Brasil e que não lêem poesia. Se pretensos poetas não se tornarem consumidores de poesia, quem se tornará? Deixem o "medo de poesia" para os senhores que controlam a ordem imposta.

**Leitores propensos ao consumo da poesia se espalham pelos quatro cantos do território nacional, formando uma teia quase que invisível, mas de extensão proporcional ao tamanho do país**

---

**Carlos Luz** é poeta, ainda não profissional





# Mercosul:

## Espaço de Política Ativa

Por Marco Aurélio Garcia

**A** história do Brasil no pós 1930 deu particular destaque à política externa seguida pelos governos que até os anos 80 conduziram a extraordinária aventura desenvolvimentista que fez do país uma das maiores economias industriais do mundo.

Concentrador de renda e de poder, o modelo seguido durante aquele meio século buscou, no entanto, tirar proveito das sucessivas conjunturas internacionais. Tentou assegurar cotas necessárias de soberania para a construção de um projeto de desenvolvimento que sofreu recorrentemente a tentação da autarquia.

O intento dos militares de empurrar a industrialização substitutiva de importações às últimas consequências, sobretudo durante o governo Geisel, levou-os a apropriar-se da antiga "Política Externa Independente", de inspiração terceiro-mundista, rebatizando-a com o codinome de "Pragmatismo Responsável", e despidendo-a de sua retórica esquerdista.

A crise do desenvolvimentismo mergulhou o país na década de 80 em uma grande efervescência social e política, nem sempre acompanhada por uma reflexão que ajudasse na construção de novas alternativas.

As complexas e vertiginosas mudanças do contexto internacional, somadas ao esgotamento do modelo anterior, conduziram o país às opções conservadoras dos anos 90, que, como anunciou seu principal *condotieri*, pretendiam "pôr fim a Era Vargas".

Desenhava-se uma espécie de antiprojeto nacional, que transformava em virtude a inserção subordinada do Brasil em um mundo desordenado. Antecipava-se o advento de "um novo Renascimen-

to" que permitiria ao Brasil aproveitar as "oportunidades" da globalização, minimizando seus "riscos", para reproduzir uma dicotomia que se incorporou ao jargão diplomático de então.

Mas o nível de desestruturação produtiva, a partir do aumento da vulnerabilidade externa da economia, agravou-se e, com ela, intensificou-se a degradação da situação social. Ainda que o sistema político não sofresse as mesmas ameaças das décadas precedentes, é evidente que a fragilidade da democracia econômica e social comprometia a democracia política.

As debilidades da política externa, órfã de um projeto nacional, só não apareciam mais porque ficavam ocultas pelo desempenho performático de uma diplomacia presidencial, que dava visibilidade ao governante sem dar força ao país. O discurso do presidente, tantas vezes festejado no exterior, não era nada mais que retórica.

Na busca de um novo projeto nacional, foi preciso reconstruir a política externa. Ela passou a ser, ao mesmo tempo, expressão e elemento estruturante de uma nova concepção de desenvolvimento, que fazia da inclusão social um elemento essencial do projeto, junto com a ampliação da democracia e a afirmação da soberania nacional.

A percepção dos constrangimentos internacionais, resultantes da desordem econômica, financeira, comercial e política internacional, levou à necessidade de associar projeto nacional a projeto regional. Dito mais claramente, o desenvolvimento nacional passou a ser pensado como estreitamente ligado ao desenvolvimento da região. Por essa razão, a nova política exter-



na - "ativa e ativa", como a definiu o chanceler Celso Amorim - focalizou a América do Sul como seu âmbito prioritário. Privilegiou a reconstrução do Mercosul, paralisado pelas crises das economias de seus países, tomando a firme decisão de avançar na direção da constituição de uma união aduaneira.

Mais que isso, tratava-se de transformar o Mercosul em um espaço de convergência de políticas ativas no âmbito industrial, agrícola e de serviços, que conduzissem à formação de cadeias produtivas regionais.

Junto com esse objetivo, e para melhor alcançá-lo, passa a ser importante a construção de sólida infra-estrutura de energia, transporte e comunicações que permita efetiva integração física dos países.

A cooperação implica também intercâmbio cultural intenso, canais de rádio e TV comuns, divisão de tarefas nos domínios da ciência e tecnologia, articulação das universidades.

A construção de instituições políticas para o Mercosul - para a solução de controvérsias, reforçamento da secretaria executiva e até mesmo um Parlamento eleito por voto direto - é vital e pode, inclusive, favorecer a integração econômica.

O Mercosul tem de ser social, trabalhista, e começar a pensar uma região articulada em torno de uma só moeda e de instituições financeiras centrais comuns.

Com essa consistência, o Mercosul transforma-se em paradigma para a região e acentua sua aproximação com os países andinos em busca da criação de um espaço comum econômico, social e político.

Para enfrentar as graves assimetrias contidas nas propostas de criação de uma Área de Livre Comércio das Américas, a Alca, é indispensável construir um espaço suficientemente regional sólido. Para tanto é fundamental que o Mercosul e a América do Sul possam ter uma política externa articulada, capaz de vencer o pesado protecionismo dos Estados Unidos e da Europa e de garantir o controle nacional/regional sobre nossas economias.

A intensa atividade desenvolvida pelo governo Lula no primeiro semestre, recebendo quase todos os presidentes da América do Sul em Brasília, não se confundiu com um ritual diplomático, mas estabeleceu bases sólidas para a cooperação bilateral e para a construção de uma unidade sul-americana.

Para tanto, o governo brasileiro não hesitou em convocar o BNDES a dar apoio necessário ao intercâmbio comercial, à expansão da infra-estrutura regional e à integração econômica.

O Brasil não vem se omitindo nas situações de conflito, como ilustra sua ação em direção à

Venezuela e seus esforços diplomáticos para uma solução de paz na Colômbia.

Consequência dessa intensa atividade é a crescente adesão de países da região e de outras partes do mundo à tese de que o Brasil deverá integrar, como membro permanente, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, quando se processar a necessária reforma da ONU e dos organismos multilaterais.

A ênfase na América do Sul não faz com que o Brasil descuide de outras esferas importantes da cena mundial. Expressão disso é a recente (re)abertura do dossiê africano e o fortalecimento de relações bilaterais privilegiadas com países como Índia, China, África do Sul, Rússia ou México, para só citar alguns de nossos parceiros com os quais praticamos um bilateralismo forte, que pode incidir positivamente também na recomposição de um mundo mais democrático e multipolar.

Finalmente, uma nota sobre as relações com Estados Unidos. A despeito dos evidentes contenciosos comerciais entre Brasil e EUA, resultantes em grande parte do acentuado protecionismo desse país e das diferenças na abordagem de alguns temas políticos internacionais relevantes, como ficou claro durante a crise do Iraque, as relações dos dois países vão muito bem.

Seguramente, um dos fatores que contribui para isso é a posição soberana com a qual o Brasil tem comparecido na cena mundial, associada aos êxitos logrados pelo governo Lula nos primeiros meses. Alguns críticos da política externa atual do Brasil afirmam que o país está dando passos maiores que suas pernas e que não possui recursos de poder capazes de sustentar nossa presença no mundo.

Essas opiniões refletem erros de avaliação de uns quanto ao que sejam recursos de poder, ou acentuada vocação para a submissão de outros. Os resultados da nova presença do Brasil no mundo em apenas cinco meses indicam uma realidade distinta.

O país está encontrando seu tamanho e procura fazer de sua política externa não só um instrumento de inserção soberana no mundo, mas uma ferramenta para reconstruir seu projeto nacional de desenvolvimento.

Não por acaso, um norte-americano, fino observador da política mundial, disse que "o Brasil de Lula poderia ser para os EUA de Bush o mesmo que a China de Mao havia sido para os Estados Unidos de Nixon, nos anos 70".

**Seguramente, um dos fatores que contribui para isso é a posição soberana com a qual o Brasil tem comparecido na cena mundial, associada aos êxitos logrados pelo governo Lula nos primeiros meses**

**\* Artigo publicado na revista Carta Capital**

**Marco Aurélio Garcia**, é professor licenciado do Departamento de História da Unicamp e assessor especial de Política Externa da Presidência da República



# Los migrantes brasileños y paraguayos en Argentina

Por Marcelo Roque Ríos



**L**a vida del migrante nunca fue fácil en ninguna parte del Planeta. Argentina no va a ser la excepción. Numerosos factores influyen para dificultar la estadía de un extranjero que desea instalarse en el país, trabajar y si es posible formar un nuevo hogar. Los nuevos tiempos no son muy favorables para tales determinaciones pues las legislaciones que rigen en los países del Mercosur en nada facilitan en la solución de dichos problemas. Si a éso agregamos las características de los ciudadanos del país receptor hacia el extranjero que llega, la problemá-

tica es infinita. En el caso de los brasilenos y paraguayos residentes en Argentina se podría decir que dependiendo de la región aumentan o disminuyen sus problemas. Específicamente en el área de la Triple Frontera, la situación es más simple, con menos restricciones y por sobre todo que no existe el rechazo de la población nativa hacia el extranjero, acostumbrados a la histórica presencia de ellos en la región. Avanzando más hacia el sur de Argentina -incluso en la frontera Posadas-Encarnación ya se percibe el afloramiento del chauvinismo mezcla-



do con un racismo disimulado e inconsciente, preferentemente hacia el paraguayo, no así hacia el brasileno, quizá sea debido a la poca migración brasilena.

Si se ubica a la provincia de Misiones en su totalidad, se podrá notar que en la región oriental -la costa del alto Uruguay- el número de gaúchos y catarinenses es muy numerosa. Estos contingentes son bien aceptados por la población nativa y sus relaciones están encuadradas dentro de los parámetros normales. La gran mayoría está compuesta de agricultores de mediano y bajo porte económico sin por ello ignorar pequeños grupos detentores de un alto poder financiero y técnico. La preponderancia de las costumbres brasilenas, tanto en el vestir, culinaria e idiomática hablan a las claras sobre la incidencia del inmigrante sobre la población nativa, propio de un país fuerte y expansivo sobre otro más débil y que sobre todo se repliega de fuera hacia dentro, abandonando sus fronteras y con ello a sus habitantes nativos, tal el caso de Argentina.

Ya en la costa del Alto Paraná, en la región de Eldorado, podría decirse que la situación del inmigrante muda, y para peor. La inmigración germánica del siglo XX trajo aparejado el problema del racismo y de la ideología nazi-fascista, convirtiendo dicho corredor en un "país propio". Conocidos son los desfiles de inmigrantes alemanes y de sus hijos ya nacidos en territorio argentino, con los uniformes y banderas hitlerianas en los años de la década del 30 y 40, preámbulo de los escondederos de criminales nazis refugiados en Argentina. Esa generación de germanos mucho dificultó -y aún hoy lo hace- la convivencia armónica con los recién llegados, paraguayos o brasilenos y aún con los propios argentinos de otras provincias. Siguiendo hacia el sur, es la ciudad de Buenos Aires y su

entorno en la provincia del mismo nombre, donde se albergan la mayoría de los inmigrantes paraguayos y en menor cantidad los brasilenos. Desde siempre el paraguayo fue visto con malos ojos por los argentinos y pesar de no existir en la legislación ley alguna que favorezca el racismo y la discriminación, la realidad es otra. Expresiones despectivas hacia ellos, trato descomedido, las peores condiciones de trabajo y los más bajos salarios. En realidad el trabajo para las mujeres solo consiste en las labores domésticas y por consiguiente con horarios más cercanos a la esclavitud ya que en media éstos superan las 16 horas. Siempre el tratamiento es eminentemente autoritario. La mujer paraguaya de condición humilde y campesina, soporta estas condiciones laborables debido a la falta de trabajo en su país y a sus salarios más bajos aún que los de Argentina.

Los inmigrantes brasilenos no son muchos. La discriminación es por color de piel. Con la constitución del Mercosur y la intensificación del turismo hacia el sur brasileno, dicho preconcepto fue disminuyendo, pero se han dado casos en el mismo consulado de la Unión en Buenos Aires, que los ciudadanos brasilenos fueron obligados a utilizar las escaleras y ascensores de servicio por presión del personal argentino.

Por lo expuesto sintéticamente puede conferirse que en general en Argentina el inmigrante brasileno es mejor aceptado que el guaraní, tal vez sean dos los motivos: primero, que la cantidad de brasilenos es muy reducida y no obstaculiza la mano de obra nativa y provienen de un país altamente industrializado, caso contrario con los de origen paraguayo que llegaron a una cifra cercana al millón y medio de refugiados y nacidos en un Estado empobrecido y antiguo rival en la guerra del siglo XIX.

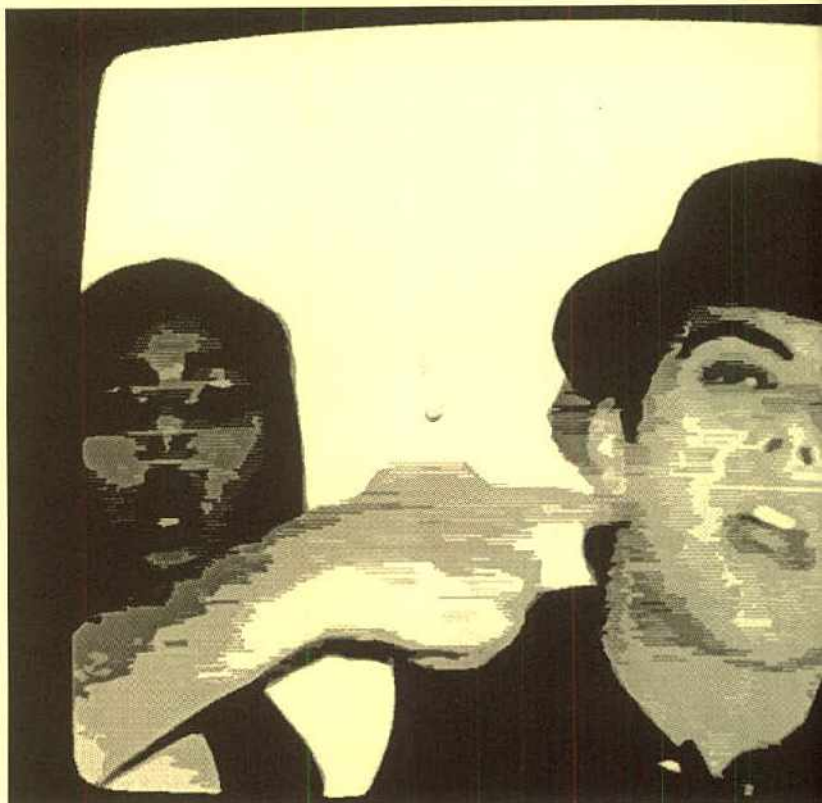
**Ya en la costa del Alto Paraná, en la región de Eldorado, podría decirse que la situación del inmigrante muda, y para peor**





# A sociedade iguaçuense e as drogas

Por José Elias Aiex Neto



**C**onstituindo-se em um dos maiores flagelos da sociedade contemporânea, a questão das drogas tem merecido a preocupação da imensa maioria das famílias brasileiras, as quais assistem, estupefatas, o narcotráfico tomar conta de diversas regiões das grandes cidades, principalmente daquelas onde reside a população mais desassistida dos direitos básicos de cidadania. O povo brasileiro não consegue acreditar no fato de que realmente chegamos a uma situação que se pode caracterizar como uma verdadeira guerra entre o poder público legitimado democraticamente e o poder paralelo do crime organizado.

Mas o mais grave é que a sociedade não tem se colocado como protagonista e elemento fundamental para a solução do problema. Todas as vezes em que se abre a discussão sobre o tema, a maioria das pessoas adota uma posição de não querer se aprofundar no assunto, principalmente por medo, o qual é relativamente justificado

pela realidade que é trazida a todos os lares, principalmente pela televisão.

A gravidade assinalada acima tem fundamento nos estudos dos profissionais que se dedicam ao tema das drogas e que não vislumbram outra saída a não ser através da participação de todos os brasileiros.

**Saúde pública** - Em 1990 a Abead (Associação Brasileira de Estudos do Alcool e outras Drogas), entidade que reúne os profissionais que mais entendem do assunto, emitiu sua posição oficial em relação ao tema.

Segundo a mesma, para se iniciar com sucesso uma tentativa de enfrentamento da problemática das drogas seria preciso aceitar seis pressupostos básicos, quais sejam:

- A questão das drogas deve ser tratada, fundamentalmente, como problema de saúde pública;

- É preciso abordar o problema em sua totali-





dade, incluindo tanto as drogas lícitas quanto as ilícitas;

- Uma política de luta contra a toxicomania deverá integrar-se em uma política social geral;
- A abordagem do problema deverá respeitar as particularidades históricas e sociais do país e das suas diferentes regiões;
- A política de luta contra a droga deverá basear-se nos conhecimentos científicos do tema.

Em 1998 o presidente Fernando Henrique Cardoso convocou a sociedade brasileira para um debate sobre a questão das drogas, realizando em Brasília o Fórum Nacional Antidrogas, do qual participaram cerca de 1,2 mil pessoas advindas de todas as regiões do país. Tais pessoas chegaram à conclusão de que a prioridade deveria ser dada ao combate dos problemas causados pelo álcool e pelo tabaco, seguramente os causadores dos maiores prejuízos à sociedade brasileira nessa área. Naquele ano, FHC criou a Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), que funciona liga-

da ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, no Palácio do Planalto.

A Senad desenvolveu uma proposta de Política Nacional Antidrogas, a qual tem dado ênfase à prevenção do uso e tratamento dos danos sociais e dos efeitos das drogas sobre os usuários. No entanto, tal política tem encontrado muita dificuldade para ser implementada, principalmente por não cumprir uma das premissas básicas assinaladas pela Abead, já relatadas acima. Não adianta pensar que sem a participação de toda a sociedade seremos capazes de chegar a qualquer possibilidade de êxito, mesmo que a proposta de política seja bem estruturada na sua concepção técnica.

**Comad** - O texto da Política Nacional Antidrogas da Senad diz o seguinte: "A efetiva prevenção é fruto da parceria entre os diferentes segmentos da sociedade brasileira, decorrente da filosofia da Responsabilidade Compartilhada, apoiada pelos órgãos governamentais federais, estaduais e municipais. A execução desta política, no campo da prevenção, deve ser descentralizada ao nível municipal com o apoio dos conselhos municipais antidrogas. Para tanto, os municípios devem ser incentivados a instituir o seu conselho municipal antidrogas (Comad)".

Em Foz do Iguaçu já foi criado o Conselho Municipal Antidrogas, através de decreto assinado em maio de 2002 pelo prefeito Sâmís da Silva (PMDB). Para o seu funcionamento, falta ainda o prefeito indicar os seus membros. A sociedade, por sua vez, assiste passivamente as coisas acontecerem, apesar de a cidade fazer parte da rota do narcotráfico e de centenas de pessoas estarem presas nos locais de reclusão existentes no município enquadradas no crime de tráfico, sem falar nos que já morreram em consequência do problema.

Por tudo o que foi dito acima e pela realidade atual, o que podemos prever é que a cidade de Foz do Iguaçu continuará vivendo uma triste realidade: o império do narcotráfico deita suas garas sobre a nossa juventude e domina vários setores da sociedade local, pessoas morrem em consequência não só das substâncias químicas que são consideradas drogas, mas também da guerra que existe entre traficantes; e, principalmente, uma profunda sensação de impotência toma conta da alma daqueles que não aceitam esse estado de coisas mas se vêem sozinhos, como Dom Quixote, lutando contra uma força que não é explicitada, mas que toma conta da sociedade. Infelizmente.

**"Uma política de luta contra a toxicomania deverá integrar-se em uma política social geral"**

**"É preciso abordar o problema em sua totalidade, incluindo tanto as drogas lícitas quanto as ilícitas"**

---

**José Elias Aiex Neto** - é médico psiquiatra e presidente da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu; autor do livro *As drogas em tempos de neoliberalismo*



# Visita de Hariri reuniu sentimento comum na Fronteira Trinacional

Por Zé Beto Maciel



M

uito mais do que instalar um consulado em Foz do Iguaçu e uma embaixada em Assunção, a visita do premiê libanês, Rafik Hariri, no dia 11 de junho a Foz do Iguaçu, reuniu uma espécie de sentimento único na comunidade da fronteira trinacional entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina.

"Queremos respeito. Somos trabalhadores, desenvolvemos essa região. Nossos filhos são filhos desta terra. Somos mais brasileiros do que árabes, apesar do nosso intenso sentimento de amor com a nossa pátria-mãe. Não somos aquilo que nos querem impingir. Somos uma comunidade ordeira, trabalhadora e leal ao Brasil".

Foram essas as afirmações que colhi nos dez dias que anteciparam a visita de Hariri na qual a comunidade árabe da fronteira pretendeu e mos-

trou o quanto a região é hospitaleira e fraterna. Os árabes chamaram atenção da mídia, de modo positivo, e reuniram todos os seus segmentos, associações e porque não dizer, as divergências tão comuns numa comunidade.

"Foi uma verdadeira operação de guerra. Em menos de dez dias, tínhamos de mostrar que nada daquilo que é maldosamente veiculado tem sentido. A união desse sentimento, dos segmentos, das associações, mostrou ao ministro Hariri que a região é hospitaleira, fraterna e tem um potencial econômico enorme. Aqui não só floresce o turismo, o comércio é também pujante e o crescimento de outros pólos, como o ensino superior, já se destacam", repetia o empresário Fouad Fakih.



**Consulado e embaixada** - A recepção da comunidade, formada por mais de 15 mil árabes e descendentes, impressionou Hariri. "Vocês são um grande país que acolhe uma parte do futuro do mundo, neste universo, cujas partes estão ficando cada vez mais próximas. E nós continuaremos a trabalhar para ficar tão perto de vocês quanto a colônia libanesa é de seu país de origem", disse Hariri a um estudante que declamou uma poesia em sua homenagem.

O primeiro-ministro e sua comitiva foram recebidos em quatro encontros oficiais e em três jantares em Foz do Iguaçu. Hariri gostou da visita e se emocionou em vários momentos. "Continuem amando esta terra que os acolheu com gratidão, mas também não esqueçam da nossa pátria querida: o Líbano".

Rafik Hariri garantiu a instalação de um consulado libanês em Foz do Iguaçu e de uma embaixada em Assunção, capital do Paraguai. Também sinalizou para uma série de investimentos nas áreas de turismo, educação e agronegócios.

"Nos orgulha revelar que a nossa cidade é palco de um crescimento surpreendente no ensino superior. Estamos caminhando rumo a consolidação de um pólo universitário e o nosso povo está envolvido e inserido nesse processo", destacou Fakhri.

**Discriminação** - Um dos motivos principais da visita de Rafik Hariri foi ratificar a informação de que na região trinacional Brasil-Argentina-Paraguai não existem células terroristas. Em seu discurso no jantar em homenagem a Hariri, Fouad Fakhri afirmou que a visita do premiê libanês ressaltou o que constatarem os próprios representantes norte-americanos que desmentiram as notícias infundadas e caluniosas da imprensa internacional.

"Após meses de discriminação e sofrimento com notícias infundadas, nosso povo recebeu uma boa notícia, onde o coordenador da missão contra o terrorismo do Departamento dos Estados Unidos, J. Cofer Black, confirmou o que nossas autoridades sempre afirmaram: 'Não existe qualquer célula terrorista na tríptica fronteira' e recomendará seu filho a passar a lua-de-mel neste lugar maravilhoso", disse Fakhri.

"Hoje, só no Brasil somos mais de nove milhões, nas Américas - da Patagônia ao Alasca - somos próximos de 20 milhões, ou seja, cinco Líbanos. O Brasil tornou-se a nossa segunda pátria, e na região trinacional, convivemos em paz numa relação harmoniosa que envolve 65 etnias".

trois Fuad Saniura (Fazenda), Ali Abdallah (Turismo), Marwan Hanade (Economia) e Elie Skaf (Produção) - assistiram e receberam de presente um vídeo institucional preparado pelo Conselho Anfitrião da Comunidade Árabe Libanesa. O documentário, com cerca de cinco minutos de duração, abordou as potencialidades de Foz e a chegada dos primeiros árabes na região, em 1950. "Quando os primeiros homens e mulheres de origem árabe chegaram, foram morar em várias cidades do Paraná, mas foi em Foz do Iguaçu que a maioria se instalou".

O material abordou ainda os cerca de dois milhões de habitantes de Foz e região trinacional, que abrange um raio de 100 quilômetros. Outros pontos abordados ainda foram o evento "Paz sem Fronteiras", realizado em 2001 e que reuniu representantes das 65 etnias que habitam a região.

As potencialidades, ainda pouco exploradas, dos marcos das Três Fronteiras, margens da BR-469 (Avenida das Cataratas) e dos rios Paraná e Iguaçu também foram apresentadas. O documentário foi encerrado com o comentário colocando Foz como o lugar ideal para investimentos.

**"O Brasil tornou-se a nossa segunda pátria, e na região trinacional, convivemos em paz, numa relação harmoniosa que envolve 65 etnias"**



**Vídeo** - Hariri e comitiva - os quatro minis-

**Zé Beto Maciel é jornalista**



# Hoje, só no Brasil, somos mais de nove milhões

**Fouad Fakihi em seu discurso de saudação ao ministro Rafik Hariri destaca saga árabe-libanesa**

É preciso expressar a satisfação de falar a esta distinta platéia, em especial quando temos a honra de receber sua excelência Rafik Hariri, acompanhado de seus ilustres ministros e comitiva. Senhoras e senhores, lembro-me da partida de meus pais e de outros libaneses, deixando a terra natal em busca de um novo recomeço nas Américas. Porém, apesar da tristeza no coração, que sente quem deixa sua pátria, levavam no olhar a esperança de tempos melhores e de oportunidades de progresso.

Foi uma migração árdua e conturbada. Partida marcada pelas incertezas do destino desconhecido, a distância da família, parentes e amigos e pelas dificuldades financeiras, pois, para muitos, a compra da passagem de terceira classe em um navio custou todo o patrimônio. Mas, nosso povo é forte, determinado e dotado de coragem. E, como o cedro, manteve-se firme e forte. Fomos acolhidos, de forma fraterna e harmoniosa, por todos os povos do mundo, em especial pelo generoso povo brasileiro.

Hoje, só no Brasil, somos mais de nove milhões, nas Américas - da Patagônia ao Alasca - somos próximos de 20 milhões, ou seja cinco Líbanos. O Brasil tornou-se nossa segunda pátria e aqui destaco a região Trinacional do Iguassu onde convivemos em paz numa relação harmoniosa que envolve 65 etnias das mais variadas religiões. Aqui, senhor presidente, nos tomamos prova de que é possível derrubar barreiras e unir os povos em torno dos mesmos ideais, nossa convivência fraterna é um exemplo para o mundo.

Em 11 de novembro de 2001, realizamos o movimento "Paz sem Fronteiras", organizado pela sociedade civil da região Trinacional do Iguassu, com o aval e participação dos governos Municipal, Estadual e Federal, além do apoio da imprensa local, nacional e internacional. O movimento também contestou com coragem as agressões discriminatórias sofridas pela região, apontada tendenciosamente como um possível centro para o terrorismo. Reuniram-se num mesmo palco, líderes religiosos das mais diferentes correntes, políticos de diversas ideologias e mais de 40 mil brasileiros, paraguaios e argentinos, além de outras 62 etnias, todas empunhando orgulhosamente suas bandeiras.

Todos num só local, sob uma só bandeira e defendendo a mesma proposta. Isto porque aqui se vive em paz. Aqui impera o respeito e a fraternidade. Independente de nossas origens, somos um só povo.

Após meses de discriminação e sofrimento com notícias infundadas, nosso povo recebeu uma boa notícia, onde o coordenador da missão contra o terrorismo do Departamento de Estados dos Estados Unidos da América, J. Cofer Black, confirmou o que as nossas autoridades sempre afirmaram: "Não existe qual-

quer célula terrorista na Tríplice Fronteira", e recomendará a seu filho passar a lua-de-mel neste lugar maravilhoso.

Com certeza, sua visita nos avaliza perante o mundo, em especial junto aos governos da comunidades européia e norte-americana, em função das boas relações que V.Excia mantém com eles no âmbito político, empresarial e pessoal. Senhor presidente, sabemos de todo o potencial econômico e de investimentos de muitos descendentes libaneses espalhados pelo mundo. Um deles é vossa excelência.

Sabemos também do potencial da região em que vivemos e que acolheu tão bem o nosso povo.

Foi aqui que muitos enriqueceram, econômica e culturalmente, tomando-se os pilares de sustentação de famílias que sofreram durante os trágicos anos de guerra em nossa terra, onde vossa excelência teve um papel preponderante na reconciliação e reconstrução do País, hoje lamentamos os acontecimentos violentos ocorridos em Gaza e Jerusalém.

Temos consciência da globalização e sabemos que o capital não tem pátria, mas, por tudo o que a América, e em especial o Brasil, Paraguai e Argentina, representaram para os nossos antepassados, é nosso dever retribuir. Aliás, a reciprocidade é uma das virtudes do nosso povo.

Pesquisando sobre sua vida pessoal, constatamos a importância que vossa excelência dá à saúde e à educação. Por essa razão nos orgulha revelar que nossa cidade é palco de um crescimento surpreendente no ensino superior. Estamos caminhando rumo a consolidação de um pólo universitário e nosso povo está envolvido e inserido nesse processo. Senhor Hariri, vossa excelência sabe do potencial dessa região, de suas riquezas naturais e da fertilidade do nosso solo.

Apesar da sua vocação comercial e turística, a região tem grande potencial no setor dos agronegócios, e acima de tudo, da capacidade empreendedora de sua gente. Sabe também do respeito e da admiração que nosso povo possui por este pedaço de chão.

É aqui que reinvestimos o que ganhamos. Aqui estão nossas famílias, nossa cultura e nossa tradição. Esse chão tem nossa marca em seu progresso. Somos parte da história da região há mais de 50 anos. Representamos a segunda maior comunidade de libaneses emigrados no Brasil.

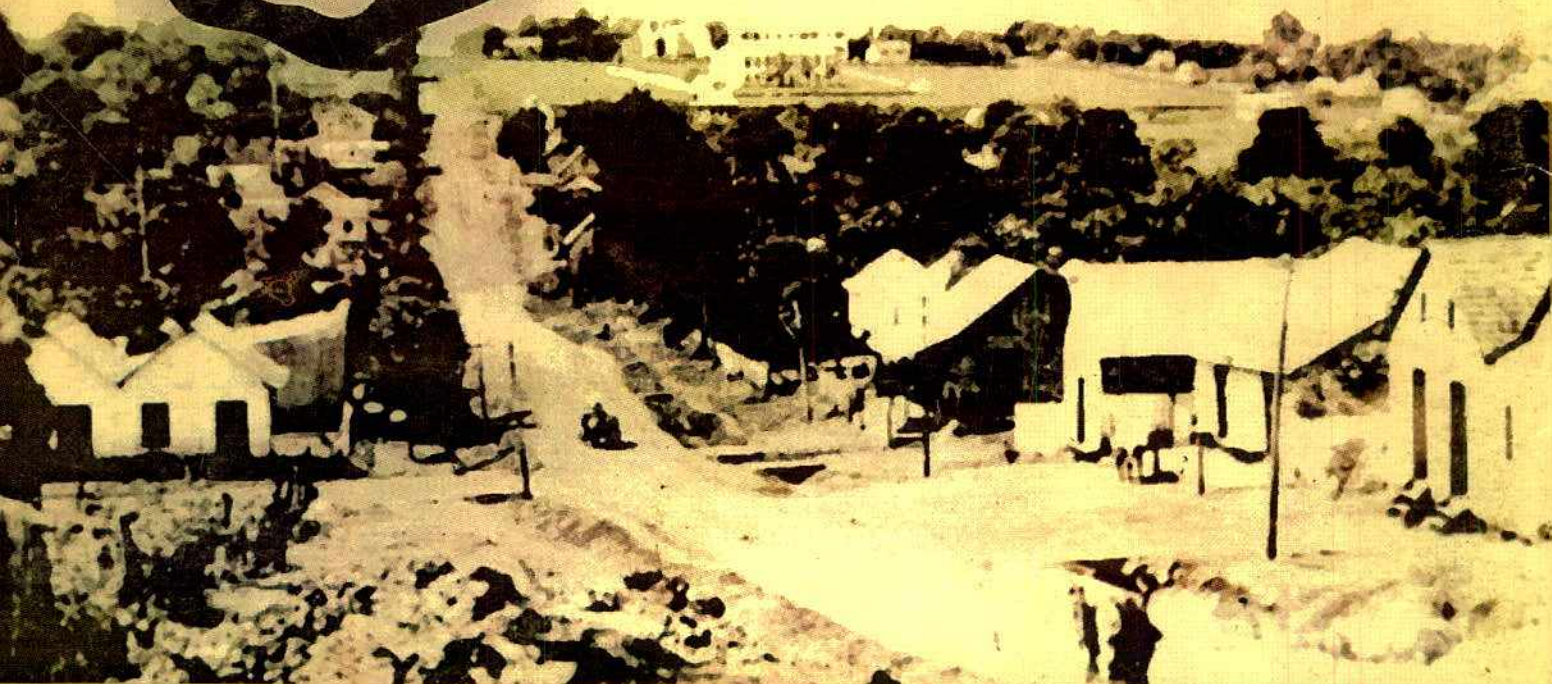
Por essas razões, muito nos honra saber que vossa excelência acredita nesta terra, em sua gente e no futuro promissor que podemos continuar construindo aqui. Parceiros como vossa excelência credenciam ainda mais essa perspectiva, tornando-a realidade. Foz do Iguaçu e a Região Trinacional do Iguassu, mais conhecida por Tríplice Fronteira, fazem parte do "Planeta Líbano". Seja bem-vindo hoje e sempre.











APOIO:

